



0-2813 - R -  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

Departamento de Estudos Portugueses

**ENDOGAMIA E EXOGAMIA DAS ALIANÇAS MATRIMONIAIS  
NUMA FORMAÇÃO SOCIAL DE MONTANHA:  
A Freguesia de Cortes do Meio na Serra da Estrela**

por *JUDITE MARIA NUNES ESTEVES*

Dissertação apresentada à Universidade Nova de Lisboa  
como requisito parcial para obtenção  
do Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas  
— Culturas Regionais Portuguesas —

Orientador

Professor Doutor Armindo dos Santos



**1992**

37558



## ÍNDICE

Páginas:

AGRADECIMENTOS.....	3
---------------------	---

### INTRODUÇÃO

1. Objectivo da investigação e referências teóricas.....	5
2. Metodologia.....	14
2.1. Recolha de informação.....	14
2.2. Exploração dos registos paroquiais.....	18
2.3. Tratamento informático dos dados recolhidos.....	22
3. O local de investigação.....	25

### CAPÍTULO I

UMA FORMAÇÃO SOCIAL DE MONTANHA: CORTES DE BAIXO, CORTES DO MEIO, BOUÇA.....	29
1. Características geográficas.....	29
2. A freguesia como unidade administrativa .....	41
3. Povoamento e toponímia.....	45
4. Organização espacial e representações mentais.....	49
5. Evolução demográfica.....	57
6. Actividades agro-pastoris.....	62
7. Incidências do sector secundário.....	67





## CAPÍTULO II

TROCAS MATRIMONIAIS - Análise quantitativa.....	80
1. A escolha de cônjuge: algumas considerações teóricas...	80
2. Direcções espaciais das alianças matrimoniais dentro da freguesia.....	83
2.1. Endogamia e exogamia de lugar e de freguesia.....	84
2.2. Direcções preferenciais das alianças matrimoniais inter-lugares.....	89
2.3. Circulação de mulheres e homens .....	92
3. Mobilidade residencial.....	96
4. Alianças matrimoniais com o exterior da freguesia.....	102

## CAPÍTULO III

RECONSTITUIÇÕES GENEALÓGICAS - Mecanismos de troca.....	107
1. Valor informativo das genealogias.....	107
2. Renovação de alianças matrimoniais inter-lugares.....	113
3. Reencadeamentos de alianças.....	125
3.1. Fechamentos consanguíneos dos casamentos.....	126
3.2. Reencadeamentos dos casamentos na afinidade .....	131
4. Inserção espacial dos reencadeamentos dos casamentos..	135
CONCLUSÃO.....	142

BIBLIOGRAFIA.....	155
-------------------	-----

Índice dos mapas.....	167
Índice dos quadros.....	167
Índice dos diagramas.....	168
Índice das fotografias.....	168

ANEXOS.....	170
-------------	-----



### AGRADECIMENTOS

Queremos expressar aqui, a nossa gratidão para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, permitiram a realização deste trabalho.

É sempre agradável recordarmos o dia em que pela primeira vez chegámos - sob o impulso do Professor Armindo dos Santos - a Cortes do Meio. A simpatia, a hospitalidade, recebida nesse dia, desfez os nossos medos, as nossas apreensões. Não sabemos dizer se ao longo destes anos de periódico convívio, essa simpatia e hospitalidade se manteve ou aumentou. Sabemos apenas que, para nós, estar em Cortes do Meio é sempre um prazer. A todos os seus habitantes estamos imensamente agradecidos.

Academicamente, esta investigação deve a sua concretização à presença firme, junto de nós, do Professor Armindo dos Santos. Foram os seus Seminários que nos atraíram para esse "estranho mundo" do Parentesco. Com um



modo muito próprio de aliar as suas qualidades científicas e humanas, o Professor Armindo dos Santos compartilhou connosco a sua experiência de trabalho, apoiou-nos e estimulou-nos, de forma a sempre nos sentirmos acompanhados ao longo de todo este percurso.

Gratos estamos também ao Professor João Nazaré. Com ele entrámos nos meandros das técnicas de investigação e de organização de um trabalho científico. Os seus conselhos acompanharam-nos nas nossas incursões no terreno da pesquisa. Esforçámo-nos, na apresentação final desta investigação, por nada esquecer do que nos ensinou.

Recordamos ainda, com saudade, os Seminários do Professor Moisés Espírito Santo. A sua forma tão própria de nos transmitir os resultados da sua investigação, aumentaram o nosso entusiasmo por este género de estudos.

Estamos também agradecidos ao Instituto Nacional de Investigação Científica (I.N.I.C.), que ao apoiar o nosso trabalho, com uma bolsa de estudo no ano 1989/90, nos deu grande incentivo e disponibilidade de tempo para a sua concretização.

Finalmente, uma palavra de agradecimento muito carinhosa para os meus pais e para os meus filhos, que nesta minha longa "ausência" sempre se mantiveram pacientemente presentes.



## INTRODUÇÃO

### 1. Objectivo da investigação e referências teóricas

A investigação que procurámos concretizar, insere-se num dos domínios da antropologia do parentesco que tem contribuído grandemente para o estudo das sociedades ditas tradicionais: o campo das trocas matrimoniais.

Foi nosso objectivo analisar a forma como se processaram as alianças matrimoniais, durante determinado período, numa sociedade de montanha com características de relativo isolamento geográfico.

O local de investigação escolhido, foi a freguesia de Cortes do Meio, uma formação social que ocupa um dos vales de Serra da Estrela e que se divide em três núcleos aldeãos descontínuos no espaço: Cortes de Baixo, Cortes do Meio e Bouça.

Foi no espaço geográfico desta freguesia que tentámos





evidenciar, por um lado, as direcções espaciais tomadas pelas alianças matrimoniais realizadas entre 1810 e 1930, e por outro, determinar a categoria de parentes no seio da qual se processaram, preferencialmente, determinado número de casamentos. Procurámos também, perceber as correlações aparentes entre a distância espacial dos lugares de nascimento e a distância do grau de parentesco, na escolha do cônjuge ideal.

As alianças observadas numa estrutura complexa de parentesco, típica das sociedades ocidentais, permitem pensar que em Cortes do Meio a escolha do cônjuge é deixada à iniciativa individual, obedecendo unicamente à lei da proibição do incesto.

Mas, apesar dos sistemas complexos de parentesco serem caracterizados por Lévi-Strauss (1982) pela ausência de uniões preferenciais ou prescritivas, este autor colocou a questão de saber se não existirá também, nestes sistemas, certas regularidades deste tipo nas trocas matrimoniais. Ao existirem, podem tornar-se manifestas, se observarmos um número significativo de gerações de casamentos.

Com efeito, se nas estruturas elementares há sempre, apesar da prescrição, uma certa liberdade de escolha, também nas estruturas complexas esta não é absolutamente livre, estando sujeita a determinado número de limitações.

Entre as limitações determinantes na escolha de cônjuge, podemos constatar as de ordem espacial. De facto, distribuindo-se as populações em determinado espaço



geográfico, os casamentos tornam-se possíveis em imediações circunscritas por distâncias limitadas, sendo raras as ocasiões em que indivíduos mais distanciados uns dos outros se casam entre si.

Não estaremos possivelmente a fugir à realidade, se considerarmos que as condições geográficas, de relativo isolamento, que caracterizam os três núcleos populacionais em estudo, terão obrigado a que as trocas matrimoniais se tenham realizado até tempos bastante próximos, quase exclusivamente dentro de cada um e entre os três lugares.

Se, da mesma forma, tivermos em consideração a dimensão demográfica da freguesia, em que o lugar mais populado ronda os 700 habitantes e o menor os 150, poderemos facilmente deduzir que a reprodução de cada um dos grupos passará por alianças matrimoniais realizadas entre si. Este facto não evitará, apesar de tudo, que o número de indivíduos casáveis não consanguíneos seja sempre limitado.

Estas circunstâncias que, entre outras, caracterizam o nosso local de investigação, conduzem naturalmente a uma situação em que os casamentos entre parentes, consanguíneos ou afins, em diferentes graus, serão necessariamente obrigatórios.

Todavia e na generalidade, as circunstâncias que levam à escolha de cônjuge não se limitam às condicionantes apresentadas; estratégias várias, conscientes ou inconscientes, parecem determinar também esta escolha. No entanto, na presente investigação, será a forma como se

reproduzem as alianças matrimoniais que procuraremos descrever, tendo em atenção, por um lado, a interacção dos espaços em que estas se realizam, por outro, o campo parental - assinalando possíveis regularidades na forma de escolha do cônjuge.

O suporte teórico deste trabalho, emerge de estudos antropológicos que desde o final do século passado têm feito do parentesco e do casamento os seus principais temas. Antropólogos como Morgan (1870), Radcliffe-Brown e Daryll Forde (1982) e Murdock (1972), entre outros, elaboraram trabalhos cujo contributo foi grande e fundamental para o desenvolvimento deste tipo de estudos. Mas é no seguimento das investigações desenvolvidas a partir da obra de Claude Lévi-Strauss "As Estruturas Elementares do Parentesco" (1982), que procuram nas estruturas complexas do parentesco detectar modalidades elementares de troca, tornando inteligíveis estratégias e estruturas que permitam a formulação de regras ou princípios, que a nossa investigação pretende inserir-se e dar se possível uma contribuição.

Com efeito, depois da análise empreendida por Lévi-Strauss em relação às estruturas elementares do parentesco, marcando profundamente este tipo de estudos, fica-se à espera de estudo idêntico sobre as estruturas complexas. Mas o autor, apenas analisando as primeiras, deixa o caminho aberto para os que pretenderem estudar e analisar as segundas.

Actualmente, são vários os estudiosos que analisam e

procuram caracterizar as estruturas complexas de parentesco, fazendo investigações nas sociedades de tipo ocidental.

É fundamentalmente em autores franceses, como Françoise Héritier, Martine Segalen, Pierre Bourdieu e Pierre Lamaison entre outros, que encontramos preocupações, de alguma forma, semelhantes às nossas.

Dos trabalhos de Françoise Héritier, retivemos essencialmente a sua reflexão formal sobre as estruturas complexas de aliança. Partindo da obra de Lévi-Strauss, esta investigadora procura compreender o funcionamento das estruturas semi-complexas de aliança, considerando estas como um terreno ainda desconhecido da antropologia, entendendo-as como um ponto de articulação entre as formas elementares e as complexas de aliança "pelo facto de, ao decretarem proibições matrimoniais, e não prescrições, mas em termos de filiação a grupos, poderem ser consideradas como dependentes das estruturas elementares, enquanto a rede probabilista de aliança, que estas proibições engendram com toda a lógica as faz derivar das estruturas complexas" (1989b:42).

O estudo das estruturas semi-complexas de aliança, leva Françoise Héritier a interrogar-se sobre a possibilidade de transposição das suas regras de funcionamento para as estruturas complexas, visto ser a compreensão destas últimas uma das preocupações dos antropólogos do parentesco.

Retomando as palavras proferidas por Lévi-Strauss, quando em 1965, numa conferência, se refere ao futuro dos estudos

do parentesco, Hérítier afirma: "não se pode aspirar a uma teoria geral do parentesco enquanto esta não tiver em consideração todos os tipos de sociedade humana e não for capaz de dar conta quer do funcionamento das estruturas elementares quer do das estruturas complexas de parentesco e aliança." (1989b:41)

Os trabalhos desta investigadora, levam-na a considerar a possibilidade de a realização de estudos suficientemente vastos e profundos, sobre as alianças matrimoniais nos sistemas complexos, poderem deixar transparecer estruturas detectáveis que, apesar de não terem correspondência nos sistemas elementares, permitam uma compreensão dos primeiros, idêntica à atingida em relação aos segundos. Neste sentido, Françoise Hérítier conclui a sua obra "L'Exercice de la Parenté" escrevendo: "pode não estar excluído que a análise das escolhas realmente operadas por grupos humanos suficientemente vastos e com suficiente profundidade, faça aparecer a existência de critérios dependentes de um sistema tácito de filiação e de classificação hierárquico dos diferentes tipos de consanguíneos em função desta escolha tácita de filiação." (1981:166).

Com o objectivo de compreender e detectar regularidades nos mecanismos de aliança matrimonial nos sistemas complexos, vários investigadores, entre os quais aqueles por nós supra citados, têm desenvolvido trabalhos de terreno.

Martine Segalen, no seu estudo intitulado "Quinze

Générations de Bas-Bretons" (1985), realiza uma análise do sistema de parentesco em articulação com a economia, na região francesa denominada "bigoudin Sud". Utilizando, entre outros, um método informático para uma análise estatística das genealogias, procurou estabelecer a frequência de alguns comportamentos nos modos de aliança matrimonial como os reencadeamentos de aliança entre *linhadas*<sup>1</sup> e casamentos consanguíneos.

Também Pierre Lamaison, na investigação realizada em Gévaudan (1979), vai, através de um tratamento informático de dados recolhidos em registos paroquiais e notariais, reconstituir as linhas patrimoniais da paróquia (freguesia) e elaborar genealogias bilaterais. Detectará assim, a existência de trocas matrimoniais restritas e generalizadas entre as várias linhas patrimoniais, as quais relaciona com a circulação dos dotes.

Pierre Lamaison, segue o caminho já traçado por Pierre Bourdieu (1972) que abordou, também numa perspectiva etnológica, a questão da escolha do cônjuge no seio de uma população francesa, em Béarn. Ambos procuram relacionar os modos de aliança matrimonial com estratégias ligadas à

---

1 - O termo *linhada* que aqui utilizamos, corresponde à tradução dada por Armindo dos Santos à palavra francesa *lignée*, na sua obra *Heranças - estrutura agrária e sistema de parentesco numa aldeia da Beira-Baixa* (1992). Nesta obra, o autor define a *linhada* como um segmento de linhagem, através da qual se transmitem bens de vária ordem por via masculina ou feminina. Podendo estas, por sua vez, subdividirem-se entre filhos primogénitos e filhos segundos, no caso de transmissão de bens (ver em particular o Capítulo VIII).

transmissão de bens.

Para Pierre Bourdieu: "As estratégias propriamente matrimoniais não deverão ser dissociadas sem abstracção das estratégias sucessórias nem mais das estratégias de fecundidade, nem mesmo das estratégias pedagógicas, quer dizer do conjunto das estratégias de reprodução biológica, cultural e social, que todo o grupo põe em funcionamento para transmitir à geração seguinte, mantido ou aumentado, os poderes e os privilégios que eles mesmos herdaram." (1972:1125)

Os estudos aqui referidos, que se debruçam sobre a lógica dos mecanismos da escolha de cônjuge nas sociedades camponesas tradicionais europeias, apontam para o facto da escolha do cônjuge passar por estratégias de alguma forma relacionadas com a transmissão de bens de vária ordem. Sem negar esta condição, é possível pensar que ela não explique totalmente as trocas matrimoniais realizadas nos sistemas complexos.

Na realidade, parece possível dizer que o trabalho feito em relação à definição dos tipos de trocas nos sistemas elementares, está longe de ter sido elaborado em relação aos sistemas complexos de parentesco.

Apesar de investigarmos sociedades com fortes marcas históricas, em que podemos recorrer a fontes orais ou escritas, que permitem, por exemplo, a reconstituição de genealogias muito para além da facultada pela memória colectiva, as dificuldades na observação de regularidades



matrimoniais parecem no entanto ser uma evidência.

Martine Segalen constata estas mesmas dificuldades, por nós referidas, na sua investigação quando escreve: "Nas sociedades complexas, aquelas que não prescrevem cônjuges, segundo a distinção introduzida por Claude Lévi-Strauss e retomada por Françoise Héritier, parece difícil poder observar as regularidades matrimoniais, as trocas entre cônjuges repetindo-se regularmente ao longo de gerações." (1985:117).

Contudo, os estudos com pretensões a contribuírem para uma teoria do parentesco nas sociedades complexas continuam a surgir.

Em Portugal, porém, o parentesco, como campo de estudos, só muito recentemente mobilizou a atenção dos investigadores. Podemos citar como trabalhos neste âmbito, a obra de Brian O'Neil (1984) sobre Fontelas, em Trás-os-Montes e, mais particularmente, a de Armindo dos Santos (1992) na medida em que este se dedicou ao estudo exaustivo de um sistema de parentesco local - concretamente o de uma aldeia na região da Beira-Baixa -, correlacionando-o com o espaço onde este se inscreve.

Nestas condições, consideramos o nosso trabalho como uma tentativa de iniciação, a este género de estudos, sem todavia negarmos o ensejo de, com ele, contribuir para a compreensão das trocas matrimoniais nos sistemas complexos de parentesco de sociedades rurais de tipo ocidental.

## 2. Metodologia

### 2.1 Recolha de informação

A elaboração da investigação proposta exige a conjugação de diferentes técnicas metodológicas, como a observação directa, análise e interpretação de documentos de arquivo, entrevistas, entre outros.

Vimo-nos assim perante métodos - a análise e interpretação de documentos de arquivo - até há relativamente pouco tempo exclusivos de determinados domínios do conhecimento, como a História ou a Demografia, aos quais a Etnologia europeísta hoje em dia também recorre.

Na realidade, acredita-se que uma investigação sobre o modo de reprodução social de uma sociedade terá de passar por um conhecimento o mais completo possível desta última. O investigador, deverá compreender o espaço que estuda a nível das estruturas económicas, sociais, políticas, mentais, entre outras. Neste sentido, este tipo de estudo exige a consulta, tratamento e interpretação de documentação diversa, como: registos paroquiais, testamentos, histórias de vida, relatos genealógicos etc.

Partiu-se para o terreno, tendo presente o conjunto de conhecimentos exigidos pela investigação em curso.

Numa primeira fase, além da visualização espacial da comunidade, procurou-se estabelecer contactos com

habitantes, de forma a possibilitar a nossa integração e a recolha de materiais necessários - entrevistas, histórias de vida, fotografias e possíveis documentos manuscritos - para a concretização do nosso objectivo.

Um primeiro contacto foi feito com a Junta de Freguesia, que aceitou de bom agrado a nossa presença na aldeia, pondo ao dispôr a documentação em sua posse.

Um segundo contacto, imprescindível, era com o padre da freguesia. Calculávamos estarem na posse da igreja documentos cuja análise deveria constituir um dos pilares fundamentais desta investigação: os registos paroquiais.

Tratou-se de uma aproximação mais difícil, pois a freguesia não dispunha de padre ali estabelecido. Recebia os serviços de um pároco residente na Covilhã, tendo a seu cargo, pelo menos, mais outra freguesia. Foi necessário procurá-lo à hora da missa, o que não permitiu mais do que um contacto fugaz mas que, apesar de tudo, nos possibilitou o acesso à Sacristia onde se encontravam alguns livros de registos paroquiais. Fomos informados que os restantes livros, na posse da Igreja, se encontravam na casa paroquial da freguesia.

A partir deste contacto, ficámos a saber ter a Igreja Paroquial de S. Roque, em Cortes do Meio, à sua guarda livros de registos paroquiais de baptismo, casamento e óbito desde 1910 até à actualidade. Os livros anteriores a 1910 foram recolhidos pelo Estado, com excepção de um livro de alguma forma subtraído à referida secularização e que

registra os baptismos nos anos de 1818 a 1864, encontrando-se por consequência, também na posse da referida Igreja.

Se este tipo de documentos se tornavam de extrema importância para a nossa investigação, necessário se tornava localizar outros existentes, concretamente os que antecedem o ano de 1910. Encontrámos no Registo Civil da Covilhã os registos paroquiais relativos aos anos entre 1890 e 1910. Soubemos estarem no Arquivo Distrital de Castelo Branco livros do mesmo teor, anteriores a 1890. Também no Arquivo da Torre do Tombo tivemos acesso a livros de registo da freguesia, aos quais nos iremos referir adiante.

Na primeira deslocação ao terreno, não tivemos outra alternativa senão pernoitar na cidade da Covilhã, distante cerca de 20 Km de Cortes do Meio. Numa segunda deslocação, facultaram-nos alojamento na freguesia, concretamente no lugar da Bouça, em aposentos pertença do presidente da Junta de Freguesia. Não era o melhor local para o tipo de observação e recolha pretendido, não só pela localização geográfica, como também pela conotação que este tipo de alojamento podia dar à nossa estadia na aldeia. Sabíamos dever imprimir uma situação de independência em relação a qualquer tipo de poder, político ou religioso.

O problema a seu tempo viria a ser resolvido, pois esta estadia tinha como objectivo aumentar os contactos com habitantes da freguesia, escolher se possível, informantes privilegiados, além de começar a analisar os registos paroquiais a que tivemos acesso na primeira visita, ou seja

os arquivados na sacristia da Igreja.

A investigação no terreno iria prosseguir a partir da segunda visita com bastante regularidade, pois estávamos no Verão de 1989 e a partir de Outubro de 1989 até Outubro de 1990, a nossa disponibilidade aumentou graças a uma bolsa de estudo concedida pelo I.N.I.C. assim como à consequente dispensa de serviço dada pelo Ministério da Educação, do qual dependemos profissionalmente.

Encontrámos, entretanto, um local que considerámos reunir condições favoráveis para alojamento. Era a casa de D. Maria de Jesus, conhecida segundo suas palavras pela "comerciante da rua do Cabecinho". Esta casa situa-se em Cortes do Meio, aglomerado de maiores dimensões, sede de freguesia, proporcionando acesso fácil tanto à Bouça como a Cortes de Baixo. Pertence, ainda, a uma pessoa descendente de uma família bem situada na vida, presente e passada, da aldeia e cuja condição de comerciante, com estabelecimento aberto na aldeia, nos garantia estarmos perante uma informante com grande valor para a nossa investigação.

Durante um ano, tendo como residência a casa da D. Maria de Jesus, deslocámo-nos frequentemente à freguesia por períodos variáveis, entre os dez e vinte dias.

Durante este espaço de tempo, reunimos gravações de histórias de vida, de genealogias orais, fizemos um reconhecimento espacial pormenorizado do terreno, com auxílio dos nossos informantes e de fotografias aéreas. Registámos, em fichas, o conteúdo de alguns registos

paroquiais e fotocopiámos outros, concretamente os de baptismo, existentes na Casa Paroquial assim como os existentes no Registo Civil da Covilhã.

Após um ano de trabalho de terreno bastante assíduo, ao retomarmos as nossas obrigações profissionais, não deixámos de nos manter em contacto com o nosso local de investigação, onde a necessidade de recolha de informações imbricando-se agora com sentimentos de simpatia, nos fizeram deslocar frequentemente.

Na fase de recolha, não nos cingimos apenas ao material existente no terreno. Os períodos intercalares, passados em Lisboa, foram utilizados na obtenção de materiais, de alguma forma relacionados com o nosso local de estudo. Para além das referências bibliográficas alusivas à região da Beira-Baixa, dos dicionários e enciclopédias que referem a freguesia de Cortes do Meio, encontrámos livros de registos paroquiais respeitantes a esta, datados dos séculos XVII e XVIII, catalogados na Torre do Tombo.

De recolha obrigatória, foram os dados estatísticos reunidos no I.N.E., provenientes de vários recenseamentos feitos em Portugal: populacionais, agrícolas e arrolamentos de gado.

## 2.2 Exploração dos registos paroquiais

Para a concretização dos objectivos da presente

investigação, escolhemos registos paroquiais relativos a baptismos, para extracção de dados, visto serem os que reúnem maior número de informação do tipo pretendido.

Por norma, estes registos devem conter: o nome do neófito, o local e a data de nascimento e baptismo, os nomes próprios e apelidos dos pais, dos avós paternos e maternos, o local de nascimento e residência dos pais, nomes de padrinhos e respectiva residência, (anexo 1).

No entanto, nem sempre encontrámos estes dados completa e minuciosamente redigidos. Os locais de nascimento e residência, quando pertencentes à freguesia, quer seja o lugar da Bouça, o de Cortes do Meio ou o de Cortes de Baixo, são muitas vezes omitidos; esta indicação tão necessária para a nossa investigação, surge substituída pelas expressões "natural desta freguesia" ou "morador nesta freguesia" (anexo 2).

Em caso de indivíduos vindos de fora da comunidade, quanto se apresentam junto do pároco na situação de pais da criança baptizada, há na maior parte das vezes a preocupação de salientar o seu local de nascimento. Mas mais tarde, quando estes mesmos surgem como avós, a preocupação em registar a sua origem desvaneceu-se e a expressão corrente adoptada pelo padre é apenas "desta freguesia" ou no caso do casal "ambos desta freguesia".

Tal como neste último exemplo acabado de apresentar, onde a integração dos vindos de fora, se faz de tal forma que assinalar a sua exterioridade parece ser escusada, também

detectámos falhas nos registos que, mais que omissões, se tornam deformações da realidade.

De facto, é normal encontrarmos famílias identificadas, com segurança, como oriundas e residentes em Cortes de Baixo, designadas, nos registos, pelo pároco como "desta freguesia". Esta condescendência, presta-se a dificuldades na distinção, para nós necessária, entre os que nascem no lugar de Cortes de Baixo ou no lugar de Cortes do Meio. Esta situação dificilmente acontece com gente do lugar da Bouça, em relação aos quais é geralmente visível uma maior preocupação em referir o local de nascimento e residência, para nós um indício que nos ajudará, noutra fase do nosso trabalho, a compreender o relacionamento estabelecido entre os três lugares.

Embora as omissões não aconteçam em todos os assentos de baptismo que explorámos - se assim fosse o nosso trabalho nunca poderia ser concretizado -, queremos, porém, referir que para o tipo de investigação que nos propusemos desenvolver, em que se torna fundamental o conhecimento preciso do local de nascimento dos indivíduos, estas falhas dos registos paroquiais dificulta em muito a reunião de dados úteis.

Um outro tipo de obstáculo surgido na recolha de informações dos registos paroquiais, refere-se à falta de constância na forma dos nomes dos habitantes. Neste aspecto, porém, a responsabilidade não será atribuível unicamente ao redactor do registo.



Dentro da comunidade, as variações nos nomes usados são, por vezes, relativamente grandes. Este facto torna-se possível, provavelmente, devido à forma de atribuição do nome no acto de baptismo, ou seja apenas um nome próprio, extraído de um conjunto pouco variável. No caso das mulheres, períodos há em que o nome dado é quase sempre Maria.

Mais tarde, quando o indivíduo necessitava de uma identificação mais consistente, nomeadamente na altura do casamento, os homens juntavam ao nome de baptismo os apelidos do pai, ou mesmo o nome próprio deste, possivelmente quando este era mais significativo e marcante. As mulheres recorriam ao nome da mãe, ficando, em grande número de casos, sem apelidos ou nomes de família, sendo nomeadas apenas por dois nomes que consideramos próprios como distinção em relação aos apelidos ou nomes de família<sup>1</sup>.

Necessário será ter em consideração que o escrito em momentos determinados, como na altura do casamento ou óbito, é o resultado, embora por vezes parcial, do consagrado pela oralidade. Desde muito cedo, os indivíduos são nomeados pela comunidade onde vivem que procura fazê-lo evitando, o mais possível, dificuldades de identificação. Daí a necessidade de desde logo englobar através do nome, os indivíduos no seu grupo familiar. Quando a variedade de nomes é reduzida em

---

1 - A respeito da transmissão do nome, veja-se o Capítulo VIII da obra de Armindo dos Santos, *Heranças - Estrutura agrária e sistema de parentesco numa aldeia da Beira-Baixa*. 1992.

relação ao número de indivíduos, a estratégia é quase sempre a recorrência à alcunha. Esta, por vezes, surge transcrita nos registos, acabando por dar, em alguns casos, origem a novos apelidos<sup>1</sup>.

Se na oralidade há efectivamente uma preocupação de distinção entre os indivíduos, esta não é tão acentuada nos registos escritos. Por esta razão, é fácil encontrarmos um mesmo indivíduo de sexo masculino que tanto surge com um apelido como com dois e em que a ordem destes é vulgarmente alterada.

Mais grave se torna a situação em relação ao sexo feminino, onde a transcrição dos nomes parece merecer ainda uma menor preocupação e onde o número de nomes próprios iguais é em grande quantidade.

Dificuldades desta ordem, tiveram, para nós, como consequência a exclusão de numerosas fichas de identificação de indivíduos, que se mantiveram incompletas ao longo da investigação ou que manifestaram conter dados duvidosos.

### 2.3 Tratamento informático dos dados recolhidos

Ao defrontarmo-nos com uma investigação que requer o manuseamento de grande número de informação, para se poder chegar a resultados minimamente significativos, o tratamento informático dos dados torna-se uma possível solução.

1 - Armindo dos Santos (Ibid.)

Sem termos qualquer preparação no domínio da informática, foi-nos difícil manejar este tipo de utensilagem e tirar dela todas as vantagens que esta nos poderia oferecer.

Apesar de tudo e com base em estudos demográficos publicados, em que o tratamento informático foi aplicado, nomeadamente os trabalhos de Maria Norberta Amorim (1987) e de Joaquim de Carvalho (1980), acabámos por transpor o nosso ficheiro manual para um sistema de base de dados, utilizando como ferramenta informática o software dBase IV.

Como já referimos, a nossa investigação parte da exploração de informação recolhida nos assentos paroquiais de baptismo. Embora sabendo que a exploração conjunta dos assentos de baptismo, casamento e óbito seria, evidentemente, o ideal, perante a impossibilidade temporal de o fazer, optámos por explorar aqueles que nos dessem um maior número de informações.

Os elementos informativos que integram cada assento de baptismo explorado, foram lançados num ficheiro individual cuja estrutura definimos previamente. Desta forma, por cada registo de baptismo de um primeiro filho, recolhemos dados para três fichas individuais: uma preenchida com os elementos identificativos da criança baptizada e duas com os elementos referentes aos pais desta (anexos: 3., 3a, b, e c,). Quando se trata do assento de baptismo de um segundo filho, o programa dBase IV permite detectar com facilidade a existência da ficha identificativa de seus pais. Neste caso, só recolhemos os elementos referentes à criança baptizada,

confirmando, no entanto, os dados recolhidos nas fichas referentes aos progenitores; estas, deverão registar todos as informações, novas ou divergentes, eventualmente surgidas em cada assento de baptismo de um novo filho.

As fichas identificativas elaboradas, incluem diferentes variáveis, preenchidas, sempre que possível, com: o nome próprio e apelidos do indivíduo, nomes dos progenitores, naturalidade, profissão, datas de nascimento, de casamento e de óbito, nome do cônjuge e naturalidade deste, nomes dos padrinhos e observações.

Naturalmente, os dados extraídos de um registo de baptismo não são suficientes para preencher na totalidade o tipo de ficha que descrevemos. Estas irão ser, em parte, completadas quando aquele que tem registado o seu baptismo na freguesia de Cortes do Meio o vai da mesma forma fazer em relação ao seu primeiro filho. Neste caso, temos a possibilidade de completar a ficha aberta no acto de baptismo com informações referentes aos apelidos adoptados, à profissão, ao nome e naturalidade do cônjuge, (anexos: 4., 4a, 3.e 3a.).

O campo da ficha destinado aos óbitos, foi preenchido sempre que tivemos conhecimento destes, pelo averbamento feito junto de alguns registos de baptismo.

Seguindo este processo, preenchemos 1750 fichas que abrangem os registos de baptismo realizados entre 1820 e 1930. Destas, cerca de 650 mantiveram-se de alguma forma incompletas, por razões quanto a nós relacionadas com a

morte precoce dos indivíduos - não deveremos esquecer serem índices de mortalidade infantil nesta época e neste local, bastante elevados -, com possíveis saídas da freguesia, com o celibato ou com casamentos infecundos e, ainda, como já referimos, com a falta de precisão na redacção dos assentos paroquiais, por parte dos párocos da freguesia.

A exploração desta base de dados, sucintamente descrita, fez-se utilizando em parte as possibilidades oferecidas pelo dBase IV, de quantificação e de relacionamento.

Como já o afirmámos, a nossa ignorância no campo informático não permitiu a total exploração deste método. Porém, pensamos poder vir a explorá-lo mais tarde - no contexto de um maior desenvolvimento deste trabalho -, de forma mais completa, assim como todos os dados reunidos, já que tivémos a preocupação de construir um ficheiro onde pudessem estar armazenadas todas as informações fornecidas pelos registos consultados, embora para a presente investigação só algumas dessas informações fossem pertinentes.

### 3. O local de investigação

Sendo o objectivo desta investigação a observação de mecanismos sociológicos subjacentes à escolha de cônjuge dentro de uma comunidade rural, exigia-se encontrar um local onde este tipo de estudo tivesse possibilidades de ser conseguido.

Quer dizer, uma comunidade que apresentasse as condições de exequibilidade metodológica referida por Lévi-Strauss: "Esta procura de uma estrutura significativa das trocas matrimoniais sobre as quais a sociedade considerada nada diz, quer directamente por intermédio de regras, quer indirectamente graças às inferências que é possível tirar da terminologia do parentesco ou por qualquer outro meio, é possível quando se trata de um grupo pouco numeroso e relativamente fechado. Faz-se então as genealogias falarem." (1982:32)

A freguesia de Cortes do Meio, local de trabalho sugerido pelo Professor Armindo dos Santos, parecia reunir de facto, à partida, condições para o desenvolvimento da nossa investigação, que se concretizaram na prática.

Na realidade, trata-se de uma comunidade de características privilegiadas para o tipo de pesquisa que pretendíamos efectuar, a qual, como considerou Lévi-Strauss (1982:32), se vê facilitada em casos de isolados demográficos, com populações de dimensões restritas. O coeficiente de endogamia atingido neste tipo de comunidade permite obter cadeias genealógicas que deverão possibilitar a observação de concretizações especiais nas formas de aliança.

Com efeito, situada num dos vales da Serra da Estrela, ladeado por acidentes geográficos de difícil transposição, de dimensões demográficas médias, a freguesia proposta, manteve até há bem pouco tempo um relativo isolamento em

relação às comunidades limítrofes.

Dividindo-se a sua população por três lugares geográficamente descontínuos e relativamente equidistantes, estes repartiam entre si a gestão do espaço ocupado, com o fim de assegurar a sobrevivência económica e social da comunidade.

É neste espaço escolhido que procuraremos evidenciar como se processaram as trocas matrimoniais, num período de cerca de 110 anos.

Iniciaremos este nosso trabalho com uma caracterização geral do referido espaço, enquadrando-o geográficamente e administrativamente, assim como tentaremos perspectivá-lo diacrónicamente, salientando as alterações ocorridas na vida desta formação social, surgidas em meados deste século.

Tentaremos ver como as transformações ocorridas se reflectiram essencialmente na organização económica e social da freguesia. Assim, indiferente a estas alterações, parte da freguesia permite, ainda hoje, o confronto com valores e representações mentais, do espaço ocupado, que prevaleceram no tempo.

Não pretendendo abordar a problemática da mudança, escolhemos para a nossa análise documental um período anterior a esta, e que se caracteriza por uma relativa estabilidade política, económica e social.

Assim, na segunda parte desta investigação, com base na exploração das informações retidas nos registos paroquiais

de baptismo, tentaremos obter dados quantitativos que nos permitam verificar: as direcções espaciais tomadas pelas alianças matrimoniais dentro da freguesia de Cortes do Meio; a mobilidade residencial provocada pelas referidas alianças e por último as alianças ocorridas com gente exterior à freguesia.

Utilizando os dados analisados quantitativamente na segunda parte do trabalho, procuraremos, na terceira e última parte, através da reconstituição de genealogias, observar as alianças matrimoniais de forma a detectar mecanismos de troca, que possam eventualmente evidenciar alguma regularidade e recorrentemente explicá-la.



## CAPÍTULO I

### UMA FORMAÇÃO SOCIAL DE MONTANHA: Cortes de Baixo, Cortes do Meio, Bouça.

#### 1. Características geográficas

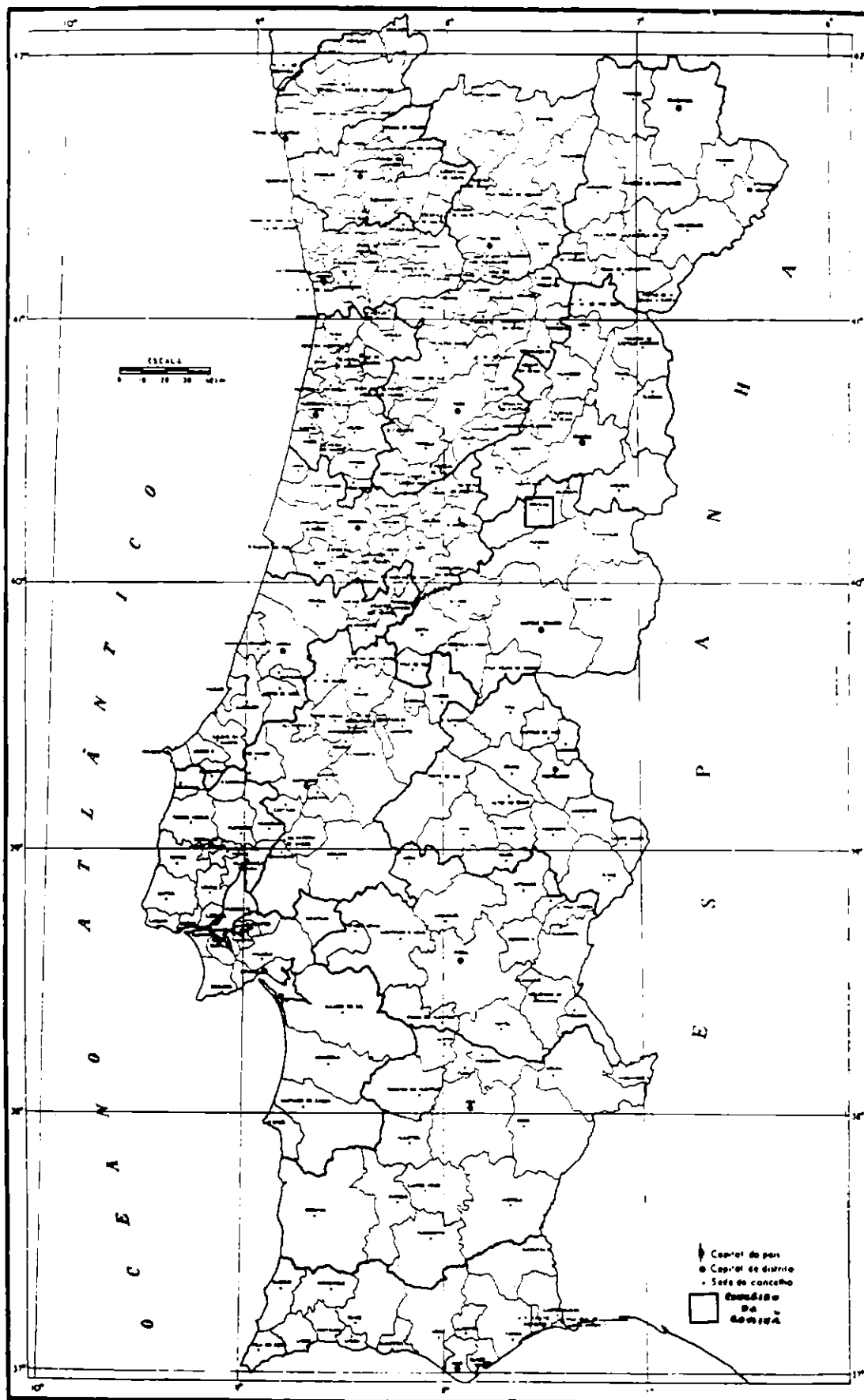
Situada na região da Beira-Baixa, a freguesia de Cortes do Meio pertence ao concelho da Covilhã e ao distrito de Castelo Branco.

Emergindo num dos vales da Serra da Estrela, a Sudeste do ponto mais alto desta cadeia montanhosa, os lugares da freguesia - Cortes do Meio, Bouça, Cortes de Baixo - estão envoltos por altitudes (acima do nível médio das águas do mar) que oscilam entre os 1400 e 1500 metros para Noroeste, 1700 e 1750 metros para Norte, 1100 e 1200 metros para Nordeste e entre 500 e 700 metros para Sul.

Os três núcleos populacionais desta freguesia estendem-se, orientados no sentido Nordeste/Sudoeste, ao longo da

DIVISÃO ADMINISTRATIVA  
PORTUGAL CONTINENTAL

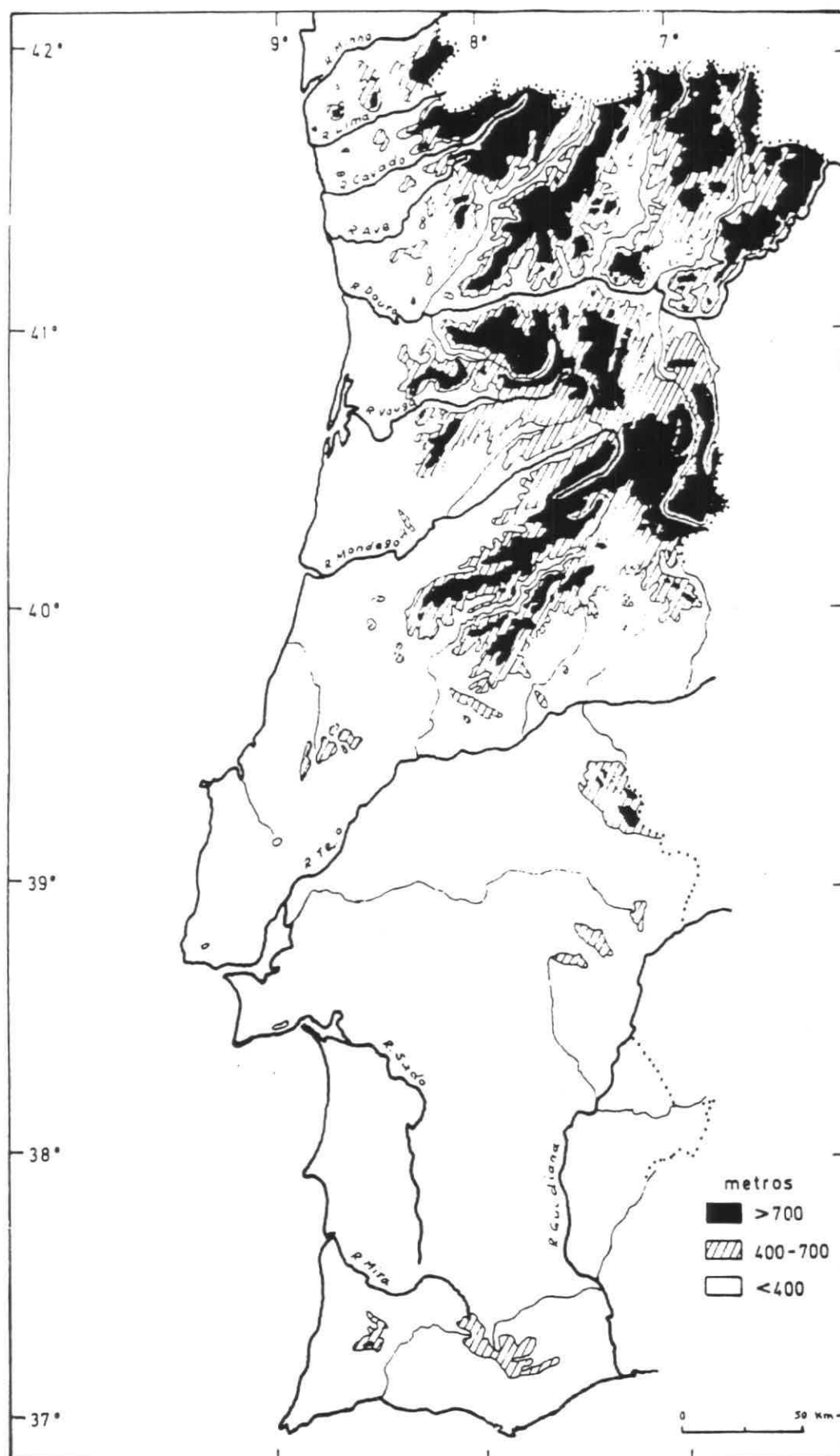
30



Mapa nº1 (Adaptado pelo autor)

Fonte: GASPAR, Jorge, *Portugal em Mapas e números*, 1981:54





Mapa nº 3

O relevo de Portugal

Fonte: Gaspar, Jorge, Portugal em Mapas e números, 1981:41





Fotografia aérea nº1 - escala: 1/8000

Panorama de Cortes do Meio e de Cortes de Baixo





Fotografia aérea nº2 - escala: 1/8000

Panorama de Bouça





Fotografia aérea nº3 - escala: 1/2000

Panorama de Cortes de Baixo

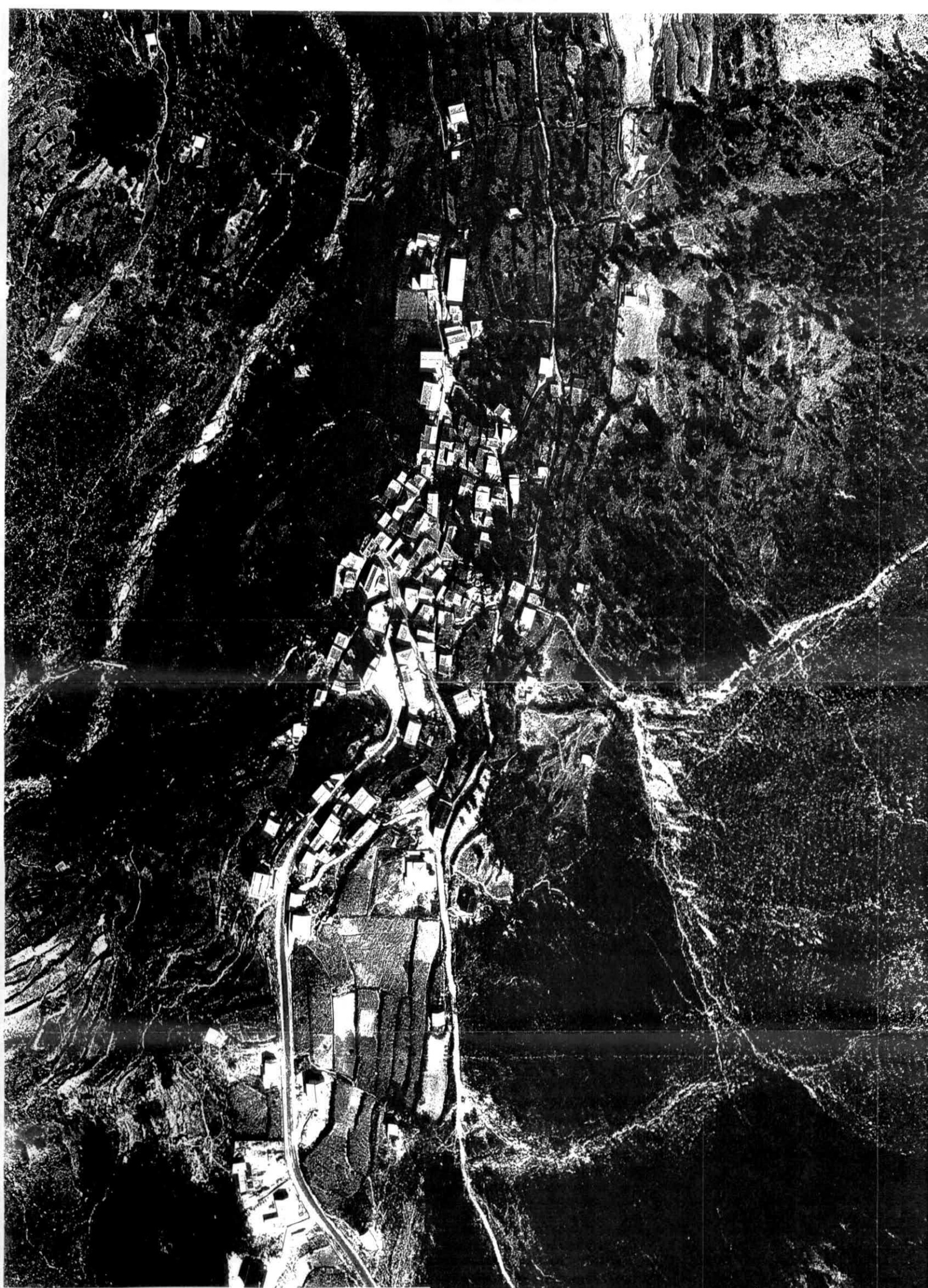




Fotografia aérea nº 4 - escala: 1/2000

Panorama de Cortes do Meio





Fotografia aérea nº 5 - escala: 1/2000

Panorama da Bouça

ribeira de Cortes, de montante para jusante, encontrando-se a Bouça, a montante, a uma altitude de cerca de 700 metros, seguindo-se-lhe Cortes do Meio a cerca de 600 metros de altitude e Cortes de Baixo a cerca de 570 metros.

Enquanto os dois aglomerados de maior altitude se situam na encosta Este do vale, na vertente direita da ribeira, o de menor altitude, Cortes de Baixo, situa-se na margem esquerda deixando, porém, estender as terras de cultivo por ambas as margens do leito da ribeira.

Este tipo de aglomerado populacional que surge encravado em terras de montanha, sem no entanto ocupar o solo de maior altitude, é característico da Serra da Estrela, cuja ocupação humana, nunca excedeu os 740 metros de altitude, como afirma Orlando Ribeiro: "Ao longo da linha de contacto do granito com o xisto no sopé da montanha ou na extremidade das bacias de recepção dos ribeiros que entalham o planalto das lagoas e da Torre, ricas de águas que regam os campos e fazem moer moinhos e rodas hidráulicas, estende-se uma série de aldeias grandes (S. Romão, Valezim, Loriga, Alvoco, Unhais, Cortes, Tortosendo até à Covilhã), tudo aglomerados rústicos onde se cria gado, amanha a terra, fabricam queijos e panos de lã. Nenhuma atinge altitudes elevadas, Loriga a que sobe mais está a 740 metros." (1941:235).

Não sendo os lugares de habitação indiferentes às condições oferecidas pelo meio circundante, a forma como se fez a ocupação deste pequeno vale de montanha está aparentemente de acordo com as possibilidades de

sobrevivência económica que proporciona.

Geofisicamente, o vale da Ribeira de Cortes apresenta-se na zona a montante da ribeira com um aspecto fechado, ladeado por uma encosta escarpada que cai sobre o fundo fluvial de forma relativamente abrupta. Permitiu no entanto, como já se referiu, a uma altitude de cerca de 700 metros, uma ocupação humana que foi transformando as zonas de menor declive em campos de cultivo, dando origem ao chamado lugar da Bouça.

Abrindo-se para jusante, o vale apresenta numa parte média um declive menos acentuado, mais notório na encosta da margem direita da ribeira, espaço ocupado pelo que é hoje, o núcleo mais habitado da freguesia, Cortes do Meio.

Continuando a abrir-se, o vale termina numa zona de planície de terras aluviais que constituem o território do terceiro núcleo populacional, Cortes de Baixo.

Estes três núcleos estão divididos entre si, por distâncias da seguinte ordem: da Bouça a Cortes do Meio, cerca de 1250 metros; de Cortes do Meio a Cortes de Baixo cerca de 750 metros e consequentemente Bouça dista cerca de 2000 metros de Cortes de Baixo.

As distâncias que separam o núcleo de Cortes do Meio dos aglomerados vizinhos exteriores à freguesia, percorridas pelos caminhos serranos, são aproximadamente: 3500 metros em relação a Unhais da Serra; 5000 e 6000 metros respectivamente em relação a Tortosendo e à Covilhã.

Os caminhos serranos constituíam até à cerca de 25 anos,

os elos de ligação da freguesia de Cortes do Meio aos centros populacionais mais próximos. Feitos a pé, estes caminhos de montanha representavam uma separação de duas horas, no mínimo, em relação à Covilhã e uma hora e meia em relação a Unhais da Serra e Tortosendo.

Caso houvesse possibilidades económicas e o horário satisfizesse, era possível utilizar a "carreira" Covilhã-Unhais da Serra a qual percorria a chamada estrada da "volta da chouriça"; estrada de terra batida cujo trajecto acompanhava as curvas de nível da serra. Rara, demorada e dispendiosa, esta "carreira" servia um reduzido número daqueles que necessitavam de deslocar-se para fora da freguesia. Daí, serem os caminhos pela serra os mais percorridos pelos decididos a trabalhar fora da aldeia e por aqueles que diariamente transportavam o leite, ordenhado na véspera, para vender na Covilhã.

É de construção relativamente recente o troço de estrada alcatroado que liga a freguesia à estrada Coimbra-Covilhã, actualmente percorrido, sómente nos dias úteis, por um autocarro que faz o trajecto Covilhã-Cortes do Meio, ida e volta, duas vezes por dia. Servindo assim as necessidades dos que se deslocam para trabalhar fora da aldeia.

## 2. A freguesia como unidade administrativa

Com o objectivo de obtermos informação sobre o passado e

a evolução administrativa do espaço físico e social em estudo, procurámos fontes históricas onde estivessem presentes referências aos lugares, hoje, pertencentes à freguesia de Cortes do Meio.

Foram Livros de Registos Paroquiais provenientes da freguesia de Cortes, as fontes manuscritas mais antigas a que tivemos acesso.

Na Torre do Tombo estão catalogados três livros: um de registo de óbitos do século XVII, abrangendo exactamente os anos de 1637 a 1676 e, mais dois livros um de baptismos e outro de óbitos que registam estes actos respectivamente de 1784 a 1819 e de 1784 a 1849.

Todavia, do século XVIII outras fontes existem, algumas mesmo impressas, que nos dão informações essencialmente sobre o espaço físico em estudo.

O Dicionário Geográfico da autoria do padre Luis Cardoso, editado em 1751, é uma das fontes impressas existentes, mas este refere apenas a aldeia da Bouça e a aldeia de Cortes de Baixo, omitindo o lugar de Cortes do Meio, hoje, sede de freguesia:

"Bouça. Aldeia na Provincia da Beira, Bispado e comarca da cidade da Guarda, termo da vila da Covilhã, Freguesia de S. Maria da mesma vila: tem 25 vizinhos" (1751:II,222).

"Cortes de Baixo. Aldeia na Provincia da Beira, Bispado e comarca da cidade da Guarda, termo da vila da Covilhã, freguesia de N. S. da Anunciação do Paúl, tem dezassete vizinhos" (1751:II,697).

Apesar de não encontrarmos explicação para a omissão do padre Luis Cardoso em relação a Cortes do Meio, esta obra tem para nós a vantagem de confirmar a informação obtida nos registos paroquiais da mesma época. Estes registos indicam-nos pertencer a Bouça à freguesia de Sta Maria da Covilhã e Cortes de Baixo à de N.S. da Anunciação do Paúl, (anexo 5), situação que se alterará precisamente em meados do século XVIII.

Quanto a Cortes do Meio, volta a não ser nomeada, pelo menos de forma autónoma, nas respostas a um inquérito enviado em 1758 a todas as paróquias do reino, elaborado com o objectivo de recuperar informações perdidas quando do terramoto de 1755. Estas informações pretendiam completar a obra iniciada por Luis Cardoso, da qual haviam sido impressos apenas dois volumes. As respostas a estes inquéritos acabaram por ficar manuscritas até aos dias de hoje, encontrando-se na Torre do Tombo, catalogadas sob os títulos de Dicionário Geográfico ou Notícias de 1758.

Referências concretas ao lugar de Cortes do Meio, podem no entanto, ser encontradas nas respostas dadas ao referido questionário pelo Cura de Tortosendo que engloba o dito lugar na freguesia de Tortosendo. Assim, à sexta questão: "Se a paróquia está fora do lugar ou dentro dele e quantos lugares ou aldeias tem a freguesia e todos pelos seus nomes", o cura de Tortosendo responde: "Que a freguesia está fora do lugar e tem duas aldeias ou freguesias uma chamada Cortes do Meio e outra Casal da Serra"

Apesar de através dos registos paroquiais do início do século XVIII, podermos confirmar o facto de Cortes do Meio ter pertencido à freguesia de Tortosendo não justifica a ausência de respostas ao referido questionário. Tanto mais que a existência da Igreja de S. Roque é noticiada quando na décima terceira questão: "Se tem ermidas, e de que Santos; e se estão dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem", o referido Cura responde: "(...). Em Aldeia de Cortes há outra Ermida de S. Roque que pertence aos moradores da dita Aldeia e nados Casais da Serra também há uma (...)".

Embora, pertencendo os três lugares em estudo a freguesias diferentes até meados do século XVIII, parece-nos ser no entanto tendo como fulcro a Igreja de S. Roque, situada em Cortes do Meio, que praticamente toda a vida religiosa dos habitantes do vale se desenrola, pelo menos a partir deste século.

Em 1864, quando do primeiro recenseamento a nível nacional realizado em Portugal, "Córtes" surge já como freguesia.

Em 1874, Pinho Leal na sua obra Portugal Antigo e Moderno faz a seguinte descrição da freguesia:

"CÓRTES DO MEIO-freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 200 fogos. Orago S. Roque. Bispado da Guarda, districto administrativo de Castelo Branco.

Esta freguezia não vem no Portugal Sacro, de certo por esquecimento, pois é muito antiga. É terra fértil. Há aqui



muito gado e caça."

Apesar da ideia de antiguidade contida na descrição de Pinho Leal, os elementos informativos recolhidos nos registos paroquiais apontam para que o surgimento de Cortes do Meio como freguesia englobando os lugares de Cortes de Baixo, Cortes do Meio tivesse acontecido em meados do século XVIII. Com efeito, na segunda metade do referido século, os redactores dos registos de baptismo quando nomeiam os lugares de nascimento dos pais do baptizado, fazem-no da seguinte forma: "Cortes de Baixo freguezia que era nesse tempo do lugar do Paúl"; "Cortes do Meio freguezia que era nesse tempo do lugar do Tortuzendo". O lugar da Bouça surge nos registos deste período ainda como pertencente à freguesia de Sta Maria da Covilhã, (anexos 5 e 6).

Só a partir de 1835 encontramos identificados nos registos paroquiais consultados, os três lugares, Cortes de Baixo, Cortes do Meio e Bouça, como pertencentes administrativamente à freguesia de S. Roque de Cortes do Meio.

### 3. Povoamento e toponímia

A ocupação humana deste pequeno vale de montanha parece, tornar-se evidente, ter tido a sua origem na vida pastoril. Todavia, a combinação entre a pastorícia e a agricultura foi essencial para o homem aí, poder sedentariamente sobreviver.

Procurou, na serra, fixar-se em locais onde tivesse simultaneamente acesso à montanha, aí conduzindo o gado no período de Verão e, às terras baixas abrigadas nos vales, onde fosse possível a agricultura e o acolhimento do gado em tempos de Inverno.

É assim que o aglomerado de Cortes surge como um povoamento de vale subindo na encosta da serra, sem porém atingir grande altitude, acompanhando a ribeira do mesmo nome cuja água rega grande parte dos campos cultiváveis e fez moer moinhos ao longo de muitos anos.

Difícil se torna concluir onde terá surgido o primeiro núcleo deste aglomerado, se houve realmente um primeiro, o que terá sido provável se tivermos em atenção a toponímia dos lugares de Cortes do Meio e de Cortes de Baixo.

Orlando Ribeiro no artigo "Povoamento rural e regimes agrários no Sudeste da Beira" refere serem vulgares nesta zona, locais de habitação que em vez de crescerem, deram origem a novos centros, próximos dos primeiros, conservando "na identidade do nome a certidão de uma origem comum" (1939:284).

Considerando esta possibilidade em relação aos núcleos populacionais de Cortes de Baixo e de Cortes do Meio, um terá nascido como rebento do outro. Desta forma, um primeiro aglomerado denominado Cortes terá dado origem a um outro que ao conservar o mesmo nome, implicou o acrescentamento, a cada um, de uma outra denominação: - Baixo e Meio. Mantiveram-se assim dois aglomerados cuja toponímia os

distingue e relaciona simultaneamente.

Uma das nossas informadoras, a Sr. Maria, corrobora esta mesma possibilidade de dependência dos dois núcleos, ao afirmar: "o meu pai dizia que as primeiras casas surgiram ali, junto da fonte de baixo, mas depois secou e as pessoas começaram a vir para cima e começou-se a chamar Cortes de Cima. Mas depois como havia a Bouça, começou-se a chamar Cortes do Meio, mas o povo ainda chama Cortes de Cima." Neste caso, segundo a nossa informante, o primeiro aglomerado terá surgido junto das terras irrigadas pelas águas da ribeira, onde a actividade agrícola tinha mais possibilidades de desenvolvimento.

Fica aparentemente fora da lógica desenvolvida por Orlando Ribeiro, o núcleo da Bouça, cuja toponímia o isola dos outros dois núcleos. Todavia, encontramos, em frente do actual aglomerado, na outra margem da ribeira vestígios de um antigo aglomerado de casas, a que os habitantes chamam a "Bouça velha" e que segundo estes se tornou inabitável devido às águas que escorrem pela serra na época dos degelos. Aliás, em relação à actual localização da Bouça, algumas questões se podem pôr quanto às razões que terão levado a uma fixação humana. Considerada fria e sombria por aqueles que lá vivem, também Leite de Vasconcelos na sua obra *Etnografia Portuguesa* é levado a referir-se a este lugar precisamente por estas características, tão desmotivadoras de uma ocupação humana, citemo-lo: "Povoação geográficamente curiosa por estar entalada num vale, e

apenas disfrutar de sol, por dia, três horas e meia a quatro, de inverno, é Bouça, de uns 50 fogos; passa lá a ribeira de Cortes, que lhe alimenta de água as hortas, onde se produz batata, milho, e algum trigo." (1936:I,290).

Encontramos hoje, este núcleo da Bouça perfeitamente activo englobando, conjuntamente com os outros dois núcleos, a área habitada fundamental da freguesia de Cortes do Meio. Acreditamos ter sido a integração deste terceiro núcleo a justificação para a denominação de Cortes do Meio dada a um lugar a que o povo ainda chama por vezes Cortes de Cima e cujos documentos provam ter esta denominação fundamento.

Encontramos referência a Cortes de Cima no interrogatório mandado fazer pelo Marquês de Pombal, o qual já citamos anteriormente. Se neste documento o pároco de Tortosendo se tinha referido a Cortes do Meio como freguesia englobada na sua, o da Covilhã nas respostas ao mesmo interrogatório, inclui entre os lugares considerados Termos da Covilhã: Cortes de Baixo, Cortes de Cima e Bouça.

Parece-nos, assim, ser possível pensar que o facto de se passar a chamar Cortes do Meio a um aglomerado cujo nome anterior, Cortes de Cima, o fazia depender a nível da toponímia de um outro chamado Cortes de Baixo, terá sido uma forma, não sabemos se consciente ou inconsciente, de aglomerar a estes dois núcleos, um terceiro, a Bouça, que embora afastado toponimicamente estava muito próximo geograficamente.

No entanto e seguindo a lógica de pensamento que permitiu

a alteração toponímica de Cortes de Cima para Cortes do Meio, seria possível pensar que a Bouça poderia vir a ser, consequentemente, denominada de Cortes de Cima, o que na realidade não aconteceu, nem nos parece possível vir a acontecer.

Desta forma, depois de se conhecer Cortes de Baixo, Cortes do Meio, onde poderíamos pensar encontrar Cortes de Cima encontramos a Bouça que apesar de a sua situação geográfica ter conduzido à sua integração administrativa na freguesia de Cortes do Meio, se manteve toponimicamente independente.

A explicação para a toponímia aceite pelos três lugares, passaria certamente por uma análise aprofundada de questões ligadas a um passado histórico e consequente formação identitária dos espaços aldeões em estudo.

#### 4. Organização espacial e representações mentais

Foi nossa preocupação apreendermos, por um lado a forma tomada pela comunidade humana em observação dentro do espaço ocupado, ou seja como se apropriou socialmente do seu espaço físico, por outro as representações mentais que esta tem desse espaço.

Se se torna relativamente fácil a observação do espaço físico, os limites, a forma material como os indivíduos dispõem do território etc., mais difícil parece ser reter as

representações mentais que esses mesmos indivíduos têm do espaço a que pertencem. Estas últimas põem em jogo percepções múltiplas, conceitos e esquemas que variam, em muitos aspectos, de indivíduo para indivíduo. Isto não exclui uma identificação do indivíduo com o grupo, emergindo consequentemente uma representação colectiva do espaço de pertença.

No nosso contacto com habitantes da freguesia, a exteriorização da visão que estes tinham do espaço ocupado, foi um elemento discursivo constante, principalmente quando se sentiam motivados a transmitir informações sobre esse mesmo espaço.

Foi assim possível reter, através das práticas e dos discursos dos que nasceram e vivem nos três lugares da freguesia de Cortes do Meio, alguns aspectos da representação colectiva do espaço de pertença, assim como do espaço circundante.

Presentemente, a vida quotidiana na freguesia desenrola-se tendo como centro a sua sede administrativa, ou seja o lugar de Cortes do Meio.

Núcleo mais populado, aí se situa a Igreja de S. Roque cujo campanário se eleva acima do casario, deixando-se vêr facilmente de qualquer ponto do lugar e igualmente do lugar de Cortes de Baixo, permitindo que o som dos seus sinos chegue ao lugar da Bouça. É nesta igreja que as actividades religiosas normais da freguesia têm lugar. Só em ocasiões especiais, o pároco da aldeia se desloca à capela de Nossa

Senhora de Fátima, na Bouça ou, ainda menos frequentemente, à de Santo António em Cortes de Baixo.

Encontramos no espaço territorial do lugar de Cortes do Meio, igualmente a casa paroquial, o cemitério e a única escola primária a funcionar actualmente na freguesia.

O lance de estrada principal, que liga a freguesia à Estrada Nacional 230 um dos trajectos possíveis entre a Covilhã e Coimbra, atravessa o lugar de Cortes do Meio na zona onde este núcleo atinge maior altitude. Aqui, a estrada é ladeada de habitações que acompanhando o declive do terreno se multiplicam até perto da ribeira de Cortes.

Depois de ultrapassar o núcleo de povoamento concentrado do lugar de Cortes do Meio, constituído hoje por cerca de 200 habitações, a estrada continua a subir ladeada por uma ou outra casa dispersa, de construção recente, vindo a terminar no início do território pertencente ao lugar da Bouça, num pequeno largo a partir do qual se desenvolve o *habitat* deste lugar, de cerca de 85 fogos.

O lugar de Cortes de Baixo encontra-se numa situação periférica em relação à estrada principal da freguesia. São estreitas vias secundárias, das quais apenas uma é alcatroada, os acessos entre este e os outros lugares da freguesia. Este é o núcleo em que a área ocupada pelo *habitat* é de menores dimensões, ali se erguem cerca de 40 fogos, muitos deles hoje desocupados.

Emergindo onde o vale se alarga em planície, o lugar de Cortes de Baixo possui o território agrícola de melhores

características. Talvez a necessidade de conservação deste território, 'perfeitamente vocacionado para a agricultura, seja a justificação do não alargamento do núcleo habitacional. Muitos dos que possuem terras em Cortes de Baixo habitam no lugar de Cortes do Meio

Os territórios agrícolas dos lugares da Bouça e de Cortes do Meio têm, na sua maior parte, características diferentes do de Cortes de Baixo. Ao ocuparem, os dois primeiros, zonas de encosta, só a construção de sucalcos permitiu o aproveitamento agrícola das suas terras que descem até às margens da ribeira, onde as terras planas -os lameiros- não atingem grandes dimensões devido a estreiteza do vale nesta zona.

Embora situadas no mesmo vale, cada uma das três comunidades que observámos apresenta um núcleo habitacional perfeitamente delimitado. O relacionamento que vão desenvolver entre si, surgirá provavelmente, entre outros factores, da forma como o espaço físico foi e é gerido economicamente e, da identidade construída por cada grupo.

Coincidindo, como já afirmámos, o centro de atracção entre os três núcleos, com a sede da freguesia, os contactos parecem fazerem-se através deste lugar, havendo um relacionamento mais diminuto entre os lugares da Bouça e Cortes de Baixo.

São elementos condutores a esta percepção, para além de toda a estrutura centralizante, já referida, encontrada no lugar de Cortes do Meio, também o discurso daqueles que



contactámos nos três lugares da freguesia.

Nas conversas, desenvolvidas com indivíduos de Cortes de Baixo, houve quase sempre alusões a uma forma de vida que se processa e processou essencialmente entre aquele lugar e o de Cortes do Meio. Quando nos referíamos, nestas conversas ao lugar da Bouça foi frequente ouvirmos: "A Bouça? Há quanto tempo lá não vou!". E, idênticamente, os interesses em Cortes de Baixo, expressos por parte dos habitantes da Bouça também não nos pareceram serem muitos.

Os habitantes do lugar centro, Cortes do Meio transmitiram-nos uma visão dos dois lugares vizinhos nítidamente diferente, evidenciando uma maior aproximação com Cortes de Baixo do que com o lugar da Bouça.

Como referimos atrás, muitos dos que habitam em Cortes do Meio possuem terras em Cortes de Baixo e aí tem ou tiveram parentes. Os caminhos entre estes dois lugares são frequentemente percorridos por aqueles que vão a Cortes de Baixo tratar das suas terras; pelos que lá morando têm necessidade de utilizar os serviços religiosos, administrativos e comerciais estabelecidos em Cortes do Meio, ou aí aceder ao transporte público.

O relacionamento entre os habitantes da sede de freguesia com os do lugar da Bouça pareceu-nos não ser comparável ao mantido pelos primeiros com Cortes de Baixo. A necessidade de comunicação entre Cortes do Meio e o lugar da Bouça, faz-se sentir principalmente pela necessidade que este último lugar tem de utilizar os serviços mais de ordem

administrativa, estabelecidos na sede de freguesia. O lugar da Bouça tem uma relativa autonomia comercial, assim como acesso ao transporte público. Não conhecemos casos de habitantes de Cortes do Meio que se desloquem à Bouça para tratar de terras aí possuídas, ou vice-versa. Embora possamos pensar que poderá haver situações deste género por nós não detectadas, a existirem, serão sempre em número muito inferior às que põem os lugares de Cortes de Baixo e Cortes do Meio em contacto.

A Bouça apresentou-se-nos, aparentemente, como o lugar que se mantém mais fechado na relação com os outros dois lugares. Não se podendo isolar da sede de freguesia, a distanciação a vários níveis parece ter sido tentada pelos seus habitantes. É pelo menos isso que nos leva a crer as palavras dos nossos informantes de Cortes do Meio quando dizem: "É outra gente, em tempos até queriam ter lá um cemitério, não queriam ser enterrados nas Cortes do Meio" ou "Agora não temos lá nada que fazer, mas antes passávamos por lá a caminho da Covilhã, mas nunca parávamos por lá." E, expressando bem a superioridade sentida pelos que nascem em Cortes do Meio em relação aos que nascem na Bouça, afirmam: "Sabe, aqui diz-se quando um homem das Cortes do Meio casa com uma rapariga da Bouça, que tirou uma alma do purgatório."

Uma nítida distinção entre o lugar da Bouça e os outros dois lugares, foi também por nós sentida na leitura que fizemos dos registos paroquiais de baptismo. Como já

afirmámos, quando na Introdução deste trabalho nos referimos às dificuldades de exploração dos ditos registos, existe nestes na generalidade, um maior cuidado em identificar o local de nascimento e residência dos paroquianos quando esse local é o lugar da Bouça. As pessoas dos outros dois lugares são muitas vezes identificados simplesmente, como sendo "desta freguesia".

Desta forma, também as apreciações que surgem em relação a Cortes de Baixo, partindo identicamente de Cortes do Meio, são de teor relativamente diferente das feitas em relação ao lugar da Bouça.

Se as gentes da Bouça podem ser acusadas de uma possível indiferença e individualismo em relação aos outros lugares da freguesia, os que vivem ainda em Cortes de Baixo são apenas vistos como aqueles que não tiveram energia suficiente para de lá saírem, estando agora condenados a ali acabarem os seus dias.

Com efeito, Cortes de Baixo que possivelmente nunca foi o lugar mais habitado do vale da ribeira das Cortes, provavelmente, como já afirmámos, devido à necessidade de preservar libertos do *habitat* os seus terrenos agricolamente férteis, acaba por ir sendo abandonado quase completamente à medida que deixa de haver interesse em cultivar as suas terras. A justificação para a estagnação e posterior retrocesso deste núcleo, surge nos discursos dos nossos informantes como o resultado de uma construção deficiente da capela que tem " o altar de costas para o povo " ou devido

ao facto de ali se ter cometido um crime nunca punido.

Todavia, alguns dos que encontrámos a viver em Cortes do Meio nasceram em Cortes de Baixo, outros falam de ligações parentais que os unem a Cortes de Baixo, ou apenas da recordação dos tempos em que uma vida ocupada pela actividade agrícola os fazia percorrer diariamente os caminhos que unem os dois "povos".

Assim, como consequência de um lento processo de encontro entre homens, actualmente, o espaço observado deixa transparecer de forma objectiva como os homens o ocuparam, mas ali também está presente, embora de forma menos objectiva, as representações mentais que os homens têm do seu espaço. Tal como escreveu Jacques Le Goff: "Não existe lugar de encontro mais importante, entre o homem biológico e o homem social, que o espaço. E o espaço é objecto eminentemente cultural, variável ao sabor das sociedades, das culturas e das épocas, espaço orientado, impregnado de ideologia e de valores." (1985:62).

Por razões que se prendem precisamente com a gestão do espaço ocupado, com as quais se imbrincarão outras de carácter mais subjectivo cada grupo construiu a sua própria identidade e relacionam-se entre si, diferenciando-se e por vezes rivalizando-se.

## 5. Evolução demográfica

A freguesia de Cortes do Meio onde administrativamente, se englobam os três lugares - Cortes de Baixo, Cortes do Meio, Bouça - surge como freguesia de "Córtes" no primeiro recenseamento realizado em Portugal abrangendo de uma forma sistemática toda a população do reino, executado em 1864 pela secção de Estatística e Topografia do Ministério do Reino. Em 1878 quando se faz um segundo apuramento do nível do primeiro a denominação para a freguesia é já "Córtes do Meio (São Roque)".

Põem-se, no entanto, algumas dúvidas quanto aos lugares abrangidos pela freguesia, durante o período de elaboração dos referidos recenseamentos, pois estes não são esclarecedores nesse aspecto. Porém, outros documentos consultados, aos quais já nos referimos anteriormente, indicam-nos de forma segura que em meados do século XIX, por consequência quando do primeiro recenseamento oficial efectuado, os três lugares em observação se encontram unidos na freguesia de Cortes do Meio.

O recenseamento de 1960, o mais completo feito até essa data, inclui informações por lugares, com retrospectiva a 1911, englobando na freguesia de Cortes do Meio (S. Roque) os lugares de: Bouça, Cortes de Baixo, Cortes do Meio, Ourondinho, Rochoso e Isolados. São precisamente os três primeiros lugares que abarcam durante o período de 1911 a 1960 a grande maioria da população da freguesia, situação

mantida até à actualidade, depreendendo-se ter sido assim, também, durante todo o século XIX, considerando a informação dada pelos registos paroquiais

Da análise dos números apurados pelos recenseamentos publicados entre 1864 e 1981, decenais a partir de 1890, concluimos ter a freguesia de Cortes do Meio na segunda metade do século XIX, uma população em crescimento que atingirá o seu máximo no início dos anos 60 deste nosso século, caindo em seguida de uma forma significativa.

Assim, se em 1864, a freguesia conta com 815 indivíduos, em 1960 os números apontam para 1625 indivíduos, ou seja praticamente o dobro.

A queda populacional é nítida, podendo talvez mesmo considerar-se abrupta a partir de 1960, (ver quadro I.1.)

Com efeito, os dados indicam-nos que em 1970 a população da freguesia é constituída por 1340 indivíduos, o que traduz em relação a 1960 uma perda de 369 pessoas. A queda continua até 1981, tendo sido neste último recenseamento contabilizada uma população de 1066 indivíduos.

Naturalmente neste caso, a diminuição populacional, é a consequência do fenómeno português nos anos 60, a emigração para as cidades e para outros países da Europa Ocidental que atinge de forma bem marcante a freguesia de Cortes do Meio.

A ocupação populacional dos três lugares observados é numericamente diferente entre si. Esta diferença mantém-se relativamente idêntica em todos os dados fornecidos pelos recenseamentos.

Reportando-nos a 1911 e considerando os dados de 1940, 1960, 1970 e 1981, reconhecemos Cortes do Meio como o lugar de maior densidade populacional, seguido de Bouça e de Cortes de Baixo. As diferenças são nítidas, assim enquanto temos nestes 70 anos uma média de cerca de 711 indivíduos em Cortes do Meio, temos durante o mesmo período uma média de 356 na Bouça e 143 em Cortes de Baixo. Note-se, que neste último lugar, mas apenas nos últimos 15 anos, se tem feito sentir, de forma mais negativa que nos outros lugares, os reflexos do decréscimo da população, tornando-se cada vez mais num local onde se evita viver pelo menos de forma permanente.

No que diz respeito à relação entre o número de mulheres e de homens, podemos considerar a existência de um natural equilíbrio; sendo de notar, porém, uma ligeira superioridade no número de homens, mas sempre dentro das médias normais da relação de masculinidade, ou seja na ordem dos 105 para 100. Sómente em 1970 temos menos pessoas do sexo masculino que do sexo feminino em Cortes do Meio. Mas isto apenas na população presente, onde foram contados 600 homens para 630 mulheres. Esta relação é invertida, se considerarmos a população residente, sendo o número dos homens residentes de 690 contra 650 mulheres residentes. Esta situação confirma o facto de também nesta freguesia, a emigração mobilizar mais o sexo masculino que o feminino.

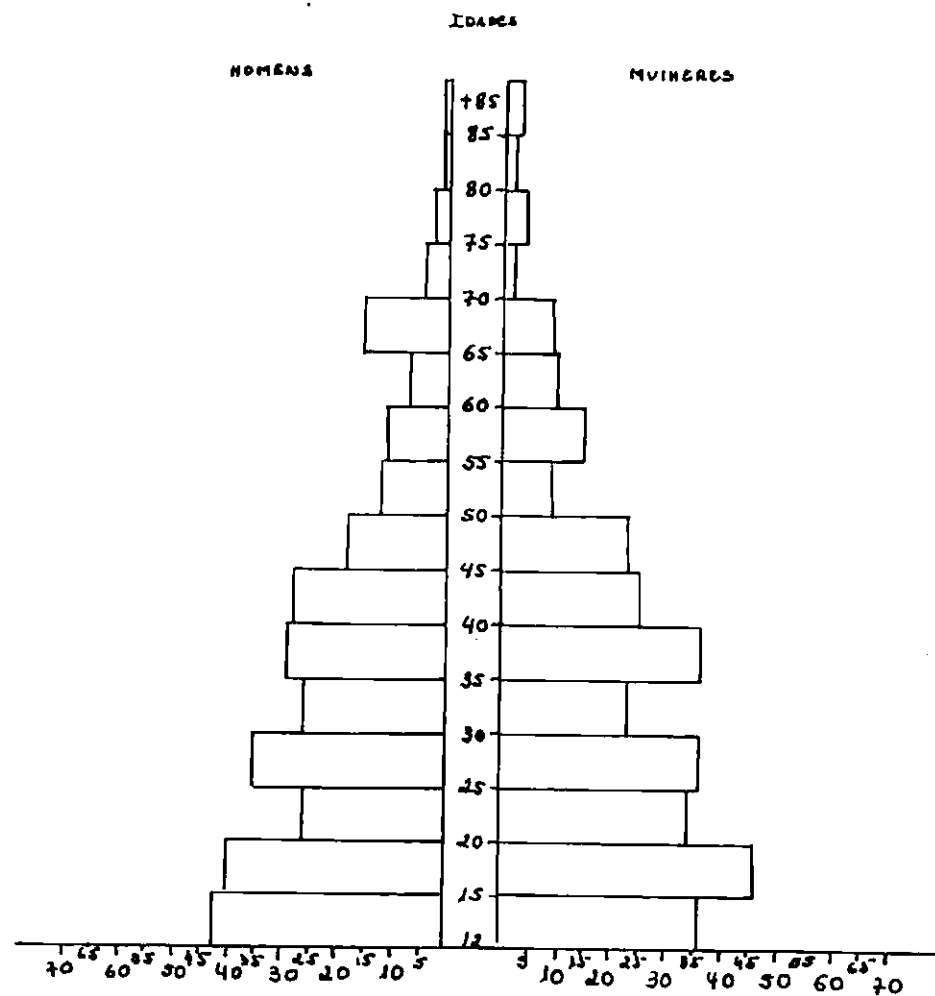
QUADRO I.1. FREGUESIA DE CORTES DO MEIO - POPULAÇÃO  
1864 - 1981

Anos	Pop.	Hom.	Mul.	Fogos
1864	830	428	422	221
1878	878	447	431	248
1890	981	506	475	266
1900	1019	498	521	248
1911	1191	612	579	239
1920	1262	652	610	295
1930	1348	685	663	304
1940	1391	697	694	343
1960	1625	844	781	387
1970	1230	600	630	423
1981	1066	552	514	411

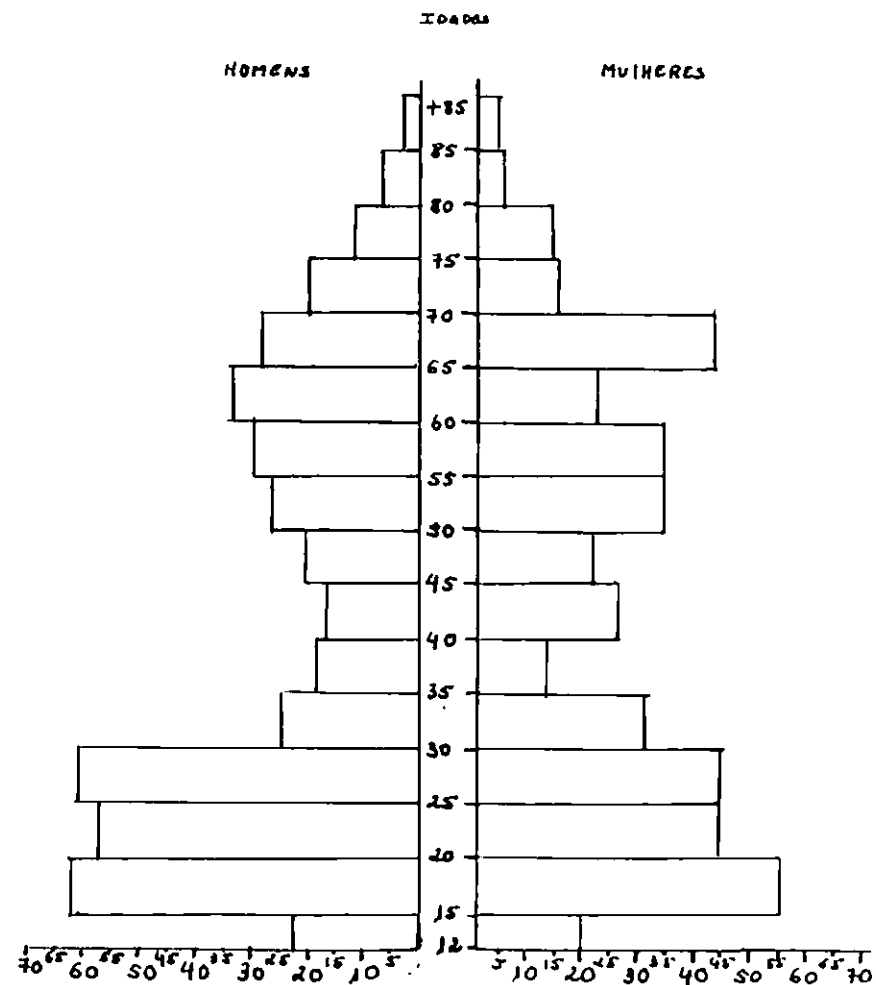
Fonte: I,II,III.IV,V,VI,VII,VIII,X,XI e XII  
Recenseamentos Gerais da População. I.N.E.



PIRÂMIDE DE IDADES RELATIVA A POPULAÇÃO 1864



PIRÂMIDE DE IDADES RELATIVA A POPULAÇÃO 1981



## 6.Actividades agro-pastoris

A agricultura e a pastorícia constituíram, como já por nós foi afirmado, o sustentáculo económico da freguesia de Cortes do Meio até meados do presente século.

O passado deste vale abrigado numa das encostas da Serra da Estrela, não terá sido diferente de outros que hoje se encontram igualmente povoados, de características geográficas idênticas.

Se o que conseguimos saber da actividade agrícola desenvolvida até tempos recentes na freguesia de Cortes do Meio, se pode integrar num tipo de agricultura de subsistência, característico dos vales da Serra, relativamente à pastorícia deparamos com uma actividade que ultrapassou razoavelmente o nível das suas necessidades de consumo. Esta freguesia, situou-se, na primeira metade do actual século entre as freguesias detentoras de maior número de cabeças de gado ovino e caprino.

No "Arrolamento geral de gados e animais de capoeira" realizado em 1934, a freguesia de Cortes do Meio fez manifestar a posse de 3674 caprinos, ocupando com estes números, o segundo lugar, a seguir à freguesia de Casegas, dentro do concelho da Covilhã. Nos arrolamentos que foram feitos a partir desta data, o número deste tipo de animais começa a reduzir-se, sendo manifestadas em 1972 e em 1979, respectivamente, 971 e 647 cabeças de gado caprino o que

denota uma diminuição significativa e contínua (ver quadro I.2.).

Pensamos que a redução do número de cabeças de gado miúdo se vinha já fazendo sentir antes de 1934. Apesar de não possuímos números anteriores a esta data, a memória colectiva dá-nos notícia de um tempo em que a pastorícia aliada à agricultura dominava a vida do vale da ribeira de Cortes. Falam os nossos informantes da existência "nesses tempos" de quantidades de cabeças de gado miúdo ultrapassando largamente as que encontrámos registadas em 1934.

As fontes históricas e os estudos que tem tido por tema a caracterização das formas de vida na Serra da Estrela, reforçam a ideia que as aldeias serranas se encontraram desde sempre ligadas essencialmente à pastorícia.

Referindo-se aos vales de Loriga e de Alvoco, na Serra da Estrela, Carmina Cavaco e Isabel Marques escreveram: "os mais altos lugares habitados teriam sido desde sempre típicas aldeias serranas, essencialmente pastoris. Uma população agrupada de forma compacta, nos recôncavos abrigados da encosta SO da Estrela, vivia da criação de rebanhos de cabras e de ovelhas, do aproveitamento do mel e da cera das colmeias, da colheita das castanhas dos soutos e de episódicas culturas de centeio feitas sobre arroteias e queimadas." (1966:194)

Os rebanhos, constituídos principalmente por cabras, onde as ovelhas surgiam, mas em número reduzido, viviam entre a

aldeia e as zonas serranas de maior altitude; no Verão, perante a seca das terras mais baixas e a ocupação das mais irrigadas pelas culturas, o gado procurava no planalto mais montanhoso as pastagens frescas, conservadas na altitude. Era geralmente em Julho que os pastores com o seu gado, ou conjugando gado de vários proprietários, devidamente marcado, subiam a serra; em Setembro ou princípios de Outubro quando as condições na serra se tornavam difíceis de suportar voltava-se à aldeia, recolhendo o gado nos currais (cortes), junto de terras que no Inverno podem ser aproveitadas como pastagens, como por exemplo terras de restolho ou seja aquelas em que se ceifou o cereal.

Tendo diminuído, abruptamente, a criação de gado miúdo na freguesia, devemos no entanto salientar ser esta situação generalizada a toda a zona da Serra da Estrela. Com a expansão da floresta, as dificuldades em manter os rebanhos foram aumentando, muitas cabeças de gado foram vendidas e hoje são poucos os que têm gado miúdo. "O tilintar dos seus chocalhos e o chamamentos dos pastores, que a atmosfera leve da serra faz ressoar, dão certa vivacidade à paisagem, mas vivacidade que não é mais do que uma reminiscência dum passado pastoril que, por um conjunto complexo de circunstâncias entrou em franca decadência em quase se toda a Serra da Estrela." (Cavaco, 1966:218)

QUADRO I.2. FREGUESIA DE CORTES DO MEIO: GADO OVINO E CAPRINO

Ano	Ovinos	Caprinos
1934	261	3674
1940	112	3167
1955	501	1867
1972	472	995

Fonte: Arrolamentos Gerais do Gado. I.N.E.

Paralelamente com a pastorícia, a produção agrícola também foi decaindo.

Não ultrapassando a maioria das propriedades da freguesia os 2 Ha, as de terra de sequeiro e que ainda são cultivadas, têm sido ocupadas com a cultura do centeio, cereal de eleição das terras pobres e altas; nas terras de regadio surgem culturas como o milho, batata, feijão, couves e outros produtos hortícolas.

Com a diminuição da produção agrícola, das pastagens e dos rebanhos são muitas as terras que hoje se encontram abandonadas. Desapareceram assim, do vale da Ribeira de Cortes várias culturas que constituíram aí produções importantes até meados do nosso século. O linho foi um desses casos, a sua produção foi diminuindo até ao seu total desaparecimento. Também os castanheiros que em tempos ainda recentes, terão ocupado grande área da encosta do vale e constituído um papel muito importante na alimentação da

população, hoje são também quase inexistentes. Vítimas da ambição dos proprietários que os não pouparam, perante os altos preços atingidos pela madeira de castanho, como afirma Viegas Guerreiro (1982:78), ou atacado por doença, como escreve Orlando Ribeiro (1941:215) e crê a população. De facto, o castanheiro, árvore que ocupava elevações até cerca de 1000 metros, tem sido substituído pelo pinheiro.

A oliveira que não sobrevive a mais de 800 metros e que a mais de 600 metros tem alguma dificuldade em se manter, ocupa uma boa parte do solo da freguesia, principalmente na zona do vale de menor altitude, ou seja imediatamente a seguir à zona de lameiros. Embora a azeitona represente ainda um bem agrícola importante na comunidade em estudo, hoje a exploração e transformação deste fruto torna-se difícil, não só pelos problemas que surgem inerentes à falta de mão de obra, mas também porque o lagar da freguesia, está actualmente impedido de funcionar, pois a ponte que lhe permitia acesso encontra-se danificada, obrigando os que tem azeitona em grande quantidade a recorrerem a lagares fora da freguesia.

As dificuldades não surgem unicamente na produção do azeite, actualmente, segundo o recenseamento agrícola de 1981 realizado pelo I.N.E., são apenas 2 os agricultores da freguesia que conjuntamente com o agregado familiar, se dedicam exclusivamente à agricultura, retirando dessa actividade o total das suas receitas económicas. São 5 os que da mesma forma, ou seja com o trabalho familiar, obtêm

da agricultura cerca de 50% dos seus proventos económicos. Segundo a mesma fonte, são 124 as famílias que vão com o seu trabalho retirar da actividade agrícola menos de 50% dos seus ganhos.

O trabalho remunerado na agricultura é hoje reduzido, sendo na sua maioria utilizado apenas por pessoas que tiram da agricultura o necessário para consumo próprio. A oferta de mão-de-obra é também escassa, sendo esta sempre eventual, ou seja de pessoas que vão conciliando outras actividades profissionais com a agricultura.

Parece ultrapassado o tempo em que os habitantes deste vale, produziam praticamente tudo o necessário para a sua sobrevivência, mantendo com o exterior um restrito relacionamento. Este acontecia apenas quando a força das necessidades motivava a transposição dos obstáculos que os separavam de outras comunidades.

## 7. Incidências do sector secundário

Ao prosseguir a caracterização da vida sócio-económica da freguesia de Cortes do Meio nos últimos 150 anos, temos de nos defrontar com alterações relativamente profundas acontecidas nestes aspectos.

Se, num passado recente, a pastorícia aliada a uma agricultura de subsistência, constituíam as principais actividades dos habitantes da freguesia, hoje deparamos com

uma comunidade onde para a maior parte dos seus membros a agricultura é uma actividade complementar. O trabalho no campo é actualmente, como por nós foi afirmado anteriormente, executado na maioria dos casos, em tempo deixado disponível pela actividade assalariada no sector secundário, ou em tempo mais longo, quando se entrou na idade da reforma.

Alguns dos que se dedicaram à pastorícia, são hoje homens de muita idade que recordam geralmente com saudades tempos idos. Hoje são cinco ou seis os que ainda acompanham o pouco gado miúdo existente.

Freguesia do concelho da Covilhã, Cortes do Meio não ficou indiferente às alterações económicas sentidas na região, no final do século passado.

O ressurgimento económico, verificado nessa altura, na indústria têxtil da Covilhã e que se vai fazer sentir nas zonas periféricas - Tortosendo e Unhais da Serra - com a construção de numerosas manufacturas têxteis, deu a possibilidade a muitos de verem num salário certo, a ascensão sócio-económica não oferecida pelas actividades agro-pastoris.

Ao longo deste século uma grande parte das famílias que trabalhavam exclusivamente na exploração agrícola, vão conjugar simultaneamente o trabalho na fábrica com o trabalho agrícola e se a conciliação não se torna possível é a agricultura a actividade abandonada.

Os dados fornecidos pelo Recenseamento Geral da População



e Habitação de 1981, expressam bem o peso do sector secundário, como ocupação profissional da população activa da freguesia de Cortes do Meio.

QUADRO I.3. POPULAÇÃO RESIDENTE ACTIVA A EXERCER  
UMA PROFISSÃO, SEGUNDO O SECTOR DE ACTIVIDADE ECONÓMICA

	Primário	Secundário	Terciário	Total
HOMENS	55	185	42	282
MULHERES	4	83	22	109
TOTAL	59	268	64	391

Por volta dos anos sessenta, um outro fenómeno se fará sentir, a emigração. Aos que abandonam a aldeia por tempo parcial, vem juntar-se os que a vão abandonar duravelmente, procurando trabalho noutros países e voltando quando muito em tempo de férias.

Desta forma a freguesia de Cortes do Meio, num período que se poderá considerar curto, sofreu alterações económicas e sociais de relevo. Estas alterações são naturalmente acompanhadas de uma abertura da comunidade ao mundo circundante mais próximo.

As comunicações são facilitadas através do melhoramento das ligações entre Cortes do Meio e os centros industriais que ali mobilizam mão de obra.

No entanto, as incidências destas alterações de ordem económica e social, assim como da relativa abertura ao

exterior, não se farão sentir de imediato nas mentalidades e por consequência nas estruturas familiares, cujo processo de transformação parece ser muito mais lento. Como escreveu Michelle Salitot: "A análise das relações entre estes dois níveis da realidade social repousa sobre a hipótese que as estruturas familiares suportam os efeitos das transformações da estrutura económica e social, de forma diferida, a estrutura familiar não regista senão com atraso as transformações da organização global. De facto as estruturas familiares não correspondem sistematicamente às da organização social." (1988:97).

Será esta a razão pela qual a posse da terra, o desejo de manter e aumentar se possível o património fundiário, é hoje ainda visivelmente defendido, mesmo quando os proventos económicos desta posse são muito reduzidos.



Foto nº 1 - Vista geral do lugar de Cortes do Meio





Foto nº 2 - Vista do lugar de Cortes do Meio, a partir de Cortes de Baixo.



Foto nº 3 - Vista do lugar de Cortes do Meio a partir da Bouça





Foto nº 4 Pormenor da estrada de Cortes do Meio que liga à Bouça



Foto nº 5 - Pormenor da loja de Maria de Jesus, no lugar de Cortes do Meio





Foto nº 6 - O Vale da Ribeira de Cortes, visto de montante para jusante



Foto nº7 - Pormenor do Vale da Ribeira de Cortes, visto de jusante para montante





Foto nº 8 - O lugar de Cortes de Baixo



Foto nº 9 - Cortes de Baixo e parte do seu território agrícola





Foto nº 10 - Entrada do lugar da Bouça



Foto nº 11 - Vista parcial do lugar da Bouça







Foto nº 12 - Socalcos em Cortes do Meio



Foto nº 13 - Lameiros em Cortes de Baixo





Foto nº 14 - Um dos poucos castanheiros ainda existentes



Foto nº 15 - Algum milho que ainda hoje se vai cultivando





Foto nº 16 - Casal e filhos nos anos 50



Foto nº 17 - O mesmo casal e a única filha que ficou a viver em Portugal

## CAPÍTULO II

### TROCAS MATRIMONIAIS NA FREGUESIA DE CORTES DO MEIO: análise quantitativa

#### 1. A escolha de cônjuge: algumas considerações teóricas

A escolha do cônjuge parece obedecer a certas regras precisas em todos os grupos humanos. Porém, esta regulamentação apresenta variações consideráveis. Sociedades há, em que a regra designa expressamente o indivíduo ideal que convém desposar, outras limitam-se a proibir a escolha de parceiro em determinados grupos de indivíduos aparentados.

Segundo as investigações etnológicas, a tendência para o cônjuge ser recrutado fora do grupo de parentes mais chegados, é tida como uma característica geral de todas as sociedades.

O princípio de aliança parte precisamente da proibição do

incesto, ou seja as uniões deverão ser efectuadas no grupo dos não consanguíneos ou no dos consanguíneos cuja regulamentação considera casáveis. A obrigação de procurar parceiros no exterior estará ligada à sobrevivência do grupo.

Claude Lévi-Strauss considera que "como interdição, a proibição do incesto limita-se a afirmar em um terreno essencial à sobrevivência do grupo, a preeminência do social sobre o natural, do colectivo sobre o individual, da organização sobre o arbitrário." (1982:85).

Os grupos humanos procuram assim, a sua estabilidade e reprodução nos contratos de aliança entre si, representando o casamento o instrumento destes contratos.

Entendendo o casamento como um "complexo de normas sociais que sancionam as relações sexuais entre um homem e uma mulher e que os liga por um sistema de obrigações e direitos mútuos"(Augé, 1975:41), este será objecto da nossa atenção enquanto processo de trocas matrimoniais e não como cerimónia ou rito. Estas trocas matrimoniais sem lhe querermos negar o que possuem de subjectivo, implantam-se naturalmente numa trama de relações sociais e económicas que as produzem e que sentem os seus efeitos.

Como escreveu Lévi-Strauss: "A relação global de troca que constitui o casamento não se estabelece entre um homem e uma mulher como se cada um devesse e cada um recebesse alguma coisa. Estabelece-se entre dois grupos de homens (...)." (1982:155).

Não procuraremos entrar na compreensão das estratégias individuais ou de grupo que eventualmente se encontram por trás das alianças produzidas ao longo do tempo observado, na freguesia de Cortes do Meio, pois tal exigiria um conhecimento profundo das relações políticas económicas e sociais caracterizantes desta comunidade.

Estando perante um espaço naturalmente limitado por acidentes geográficos, onde coexistem três grupos definidos espacial e administrativamente, limitar-nos-emos a observar como estes processaram as suas alianças matrimoniais intra e inter grupo.

Como já o afirmámos, escolhemos um terreno para efectuar a nossa investigação que apresentasse à partida determinadas características. Uma delas era precisamente a fraca mobilidade geográfica, de forma a permitir um relativo controle quantitativo das alianças matrimoniais, neste caso efectuadas, na sua maioria, dentro de um espaço geográfico limitado.

A existência de uma relativa estabilidade populacional necessária para o desenvolvimento da nossa investigação, foi-nos confirmada no terreno, ou melhor, logo nos primeiros contactos estabelecidos com os habitantes da freguesia. Apercebemo-nos da predominância de determinados nomes de família, alguns pouco vulgares entre os patronímicos portugueses, como por exemplo: Carrola, Poeta, Bizarro ou Pão Alvo. O facto de termos vindo posteriormente a encontrar nos livros de registos paroquiais muitos destes nomes,

transmitidos de pais para filhos, informou-nos sobre a sua antiguidade e levou-nos ao contacto com um razoável número de famílias que se reproduziram de forma estável dentro da comunidade em observação.

## 2. Direcções espaciais das alianças matrimoniais dentro da freguesia

A análise das trocas matrimoniais entre os três núcleos aldeãos da freguesia de Cortes do Meio - Bouça, Cortes do Meio e Cortes de Baixo - basearam-se em dados retirados dos livros de registos paroquiais de baptismo da freguesia, pelo que deveremos ter em consideração serem os números obtidos referentes sómente a casais reprodutivos e cuja residência foi estabelecida na freguesia.

Procurámos que a quantidade de indivíduos nascidos em cada núcleo, cujo casamento contabilizámos, fosse idêntico ao número médio de habitantes desse mesmo núcleo, pois como já tivemos ocasião de escrever, estamos perante três lugares de dimensões populacionais diferentes.

Nesta primeira fase, em que observámos a direcção espacial das alianças matrimoniais, ou seja, o espaço geográfico no qual cada grupo recruta preferencialmente cônjuge, retivemos para análise o casamento de 1100 pessoas, correspondente ao conjunto da freguesia. Destas, 228 nasceram no lugar da Bouça, 728 no lugar de Cortes do Meio e 144 no lugar de Cortes de Baixo, o que traduzido em

percentagens, representa respectivamente 21%, 66% e 13%, do total de indivíduos observados.

Estas percentagens são representativas da ocupação humana de cada um dos lugares, na medida em que se aproximam do número de habitantes indicados pelos recenseamentos oficiais existentes. Assim e segundo estes, a população mantida pelos três núcleos em observação tem-se dividido entre si em médias percentuais da seguinte ordem: 29% de habitantes no lugar da Bouça, 59% no lugar de Cortes do Meio e 12% em Cortes de Baixo.

## 2.1 Endogamia e exogamia de lugar e de freguesia

Antes de tudo, queremos dar conta do facto de entendermos aqui os termos endogamia ou exogamia como escolha do cônjuge, respectivamente, dentro ou fora de um grupo, o qual teremos sempre o cuidado de identificar. Desta forma, ao utilizarmos as expressões endogamia ou exogamia de lugar ou de freguesia estaremos a definir o espaço geográfico onde se realizou ou não a escolha de cônjuge. Quando empregarmos estes termos para definirmos casamentos realizados dentro ou fora do grupo de parentesco, usaremos as expressões endogamia ou exogamia parental, definindo se necessário fôr o grau desse mesmo parentesco.

A endogamia geográfica, a nível de freguesia, ou seja a escolha do cônjuge feita preferencialmente dentro dos



limites da freguesia de Cortes do Meio, atinge no período de observação, uma taxa de cerca de 86%. Significa, esta percentagem, que de 1100 indivíduos cujo casamento contabilizámos, 950 escolheram cônjuges, tal como eles, nascidos na freguesia de Cortes do Meio.

Os números apurados indicam-nos, no entanto, uma taxa de endogamia de freguesia e de lugar, diferente para cada um dos três núcleos.

Assim, de 228 indivíduos nascidos na Bouça, 156 casaram dentro do lugar, ou seja, fizeram-no com cônjuge nascido também na Bouça, representando uma taxa de endogamia de lugar de 68%. Este número aumenta para 203, se tivermos em consideração os 47 indivíduos que casando com cônjuge nascido fora do lugar o recrutam, todavia, dentro da freguesia; corresponde a uma taxa de endogamia de freguesia de cerca de 89% para o lugar da Bouça.

No lugar de Cortes do Meio, de 728 indivíduos ali nascidos, 558 contraíram um casamento endogâmico a nível de lugar; atingiram neste caso uma taxa de endogamia de cerca de 77%. Se, neste número incluirmos os 80 indivíduos que contraíram casamento fora do lugar de nascimento, mas dentro da freguesia, contabilizamos um total de 638 indivíduos casados nos limites da freguesia; neste caso, representam uma taxa de endogamia de freguesia de cerca de 88%.

Em relação a Cortes de Baixo, os números diferem relativamente aos obtidos para os outros dois lugares. Assim, em 144 indivíduos, nascidos neste lugar, que

contraíram matrimónio no período estudado, só 56 recrutaram o seu cônjuge no lugar onde nasceram; neste caso, representa 39% a taxa de endogamia de lugar. Este número aumenta substancialmente se lhe adicionarmos 53 indivíduos que recrutam cônjuge fora do lugar de Cortes de Baixo, onde nasceram, mas que não ultrapassam os limites da freguesia, obtendo-se neste caso 109 indivíduos a que corresponde uma taxa de endogamia de freguesia de cerca de 76%, (Ver quadros: II.1 e II.2).

Numa primeira apreciação destes números, surgem-nos algumas questões em relação às razões subjacentes às diferenças apuradas nas taxas de endogamia de lugar. Procuraremos encontrar respostas ao longo desta investigação, o que passará naturalmente pela análise do nível atingido pelas trocas entre os três lugares e com o exterior.

Como síntese global, observando os dados numa perspectiva exogâmica, podemos afirmar que de um total de 1100 indivíduos, apenas 330 recrutaram cônjuge fora do lugar onde nasceram, correspondendo a uma taxa de exogamia de lugar de cerca de 30%. Destes 330, 180 fizeram-no fora do lugar de nascimento mas dentro da freguesia, exprimindo uma percentagem de casamentos inter-lugares na ordem dos 16%. Os restantes 150 casaram com indivíduos exteriores à freguesia, representando uma taxa de 14% de exogamia de freguesia.

É possível depreender, desde já, que depois de o cônjuge ser preferencialmente recrutado dentro do lugar de

nascimento, os outros lugares da freguesia representam a segunda hipótese de escolha.

Uma terceira possibilidade é, evidentemente uma escolha de cônjuge no exterior da freguesia.

No caso dos casamentos com pessoas de fora da freguesia, só pudemos contar com aqueles que escolheram residir na freguesia de Cortes do Meio. O nosso conhecimento deste facto, reforçado pelas percentagens obtidas - 16% casamentos fora do lugar de nascimento mas dentro da freguesia; 14% com cônjuge nascido fora da freguesia - levam-nos a pensar ser o número dos que escolhem cônjuge fora da freguesia muito próximo do daqueles que o fazem fora do lugar de nascimento, mas dentro da freguesia (ver quadros:II.1. e II.3.).

QUADRO II.1. ENDOGAMIA/EXOAMIA DE FREGUESIA

	Total casados	casados dentro Freg.	% End. Freg	casados fora Freg.	% Exo Freg.
BOUÇA	228	203	89%	25	11%
.....					
C.MEIO	728	638	88%	90	12%
.....					
C.BAIXO	144	109	76%	35	24%
.....					
TOTAL	1100	950	86%	150	14%

QUADRO II.2. ENDOGAMIA/EXOAMIA DE LUGAR

	Total casados	casados dentro Lugar	% End. Lugar	casados fora Lugar	% Exo. Lugar
BOUÇA	228	156	68%	72	32%
C.MEIO	728	558	77%	170	23%
C.BAIXO	144	56	39%	88	61%
TOTAL	1100	770	70%	330	30%

QUADRO II.3. CASAMENTOS INTER-LUGARES

	Total casados	Número casamentos inter-lugar	% casamentos inter-lugar
BOUÇA	228	47	21%
C.MEIO	728	80	11%
C.BAIXO	144	53	37%
TOTAL	1100	180	16%

Procurámos resumir os resultados obtidos nos quadros apresentados. Estes evidenciam um comportamento diferente de cada um dos núcleos aldeões em observação, relativamente ao local de escolha de cônjuge, o que acaba por se traduzir em diferentes taxas de endogamia e exogamia geográfica.

Com efeito, o lugar de Cortes de Baixo apresenta uma maior abertura a casamentos com o exterior, não só exteriores ao lugar mas dentro da freguesia, mas também exteriores à

freguesia. Os lugares de Cortes do Meio e da Bouça, mostram preferência pela escolha de cônjuge dentro do lugar de nascimento.

## 2.2. Direcções preferenciais das alianças matrimoniais inter-lugares

Depois de verificarmos a tendência para a escolha de cônjuge se realizar preferencialmente dentro do lugar de nascimento, debruçámo-nos sobre a segunda possibilidade de escolha, surgida na concretização de alianças matrimoniais fora do lugar de nascimento, mas dentro da freguesia. Passaremos então, à apresentação dos resultados quantitativos a que nos conduziram os dados informativos, referentes a trocas matrimoniais realizadas entre os três lugares da freguesia de Cortes do Meio.

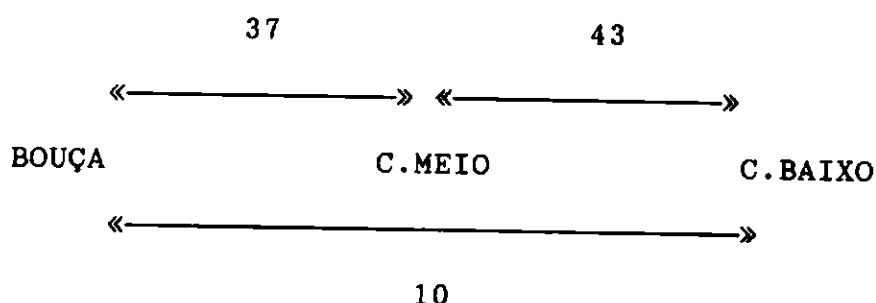
Contabilizámos para o lugar da Bouça, 47 indivíduos a contraír matrimónio com indivíduos nascidos nos outros dois lugares da freguesia. Destes, 37 realizam alianças com Cortes do Meio e 10 com Cortes de Baixo.

O lugar de Cortes do Meio efectua, por seu lado, 80 alianças com os outros lugares da freguesia, sendo em número de 37 e de 43 as realizadas, respectivamente, com a Bouça e com Cortes de Baixo.

Por último, Cortes de Baixo soma 53 alianças com os outros lugares, das quais 10 se estabelecem com cônjuge da

Bouça e 43 com cônjuge de Cortes do Meio.

Sintetizando esquematicamente, obtivemos o seguinte modelo:



Segundo verificámos, as trocas matrimoniais generalizam-se aos três lugares, demonstrando existir nesta formação social uma relativa unidade. Porém, a quantidade dessas trocas manifesta diferenças apreciáveis, consoante o lugar em questão, o que não deixa de ter algum significado sobre o grau de intensidade de integração, manifestada por cada um dos grupos aldeões.

Constatámos que o lugar da Bouça e o de Cortes de Baixo realizam as suas alianças preferencialmente com o lugar de Cortes do Meio; o mesmo significa dizer que este último realiza de uma forma relativamente equilibrada - apenas com alguma pendência para Cortes de Baixo - alianças com os outros dois lugares da freguesia.

Diferente se torna, o nível de trocas consumadas entre os lugares da Bouça e de Cortes de Baixo, o qual se manifesta bastante reduzido.

Sem nos deixarmos de questionar sobre as razões que

conduzem aos diferentes níveis quantitativos atingidos pelas trocas matrimoniais entre os três lugares, ficamo-nos, por agora, pelo domínio das constatações. Desta forma, os resultados obtidos, permitem-nos concluir que as trocas matrimoniais dentro da freguesia de Cortes do Meio, apesar de se generalizarem aos três grupos em questão, realizam-se preferencialmente entre os núcleos Bouça / Cortes do Meio e Cortes do Meio / Cortes de Baixo, ou seja, segundo o modelo apresentado:

BOUÇA«————»C.MEIO      e      C.MEIO«————»C.BAIXO

Verificámos, assim, haver uma relativa desigualdade no posicionamento dos grupos em relação à direcção espacial das alianças matrimoniais, quando efectuadas fora do lugar mas dentro da freguesia. Constatámos que apenas o grupo Cortes do Meio considera, frequentemente, duas direcções para efectuar as suas alianças dentro da freguesia, Bouça ou C.Baixo.

Por consequência, os grupos Bouça e Cortes de Baixo fazem preferencialmente alianças com Cortes do Meio, só esporadicamente encontram um no outro, uma segunda direcção para as suas alianças matrimoniais.

### 2.3. Circulação de Mulheres e Homens

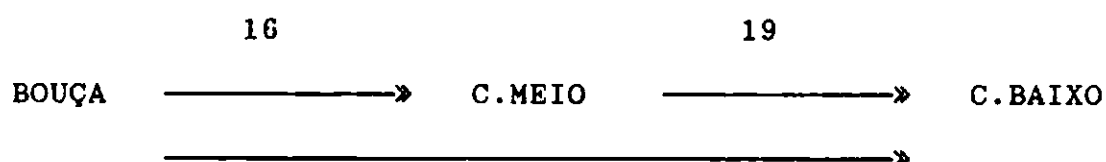
Numa primeira análise feita das trocas matrimoniais entre os três núcleos aldeões em observação, não tivemos a preocupação de fazer distinção entre sexos. Considerando esta divisão essencial para a investigação que desenvolvemos, passaremos agora a expôr a forma como se processam as alianças, tendo em conta a divisão sexual.

No caso da Bouça, contabilizámos 20 mulheres aí nascidas que casam com homens dos outros lugares da freguesia. Destas, 16 casam com indivíduos de Cortes do Meio e 4 com indivíduos de Cortes de Baixo.

De Cortes do Meio, são 40 as mulheres a contraírem matrimónio com homens dos outros núcleos; 21 fazem-no com homens da Bouça e 19 com homens de Cortes de Baixo.

Por último, das 30 mulheres de Cortes de Baixo que se aliam com oriundos dos outros lugares, 24 concretizam alianças com Cortes do Meio e 6 com a Bouça.

Sendo assim, obtivemos os seguintes modelos de alianças femininas, descritas:

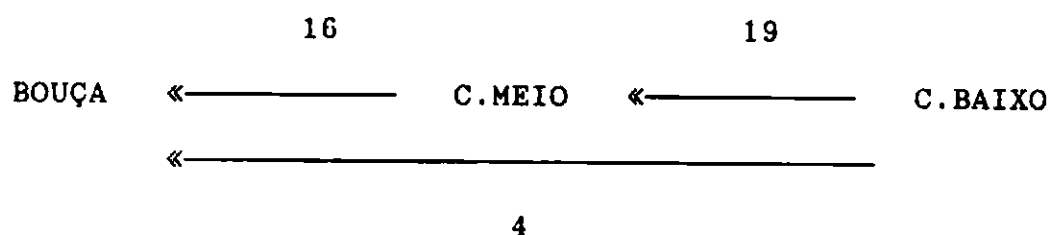
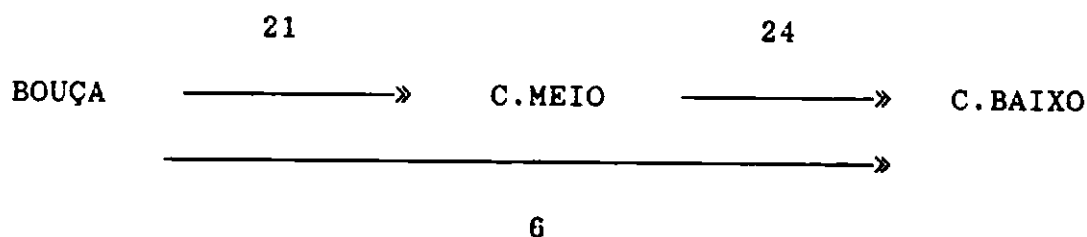






mulheres, recrutam cônjuge nos dois núcleos vizinhos. No entanto, os números apresentam-se, neste caso, menos equilibrados, pois enquanto 24 dos seus homens casam com mulheres de Cortes de Baixo, sómente 16 que o fazem com mulheres da Bouça.

As alianças masculinas enumeradas, tal como o fizemos em relação às alianças femininas, poderão expressar-se através do seguinte modelo:



Se entendermos os números apurados, considerando as mulheres como objecto de troca entre os três núcleos aldeões, podemos constatar a tendência do lugar de Cortes do Meio para manter o equilíbrio entre o número de mulheres recrutadas nos outros lugares e as cedidas. Esta troca é porém, desigual, relativamente ao número de pessoas

recrutadas em cada um dos outros dois lugares. O déficit atingindo nas trocas com a Bouça - recebe 16 e cede 21 - é compensado nas realizadas com Cortes de Baixo - recebe 24 e cede 19 .

A Bouça é o lugar que, segundo os nossos números, recebe um número superior de mulheres em relação às cedidas - recebe 27 e cede 20.

Em oposição a este último, encontra-se o lugar de Cortes de Baixo que se apresenta deficitário neste tipo de trocas - recebe 23 mulheres e cede 30.

Estes resultados foram para nós alvo de uma outra leitura que não queremos também deixar de expressar. Localizando os três lugares topograficamente, verificámos uma movimentação masculina de recrutamento de cônjuge mais activa no sentido descendente. Com efeito, os homens da Bouça, local situado a uma maior altitude, ao escolherem cônjuge fora do lugar de nascimento, fazem-no preferencialmente no lugar de Cortes do Meio, local situado imediatamente a seguir em altitude. De igual forma, os homens de Cortes do Meio voltam-se preferencialmente para uma escolha de cônjuge em Cortes de Baixo, lugar que se posiciona na zona onde o vale se abre em planície.

Esta tendência apresentada para os homens se movimentarem no sentido descendente na procura de cônjuge, é-nos confirmada igualmente pelas trocas matrimoniais verificadas entre o lugar da Bouça e o de Cortes de Baixo; também o número de homens a descerem, em busca de mulheres, é

número de homens a descerem, em busca de mulheres, é superior aos que sobem.

### 3. Mobilidade residencial

O local de residência de casais compostos por indivíduos nascidos em lugares distintos é um aspecto que não podemos desprezar na nossa investigação. É a escolha do local de residência que determina o ganho ou perda, para a comunidade, dos habitantes envolvidos nas alianças.

Nos casamentos observados, quando os lugares de nascimento dos cônjuges divergem, é corrente observarmos uma opção de residência num lugar de origem de um dos envolvidos na aliança. Um terceiro lugar, raramente constitui opção de residência.

Ao pretendermos analisar as alianças matrimoniais em termos de percas e ganhos de indivíduos, deveremos considerar que o lugar de residência escolhido pelos casais nestas circunstâncias, fica favorecido em relação ao lugar rejeitado. O ganho inicial de um indivíduo, deverá aumentar, sempre que o casamento seja reprodutivo.

Em relação ao nosso caso concreto, a opção de residência após o casamento foi observada dentro dos limites proporcionados pelos elementos fornecidos pelos registos paroquiais de baptismo. Estes, como já foi referido, são muitas vezes deficientes, principalmente quando se trata de

definir o local de residência. Desta forma, os dados aqui incluídos dizem respeito aos indivíduos que fazem alianças matrimoniais fora do lugar de nascimento, mas dentro da freguesia de Cortes do Meio, dos quais recolhemos informações concretas e seguras quanto à sua opção de residência matrimonial.

A mobilidade residencial foi, assim, observada em 142 casamentos envolvendo pessoas nascidas em lugares diferentes da freguesia, implicando, por consequência, a deslocação de 71 indivíduos do lugar do seu nascimento para o lugar de origem do cônjuge.

Neste movimento originado pela aliança matrimonial, o lugar de Cortes do Meio recebeu 41 novos indivíduos e deixou sair 20; do lugar da Bouça saíram 30 pessoas e entraram 8; de Cortes de Baixo saíram 21 pessoas ali nascidas e foram recebidas 22.

QUADRO II.4. MOBILIDADE RESIDENCIAL

	Número Indiv. saídos	Número Indiv. recebidos	Ganhos ou percas
BOUÇA	30	8	-22
C.MEIO	20	41	+21
C.BAIXO	21	21	+ 1

Os dados quantitativos que acabámos de expôr, quando repartidos por sexos, indicam uma mobilidade residencial feminina superior à masculina. Com efeito, as fontes indicam-nos que foram 41 as mulheres e 30 os homens que após o matrimónio foram residir para o lugar de nascimento do cônjuge.

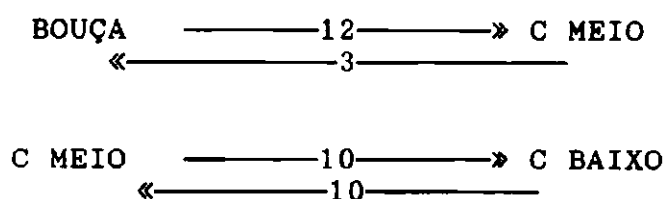
A movimentação residencial feminina, determinada pelo casamento, abrange de forma diferente os três núcleos aldeãos.

O lugar da Bouça permitiu a saída de 16 das suas mulheres para os lugares vizinhos. Destas, 12 fixam residência em Cortes do Meio e 4 fazem-no em Cortes de Baixo.

Do lugar de Cortes do Meio, foram 13 as mulheres a deslocarem-se após o casamento para os outros lugares; 3 fizeram-no para a Bouça e 10 para Cortes de Baixo.

Por último, o lugar de Cortes de Baixo permite, nas mesmas circunstâncias, a saída de 12 das suas mulheres; destas, 10 fixaram-se em Cortes do Meio e 2 na Bouça

Procurando uma observação mais compreensível desta situação, consideremos os seguintes modelos relativo à mobilidade matrimonial feminina:



BOUÇA      —————4—————» C BAIXO  
              «—————2—————

Perante estes dados, podemos afirmar ser a Bouça o lugar que permite a saída de um maior número de mulheres para os outros núcleos, sendo simultaneamente o que menos mulheres recebe.

Cortes do Meio encontra-se numa situação de grande receptor de mulheres, já que recebeu, dos outros núcleos, 22 mulheres, enquanto cedeu apenas 13.

Por seu lado, Cortes de Baixo mantém um relativo equilíbrio entre as mulheres recebidas e saídas. Este equilíbrio é total relativamente às trocas efectuadas com o lugar de Cortes do Meio - a uma saída de 10 mulheres corresponde igual número de entradas. É, aliás, com este lugar que realiza a maior parte das trocas matrimoniais dentro da freguesia pois, como já foi referido, as alianças entre o lugar de Cortes de Baixo e o lugar da Bouça são pouco frequentes.

A mobilidade residencial masculina apresenta-se, como se disse atrás, relativamente inferior à feminina.

O lugar da Bouça cede aos outros lugares da freguesia, 14 homens, dos quais 10 vão residir em Cortes do Meio e 4 em Cortes de Baixo.

Cortes do Meio, enquanto lugar, permite a mudança de residência a 7 homens, deslocando-se 3 para o lugar da Bouça e 4 para Cortes de Baixo.

O lugar de Cortes de Baixo cede 9 dos seus homens a

Cortes do Meio, não sendo detectada qualquer saída masculina para a Bouça.

A representação esquemática desta mobilidade residencial masculina apresenta os seguintes modelos:

BOUÇA    ————10—————»    C.MEIO  
           «—————3—————»

C.MEIO    ————4—————»    C.BAIXO  
           «—————9—————»

BOUÇA    ————4—————»    C.BAIXO  
           «—————0—————»

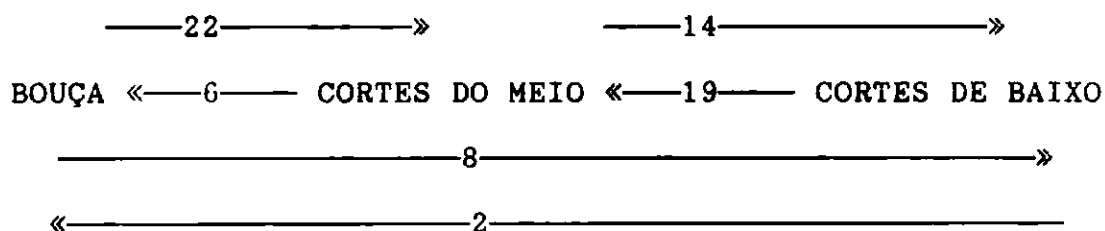
Em relação ainda a esta movimentação masculina, urge salientar que, tal como aconteceu em relação à movimentação de mulheres, o núcleo que cede maior número de homens e em contrapartida recebe menos é o da Bouça, dando 14 e recebendo apenas 3.

De Cortes do Meio são poucos os homens que saem para os outros lugares, apenas 7. Este número é inferior ao obtido em relação às mulheres que, recordemos, foram 13. São também menos os homens, relativamente ao número de mulheres, provenientes dos outros lugares, que se fixam em Cortes do Meio; em número de 19, enquanto se fixaram 22 mulheres. De qualquer forma a quantidade de homens que se fixam no lugar de Cortes do Meio é nitidamente superior ao número dos que saiem.



Cortes de Baixo não tem com Cortes do Meio uma relação de trocas masculinas tão equilibrada quanto a feminina, pois enquanto cede àquele núcleo 9 dos seus homens, apenas recebe 4.

Para uma melhor observação do número total de habitantes da freguesia, que segundo os dados utilizáveis, verificámos deslocarem a sua residência para um outro lugar da freguesia, em resultado da contracção de alianças matrimoniais, recorremos mais uma vez à representação de um modelo esquemático:



Em forma de conclusão, e com base nos dados apresentados, podemos constatar que o lugar preferido para residir foi, no período analisado, Cortes do Meio.

O lugar da Bouça foi o mais abandonado pelos que casaram com gente dos outros lugares da freguesia.

Cortes de Baixo foi o lugar que se manteve mais equilibrado em relação à entrada e saída de indivíduos após o casamento.

#### 4. Alianças matrimoniais com o exterior da freguesia

Como já foi por nós referido neste trabalho, contámos 150 casamentos realizados com indivíduos exteriores à freguesia que tiveram no entanto, esta, como opção de residência.

Destas alianças, 90 são concretizadas por indivíduos nascidos em Cortes do Meio; 35 representam alianças do mesmo tipo realizadas por indivíduos de Cortes de Baixo; de igual forma, são 25 os indivíduos da Bouça que apresentam cônjuge proveniente do exterior da freguesia. Recordemos serem estes números correspondentes a taxas de exogamia, respectivamente, da seguinte ordem: 12%, 24% e 11%.

Ao analisarmos este tipo de aliança, atendendo ao número de homens e mulheres que a concretizaram, os nossos dados puseram-nos em presença dos seguintes casos: em relação a Cortes do Meio, foram 49 mulheres e 41 homens ali nascidos cujos cônjuges sendo exteriores à freguesia, vêm através da aliança matrimonial residir naquele lugar; o lugar da Bouça conta nesta mesma situação com 16 mulheres e 9 homens; Cortes de Baixo contabiliza por sua vez, 18 mulheres e 17 homens com cônjuge não nascido nos limites da freguesia.

QUADRO II.5. INDIVÍDUOS COM CÔNJUGE EXTERIOR À FREGUESIA

	Homens	Mulheres	Total
BOUÇA	9	16	25
.....			
C.MEIO	41	49	90
.....			
C.BAIXO	17	18	35
.....			
TOTAL	67	83	150

Quando analisámos os números que acabámos de apresentar, tivemos sempre em consideração a falta de informação respeitante a todos aqueles que optaram pela residência na terra de origem do cônjuge proveniente do exterior, ou mesmo noutra. De facto, é possível ser significativo o número dos que saíram da freguesia através do casamento. Mas nestas condições, somos obrigados a contar apenas com uma visão parcial do relacionamento da freguesia com o exterior. Isto é, só podemos encarar aqui a freguesia como recebedora de homens e mulheres e não dadora, por falta de informações relativas aos que partem.

Cingindo-nos aos dados que possuímos, podemos constatar serem mais homens que vêm do exterior, através do casamento, estabelecerem-se na freguesia que mulheres.

Tendo presente as dimensões demográficas do três lugares, verificámos que o núcleo mais fechado às alianças exteriores à freguesia é o da Bouça, sendo nas mesmas circunstâncias o de Cortes de Baixo o mais aberto. Note-se, ter este último lugar, já nas alianças inter-lugares, manifestado um grau de

abertura ao exterior, relativamente superior aos outros dois lugares.

A área geográfica exterior à freguesia, onde tiveram lugar trocas matrimoniais em número significativo, no período analisado, rodeia em forma de semi-círculo a freguesia para Sul, de Ocidente a Oriente e, não ultrapassa distâncias, em relação a esta, superiores a 20 Km.

Unhais da Serra, Tortosendo, Paúl, Covilhã, Casal da Serra, Peso e Dominguiso, foram as povoações com as quais os dados informativos em nosso poder, indicaram a efectivação de um número igual ou superior a 6 alianças.

Todavia, as preferências de cada um dos lugares da freguesia em relação aos lugares limítrofes, onde eventualmente encontram cônjuge, mostraram-se diferentes.

Assim, os indivíduos de Cortes do Meio casaram-se mais frequentemente, com pessoas dos seguintes locais: Unhais da Serra (7 casamentos); Casal da Serra (7 casamentos); Dominguiso (6 casamentos); Covilhã (6 casamentos); Paúl (6 casamentos).

O lugar de Cortes de Baixo deu preferência a alianças matrimoniais concretizadas com: Unhais da Serra (6 casamentos) e Tortosendo (6 casamentos). Este lugar caracterizou-se por repartir as suas alianças por um número relativamente elevado de lugares, embora não ultrapasse as 2 ou 3 alianças com cada um desses lugares.

O lugar da Bouça apresentou um número apreciável de casamentos concretizados com pessoas de Peso (7 casamentos).



Interessante se torna notar que com este local, exterior à freguesia de Cortes do Meio, não encontrámos alianças matrimoniais significativas feitas pelos outros dois lugares da freguesia, contámos apenas 2 casamentos realizados entre pessoas do lugar de Cortes do Meio e Peso. Além das casamentos com indivíduos de Peso, o lugar da Bouça concretizou outros casamentos com pessoas provenientes em grande parte, de locais já referidos como fazendo parte da área de escolha de cônjuge da freguesia de Cortes do Meio.

### CAPÍTULO III

#### RECONSTITUIÇÕES GENEALÓGICAS: Mecanismos de troca

##### 1. Valor informativo das genealogias

A análise estatística das direcções espaciais seguidas pelas alianças matrimoniais na freguesia de Cortes do Meio, ao longo de um período de cerca de 110 anos, conduziram a resultados exclusivamente de ordem quantitativa.

Ao detectarmos, através dos dados obtidos, uma forte tendência endogâmica a nível de lugar e de freguesia, assim como um índice de trocas significativamente desiguais entre os três lugares, fomos tentados procurar evidenciar, através da reconstituição genealógica, mecanismos concretos de troca eventualmente conducentes àqueles resultados e, talvez encontrar um princípio de explicação.

Continuando a utilizar informações retiradas dos registos paroquiais, elaborámos cadeias genealógicas o mais completas

possíveis, na medida em que os dados em nossa posse o permitiam.

Saliente-se. ser muito difícil a reconstituição completa deste tipo de genealogias escritas, mesmo pretendendo-se cobrir um período de tempo curto. Algumas ligações genealógicas perdem-se, não só por ausência total de informação mas também por dificuldades de identificação correcta e completa dos indivíduos. Tal como já referimos anteriormente, estas falhas na informação, surgem quer devido a erros nos registos, quer pela variabilidade dos nomes e patronímicos.

Insistimos principalmente na profundidade temporal, porque se pretendemos detectar regularidades nas alianças matrimoniais, torna-se necessário a sua observação ao longo do maior número de gerações possíveis. Conseguimos, desta forma, com base nos elementos informativos retirados dos registos paroquiais de baptismo entre os anos de 1820 e 1930, elaborar genealogias parciais abrangendo, na maior parte dos casos, cinco gerações, atingindo por vezes as seis.

Tivemos inicialmente como intenção completar a reconstituição destas genealogias, extraídas dos documentos de arquivo, com genealogias orais. Estas últimas, obtidas através do depoimento de indivíduos vivos, cuja memória genealógica ascende, na generalidade, à segunda geração e por vezes à terceira, permitiriam, nalguns casos, conexões com as genealogias escritas, aumentando assim o número de



gerações em observação. Não o fizemos, porque entretanto, apercebemo-nos do carácter diferente deste tipo de informação oral em relação à escrita.

Os depoimentos orais pareceram-nos, assim, poderem constituir uma fonte importante para um estudo de objectivo diferente do pretendido de momento. Na realidade, corriamos o risco de obter uma informação filtrada pela memória e sujeita às suas flutuações; onde as possíveis imprecisões, omissões, distinções ou depreciações seriam muitas vezes o reflexo de uma memória familiar definida por estratégias e códigos culturais. A apreciação e consequente selecção deste tipo de informação, exige ao investigador uma preparação e atenção que não estavam ao nosso alcance no momento.

É neste sentido que Françoise Zonabend faz a seguinte apreciação em relação à memória genealógica: "cada um utiliza a genealogia à sua maneira, manipula a sua identidade. A memória genealógica é proporcional ao valor dado a cada uma das linhas de origem, e pelo desbaste nas suas ascendências cada um opera cortes sociologicamente significativos. Estas diferenças de memória não se explicam somente por factores demográficos ou geográficos: elas respondem a normas, a práticas sociais específicas de cada formação social estudada." (1991:183).

Contudo, perante a complexidade que caracteriza a recolha e análise dos depoimentos orais envolvendo a memória familiar, extraímos deste tipo de documentos apenas alguns dados genealógicos e informações de carácter geral.

Retivemos as possíveis evoluções das ligações genealógicas num tempo mais recente e dados objectivos que auxiliam na compreensão da visão e identificação dos indivíduos com o espaço circundante.

A reconstituição genealógica apoiada, como acabámos de explicitar, quase exclusivamente nos documentos escritos, permitiu objectivar de forma mais concreta (com profundidade geracional), a informação quantitativa relativa às alianças matrimoniais entre os três lugares da freguesia de Cortes do Meio. Mas, entre outros aspectos, as genealogias permitem também analisar o tipo de alianças matrimoniais efectuado, assim como os laços de parentesco originados pela filiação, para poder evidenciar o seu eventual papel na determinação de novas alianças de mesmo tipo.

Ocupando um lugar determinado, num grupo de indivíduos ligados por laços de parentesco, cada indivíduo começará, antes de tudo, por distinguir os "seus" dos "outros". Como afirmou Françoise Zonabend: "Antes de "se" ser, é-se "filho" ou "filha" de X ou Y: nasce-se numa "família", é-se marcado por um "nome de família" antes de se ser socialmente quem quer que se seja." (1991:179).

Este lugar, ocupado por cada pessoa no seu grupo parentes, tenderá a aumentar de importância quanto menor for a comunidade integrante.

Com efeito, a acção dos indivíduos dentro de uma comunidade rural, pouco numerosa e relativamente isolada, com uma forte taxa de endogamia geográfica como a que

observámos, dificilmente se pode abstrair das relações de parentesco, ou seja dos laços baseados na consanguinidade e na afinidade que os unem entre si.

O laço de parentesco é, neste caso, tão importante que, perante a presença de alguém estranho à comunidade, a possibilidade de haver alguma ligação parental, mesmo muito longínqua, com alguém conhecido, pacifica os ânimos e conduz à aceitação desse elemento estranho. Sentimos esta força das relações de parentesco na freguesia de Cortes do Meio, que desta forma não se diferencia do que se passa em comunidades de características idênticas às suas.

A este propósito, no trabalho desenvolvido em Minot (França) por Tina Jolas e Françoise Zonabend podemos ler: "O laço de parentesco é privilegiado. A identificação de um indivíduo é sempre formulada em termos genealógicos: somos antes de tudo pai, filho, esposo, irmão. Se se trata de um estranho na aldeia, procura-se encontrar-lhe um laço de parentesco com alguém conhecido e mesmo quando esse laço é muito ténue, não se esquecem de afirmar: é um pouco parente." (1970:171).

Apercebemo-nos, no nosso contacto com os habitantes da freguesia, que estes consideravam, no seu relacionamento familiar, vários níveis de proximidade parental circunscritas às seguintes zonas: a do parentesco próximo, onde não há lugar para dúvidas; a zona de parentesco afastado, geralmente também perfeitamente reconhecido; uma zona de parentesco difuso onde o esquecimento permite que

consoante os interesses se recorra ou não a estes laços.

A valorização dos laços de parentesco nas pequenas comunidades rurais, não será indiferente a prática da endogamia geográfica e por consequência um certo grau de endogamia parental. Os membros das famílias que mantiveram uma certa estabilidade na freguesia, mostram no seu relacionamento quotidiano, aceitarem a possibilidade de eventuais ligações de parentesco entre si cuja memória se terá perdido no tempo.

As reconstituições genealógicas elaboradas não contradisseram em nada o que acabámos de escrever. A maioria das genealogias evidenciaram um universo de parentes, onde as parentelas de cada indivíduo se imbricam frequentemente umas nas outras.

Reconstituímos genealogias, tendo na verticalidade como limite o período de tempo para o qual possuíamos informações. Limite que na generalidade não vai além de 5 ou 6 níveis de gerações. Na horizontalidade, parámos sempre que deixavam de ser pertinentes as ligações colaterais obtidas, tendo em consideração o afastamento genealógico em relação ao casal de referência, do qual partimos para a elaboração da genealogia.

Sublinhe-se desde já, que entre todas as distintas cadeias genealogicas reconstituídas, partindo de diferentes casais de referência, obtivemos elos de ligação, ao que não será estranho naturalmente a endogamia territorial já referida.

Procurámos assim, numa primeira fase, observar, através das reconstituições genealógicas, se uma aliança matrimonial inter-lugar tinha tendência para ser precedida ou procedida por outras alianças de características idênticas. O local de nascimento de cada indivíduo surge nesta observação como dado relevante.

Numa segunda fase, fazendo passar para segundo plano o local de nascimento de cada pessoa, concentrámos a nossa observação nas distâncias genealógicas entre os intervenientes nas alianças matrimoniais e procurámos detectar possíveis repetições de alianças consanguíneas ou afins dentro de uma mesma teia genealógica.

Por último, voltámos a considerar os locais de nascimento dos indivíduos e tentámos compreender a influência do espaço geográfico nos reencadeamentos de alianças.

## 2. Renovação de alianças matrimoniais inter-lugares

### Primeiro exemplo genealógico: Bouça - Cortes de Baixo

Para a concretização do primeiro objectivo proposto neste capítulo, ou seja tentar evidenciar, através de reconstituições genealógicas, as alianças inter-lugares, partimos para uma primeira reconstituição escolhendo um casal inicial que estabeleceu uma aliança matrimonial inter-lugar. Para facilitar a descrição dos resultados obtidos,

chamaremos a este casal inicial, o casal de referência.

Neste caso específico, o referido casal é composto por um indivíduo de sexo feminino nascido no lugar da Bouça que contraiu matrimônio com um indivíduo nascido no lugar de Cortes de Baixo.

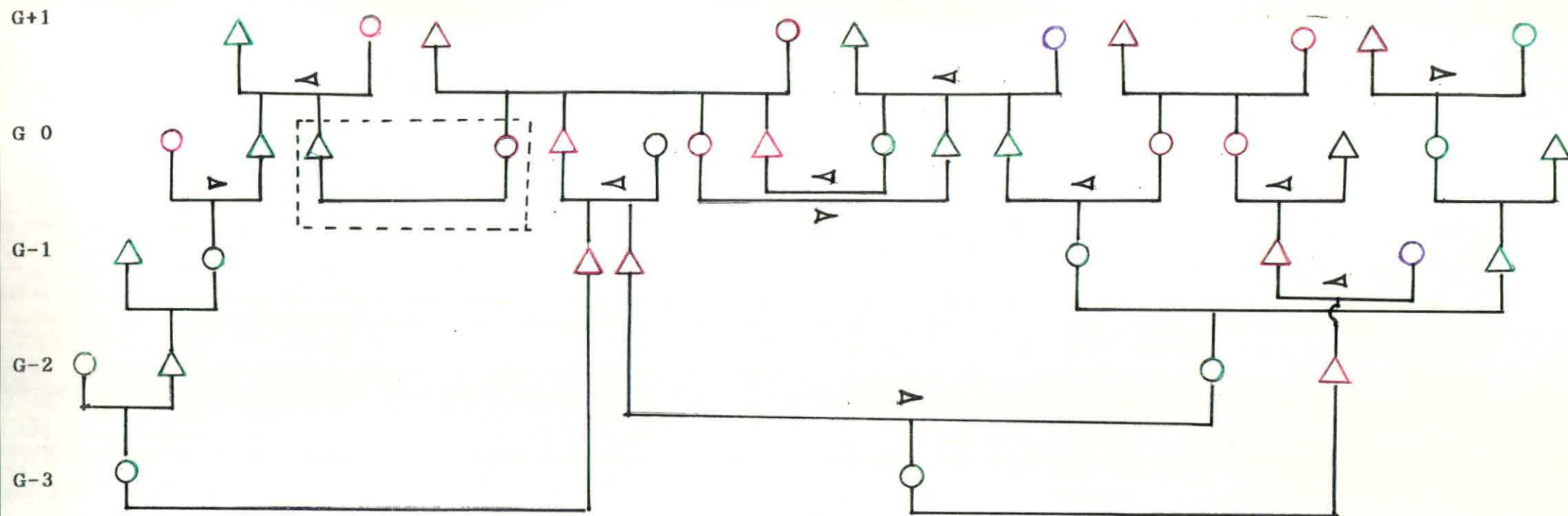
Reconstituímos esta genealogia cobrindo uma geração ascendente e três gerações descendentes em relação ao casal de referência. Distendida dentro do possível no sentido da colateralidade, obtivemos elos de ligação entre cerca de 50 casais.

As alianças predominantes são as geograficamente endogâmicas, ou seja Bouça-Bouça e Cortes de Baixo-Cortes de Baixo. Mas, para além destas, contámos alianças inter-lugares: sete, Cortes do Meio-Cortes de Baixo; duas, Bouça-Cortes do Meio, e oito alianças do mesmo tipo da do casal de referência ou seja, Bouça - Cortes de Baixo, (ver diag.1).

Se tivermos em consideração que quantificámos, no segundo capítulo desta investigação, um número total de dez alianças entre os dois lugares agora aqui em questão, somos levados a pensar estar perante um caso interessante de análise, quando oito dessas dez alianças nos surgem englobadas numa mesma reconstituição genealógica. Esta situação só se torna possível devido ao facto, de estas alianças se situarem relativamente próximas entre si, na reconstituição genealógica elaborada (ver diag.1).

Assim, na geração G 0, ou seja na do casal de referência, encontrámos mais três alianças do tipo referencial. Estas

RENOVAÇÃO DE ALIANÇAS MATRIMONIAIS INTER-LUGARES: BOUÇA-  
CORTES DE BAIXO



DIAG. 1

- △ ○ C. de Baixo
- △ ○ Bouça
- △ ○ C. do Meio
- △ ○ De fora da Freguesia
- △ ○ De lugar desconhecido
- △ ▽ Direcção residencial
- Casal de referência

alianças foram efectuadas por um irmã e um irmão do cônjuge feminino do casal de referência, também nascidos no lugar da Bouça. Estes vão contraír matrimónio com dois germanos nascidos em Cortes de Baixo. Estamos, neste caso, perante alianças entre dois pares de germanos. Uma quarta aliança, entre o lugar de Cortes de Baixo e o lugar da Bouça, surge nesta geração, protagonizada por um terceiro irmão dos dois germanos já referidos, nascidos em Cortes de Baixo. Este casa também com uma mulher da Bouça, saída de uma família aparentemente distinta daquela que cedeu cônjuges aos seus dois irmãos.

Na geração G -1, a descendente seguinte, encontramos ainda dois irmãos de sexo masculino, sobrinhos consanguíneos do cônjuge feminino do casal de referência, nascidos no lugar da Bouça, a realizarem alianças com mulheres de Cortes de Baixo. Neste caso, as referidas mulheres situam-se em gerações inferiores às dos seus maridos. Uma destas alianças, envolve um mulher situada na geração G -3 a qual é bisneta de um irmão do elemento masculino do nosso casal inicial; a outra aliança realiza-se com uma mulher situada na geração G -2, neta do casal que realizou a quarta aliança que assinalámos na geração anterior (G 0 ).

Ainda no sentido descendente, aparece uma última aliança que envolve um homem situado na geração G -2, nascido no lugar da Bouça, neto de uma irmã do cônjuge feminino do casal que protagoniza a quarta aliança assinalada na geração G 0. Este casa com uma prima do sétimo grau de



consanguinidade, nascida em Cortes de Baixo, situada na geração G -3, filha de uma das alianças anteriormente referidas e que envolveu um sobrinho do membro feminino do casal de referência. Concretiza-se assim a última aliança, detectada no sentido descendente, entre os lugares da Bouça e de Cortes de Baixo.

Na geração G +1, a imediatamente anterior ao casal escolhido, assinalámos uma aliança entre um homem do lugar da Bouça e um mulher de Cortes de Baixo. Esta aliança foi encontrada no prolongamento da linha ascendente paterna de um indivíduo de sexo feminino envolvido numa das alianças da geração G -1,(ver diag.1). Não encontramos, porém, outro relacionamento para além deste, entre esta aliança e as outras envolvidas por esta teia genealógica.

A reconstituição genealógica permitiu neste caso, observar que as trocas matrimoniais entre os dois lugares - para os quais já tínhamos detectado um relacionamento menor a este nível - se incluem quase totalmente numa mesma cadeia genealógica. Assim, oito de um total de dez alianças realizadas entre o lugar de Cortes de Baixo e o lugar da Bouça, foram realizadas por indivíduos aparentados num grau relativamente próximo, pelo menos o suficiente para surgirem numa teia genealógica parcial, cobrindo verticalmente cinco gerações.

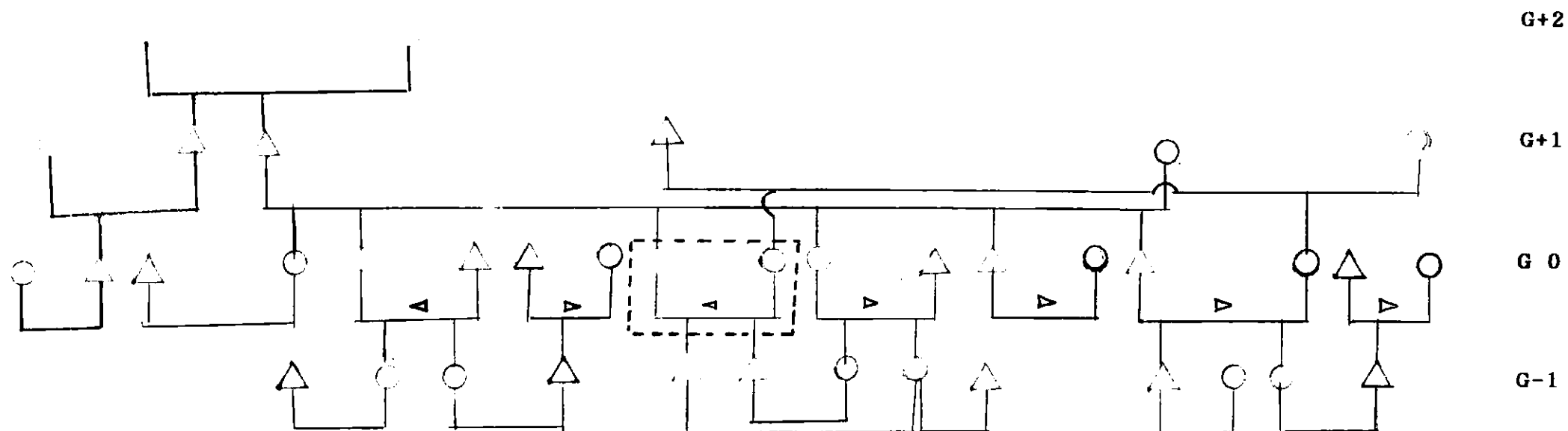
### Segundo exemplo: Cortes de Baixo - Cortes do Meio

Tentámos uma segunda reconstituição com os mesmos objectivos da anterior, tendo como referência, agora, uma aliança entre um homem do lugar de Cortes de Baixo e uma mulher do lugar de Cortes do Meio. Esta reconstituição, envolveu cerca de 80 casamentos, atingindo, em certos casos, na verticalidade seis gerações: duas no sentido descendente e três no sentido ascendente, a partir do casal de referência.

Esta genealogia, construída de acordo com os dados que possuíamos, não apresentou, nas gerações ascendentes do nosso casal de referência, casamentos inter - lugares significativos, notando-se apenas uma predominância de casamentos endogâmicos. Inversamente, na geração G 0, entre um total de treze casamentos, nove estabelecem alianças entre os lugares de Cortes de Baixo e Cortes do Meio, (ver diag.2).

Seis destes casamentos, foram concretizados por seis irmãos - três de cada sexo - nascidos em Cortes de Baixo, entre os quais se encontra o cônjuge masculino do casal de referência, deste segundo exemplo. Dos restantes três casamentos, entre pessoas de Cortes de Baixo e de Cortes do Meio, um representa uma aliança realizada por um primo do já referido grupo de irmãos, nascido em Cortes de Baixo e que casa com uma mulher de Cortes do Meio; as outras duas

RENOVAÇÃO DE ALIANÇAS MATRIMONIAIS INTER-LUGARES:  
CORTES DE BAIXO-CORTES DO MEIO



DIAG. 2

- △ ○ C. de Baixo
- △ ○ C. do Meio
- △ ○ De fora da Freguesia
- ▲ ▼ Direcção residencial
- Casal de referência

alianças, situadas nesta geração, foram concretizadas pelos pais de dois indivíduos que irão, na geração descendente seguinte, realizar igualmente alianças entre Cortes de Baixo e Cortes do Meio, ao se casarem com dois descendentes directos do grupo de seis irmãos já referidos.

Na geração seguinte, ou seja na G -1, encontrámos casamentos exteriores à freguesia, em número relativamente superior à média. Assim, de vinte alianças realizadas nesta geração, por descendentes directos do grupo de seis irmãos referidos na descrição da geração anterior (G 0): seis reproduziram uma aliança do mesmo tipo dos seus pais (Cortes de Baixo-Cortes do Meio); oito escolheram cônjuge fora da freguesia: quatro, nascidos em Cortes do Meio casaram com indivíduos do mesmo lugar, acontecendo igualmente o mesmo com os dois restantes nascidos em Cortes de Baixo que também realizam um casamento endogâmico a nível de lugar.

Parece-nos, possível afirmar, tendo como base a nossa observação, que as trocas matrimoniais entre o lugar de Cortes de Baixo e o lugar de Cortes do Meio, têm tendência a repetir-se numa mesma genealogia. Assim, é comum uma troca matrimonial realizada entre os dois lugares aqui em questão - Cortes do Meio/Cortes de Baixo - ser seguida por outras idênticas no grupo de parentes próximos. Nas reconstituições que fizemos não encontrámos uma troca deste tipo isolada, outras surgem, do mesmo género, em graus de parentesco relativamente próximos.

### Terceiro exemplo: Bouça - Cortes do Meio

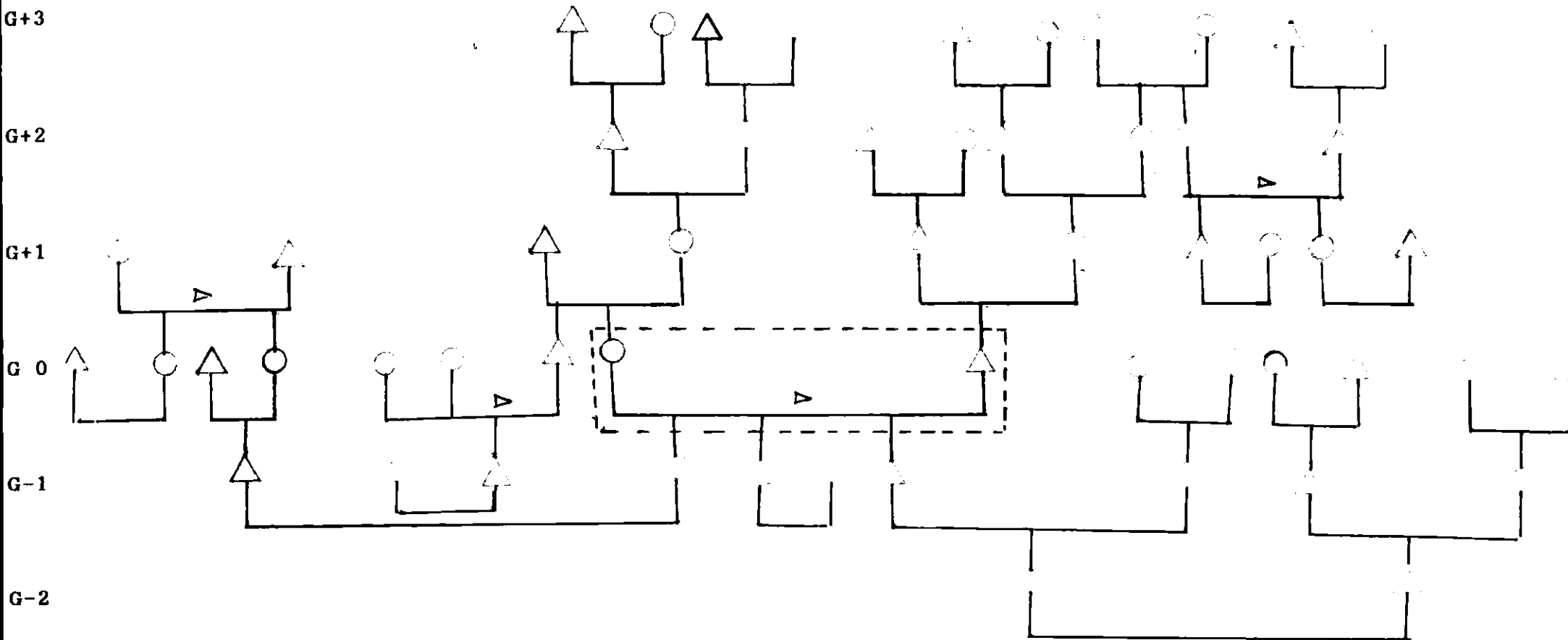
Reconstituições genealógicas, integrando alianças de indivíduos do lugar da Bouça com os do lugar de Cortes do Meio, foram tentadas a partir de vários casamentos relativos a pessoas nascidas nos referidos lugares. Os resultados foram, neste caso, nitidamente diferentes dos obtidos nas anteriores reconstituições

Para evidenciarmos estes resultados, seleccionámos uma das cadeias genealógicas elaboradas, partindo de uma aliança entre uma mulher de Cortes do Meio e um homem do lugar da Bouça. Casal que passa a representar o nosso ponto de referência (ver diag.3).

Constatámos, após a reconstituição genealógica bilateral que nas três gerações precedendo directamente o nosso casal de referência, as alianças matrimoniais se caracterizam pela predominância da endogamia de lugar (Bouça/Bouça e Cortes do Meio/Cortes do Meio). Assim, no grupo de ascendentes do cônjuge masculino do casal referencial, detectámos apenas uma aliança do mesmo tipo da sua - Bouça-Cortes do Meio -, realizada por uma irmã da sua avó. Em relação ao cônjuge feminino do mesmo casal de referência não encontramos qualquer aliança entre os seus ascendentes directos, envolvendo os lugares em questão.

No entanto, na geração do casal de referência (G 0), localizámos uma aliança entre um irmão do cônjuge feminino

# RENOVAÇÃO DE ALIANÇAS MATRIMONIAIS INTER-LUGARES: BOUÇA - CORTES DO MEIO



- △ ○ C. de Baixo
- △ ○ Bouça
- △ ○ C. do Meio
- △ ○ De fora da Freguesia
- △ ○ De lugar desconhecido
- Casal de referência

DIAG. 3

do referido casal - também nascido no lugar da Bouça - com uma mulher do lugar de Cortes do Meio. Na geração descendente, ou seja G -1, surgem duas alianças entre o lugar de Cortes do Meio e o lugar da Bouça. Uma, será consumada por uma filha do casal de referência e outra por um sobrinho do cônjuge feminino desse mesmo casal, nascido precisamente da aliança do mesmo tipo localizada na geração anterior.

O prolongamento, no sentido da colateralidade, desta teia genealógica, permitiu-nos constatar que a endogamia de lugar prevalece de forma significativa nas alianças matrimoniais estabelecidas. Esta tendência para a endogamia de lugar, destaca-se mais ainda, na reconstituição que envolve o grupo parental obtido a partir do cônjuge masculino do casal referencial, nascido no lugar da Bouça. A reconstituição feita partindo do cônjuge feminino, nascido no lugar de Cortes do Meio surgiu mais permeável a alianças exogâmicas, do ponto de vista de lugar.

Verificámos, com efeito, nas alianças entre o lugar da Bouça e o lugar de Cortes do Meio, quando a opção de residência do casal é o lugar da Bouça, a tendência evidenciada é para a reprodução de alianças matrimoniais prosseguir marcada por uma forte endogamia de lugar, mantendo-se esta aliança inter-lugar isolada de outras alianças futuras com as mesmas características. Inversamente, quando o local de residência escolhido é o lugar de Cortes do Meio, existe a tendência para as alianças

posteriores serem mais abertas a cônjuges exteriores ao lugar; sendo visível algumas alianças, não só do tipo daquelas a que nos temos vindo a referir - Cortes do Meio-Bouça -, mas também (muito próximo destas) alianças entre os lugares de Cortes do Meio e Cortes de Baixo.

A situação observada nesta reconstituição que escolhemos como exemplo, repete-se em outras idênticas. Por outras palavras, sempre que iniciamos uma reconstituição a partir de um casal composto por pessoas provenientes da Bouça e Cortes do Meio, aconteceu, este género de aliança inter-lugar ter tendência para não se repetir num espaço genealógico relativamente próximo da referida aliança inter-lugar, principalmente quando o local de residência escolhido é o lugar da Bouça. No caso de opção de residência ser Cortes do Meio, as alianças procedentes tendem a reproduzirem-se nesse lugar ou abrem-se indiferentemente à Bouça ou a Cortes de Baixo, não sendo assinalável preferência pelo lugar da Bouça.

As reconstituições genealógicas apresentadas nos três exemplos, partindo de um casal de referência que realizou uma aliança matrimonial inter-lugar, permitiram-nos constatar a tendência para alianças do mesmo tipo, ou seja casamentos entre indivíduos nascidos nos mesmos lugares dos do referido casal, se repitam numa mesma cadeia genealógica - tanto na mesma geração como em gerações superiores e inferiores.



Vimos assim, trocas matrimoniais envolvendo indivíduos sempre dos mesmos dois lugares da freguesia, repetirem-se em teias genealógicas sucessivas.

Perante o exposto, é possível pensarmos que uma aliança matrimonial produzirá uma rede de relações distendida a vários níveis, determinando eventualmente outras alianças.

Admitimos assim, a possibilidade de uma aliança matrimonial inter-lugar poder ser tanto consequência como vir a ser causa de outras alianças do mesmo género. Apenas as alianças realizadas entre pessoas do lugar da Bouça e do de Cortes do Meio, em que o local de residência escolhido foi o lugar da Bouça, apresentaram menos propensão para se reproduzirem numa mesma genealogia. Neste caso, é frequente este tipo de aliança inter-lugar se inserir num conjunto de alianças matrimoniais caracterizadas pela endogamia de lugar.

### 3. Reencadeamentos de alianças

A reconstituição das ligações genealógicas, tendo em consideração o local de nascimento dos indivíduos, permitiu-nos sublinhar a forma como se processaram algumas das alianças matrimoniais intra e inter-lugares na freguesia de Cortes do Meio, durante o período considerado para esta investigação.

Apercebemo-nos das preferências espaciais existentes nas

trocas entre os três lugares, mais nítidas nuns casos que noutros, e da tendência para a reprodução de alianças inter-lugares numa mesma cadeia genealógica.

Passaremos agora a uma segunda fase de análise, aproveitando a possibilidade, dada pelas reconstituições genealógicas elaboradas, de observação dos laços de parentesco induzidos pela filiação e alianças. Procuraremos observar as genealogias realizadas, no sentido de detectar tendências para regularidades nas alianças realizadas dentro do parentesco consanguíneo ou por afinidade, e possíveis conexões entre estas e o universo espacial em que se realizam.

### 3.1 Fechamentos consanguíneos dos casamentos

A forte taxa de endogamia geográfica que, tal como já demonstrámos, caracteriza a freguesia em estudo, torna inevitável a existência de uniões matrimoniais dentro do campo de parentesco, em determinados graus de consanguinidade.

Observámos a frequência e as características deste tipo de uniões, que denominámos fechamentos consanguíneos no casamento, tal como o fez Françoise Héritier: "Nas sociedades puramente cognáticas, sem grupos de filiação reconhecidos - unilineares, bilineares, paralelos ou outros - as proibições matrimoniais incidem sobre os graus de

parentesco. O ponto importante está pois, em saber se nelas encontramos ou não uniões consanguíneas, ou seja fechamentos no interior da consanguinidade ao fim de um certo número de gerações, e isto de modo evidente" (1989b:63)

Quando se tenta fazer uma observação do tipo da agora proposta, sentimos a fragilidade conclusiva a que nos leva a pouca profundidade genealógica atingida. O prolongamento vertical das ligações possuídas permitiria provavelmente obter resultados mais reveladores, mas tudo nos leva a acreditar que confirmariam as tendências evidentes nas reconstituições feitas, abarcando em alguns casos seis gerações.

Assim, cingindo-nos aos dados que possuímos, uma das nossas primeiras constatações foi a frequência de fechamentos consanguíneos obtidos sistematicamente na quarta ou quinta geração.

Com efeito, parentes entre si, do oitavo, sétimo ou sexto grau de consanguinidade (contagem civil romana), concretizam alianças matrimoniais frequentemente, nas reconstituições genealógicas elaboradas.

Embora tenhamos detectado, igualmente, casamentos entre primos nascidos de germanos, a existência destes surgiu-nos muito menos frequente que casamentos entre filhos de filhos de germanos e filhos de filhos de filhos de germanos. Explicitando melhor, é frequente surgirem nas reconstituições realizadas, uniões de indivíduos que possuem um dos pares de bisavós ou trisavós, conforme os casos, em

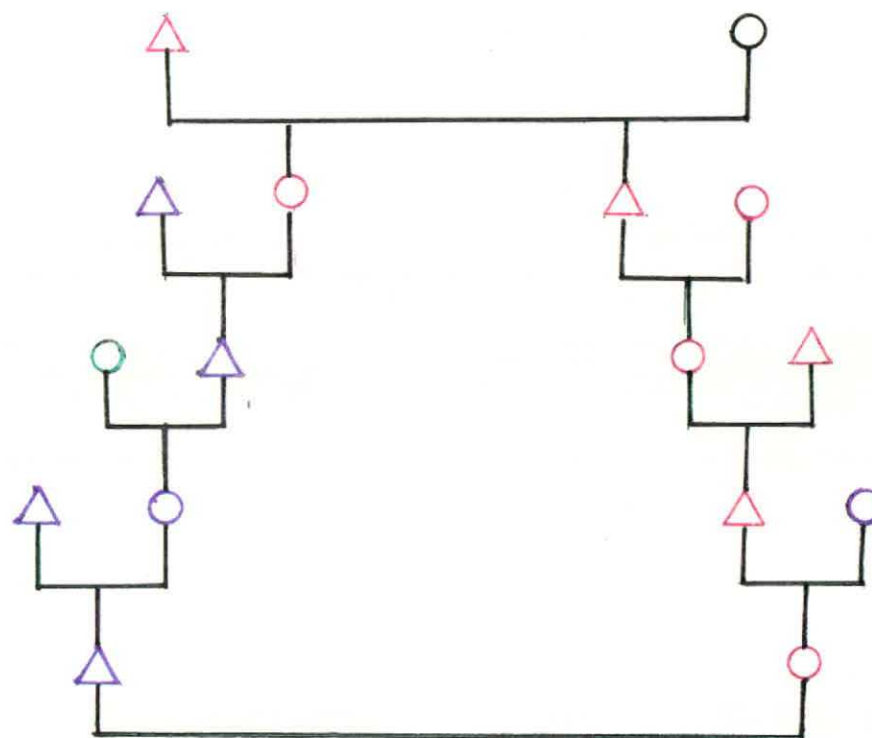
comum. São, como já afirmámos, casamentos verificados entre parentes respectivamente do sexto e do oitavo grau (contagem civil romana). Utilizando a linguagem numérica de Françoise Segalen (1985) serão casamentos ditos 3-3 ou 4-4 (ver diag.4).

Por vezes, encontrámos diferenças de gerações entre os indivíduos que contraíram casamentos designados fechamentos consanguíneos. Nestes casos, é corrente ser o indivíduo de sexo masculino a situar-se na geração anterior à do cônjuge, originando alianças 3-2 ou 4-3, por consequência do quinto e sétimo grau civil, (ver diag.5).

Apesar de não possuirmos números absolutos, em relação ao total de casamentos verificados na freguesia, permitindo quantificar os fechamentos consanguíneos do tipo que acabámos de descrever, podemos acrescentar ter este género de uniões surgido em todas as genealogias reconstituídas. Pensamos, pois, constituírem, os fechamentos consanguíneos, uma forte tendência, entre as linhas parentais mais estáveis da freguesia.

Como já referimos, os fechamentos na zona parental mais próxima - ou seja casamentos entre filhos de germanos - são bastante mais raros do que os que acontecem numa zona de parentesco mais afastada. Fundamentados na nossa informação podemos dizer que existirem estas uniões numa proporção de 1 para 4. Por outras palavras, em cada cinco fechamentos consanguíneos detectados apenas um emerge entre primos germanos. Verificámos ainda que a união entre filhos de

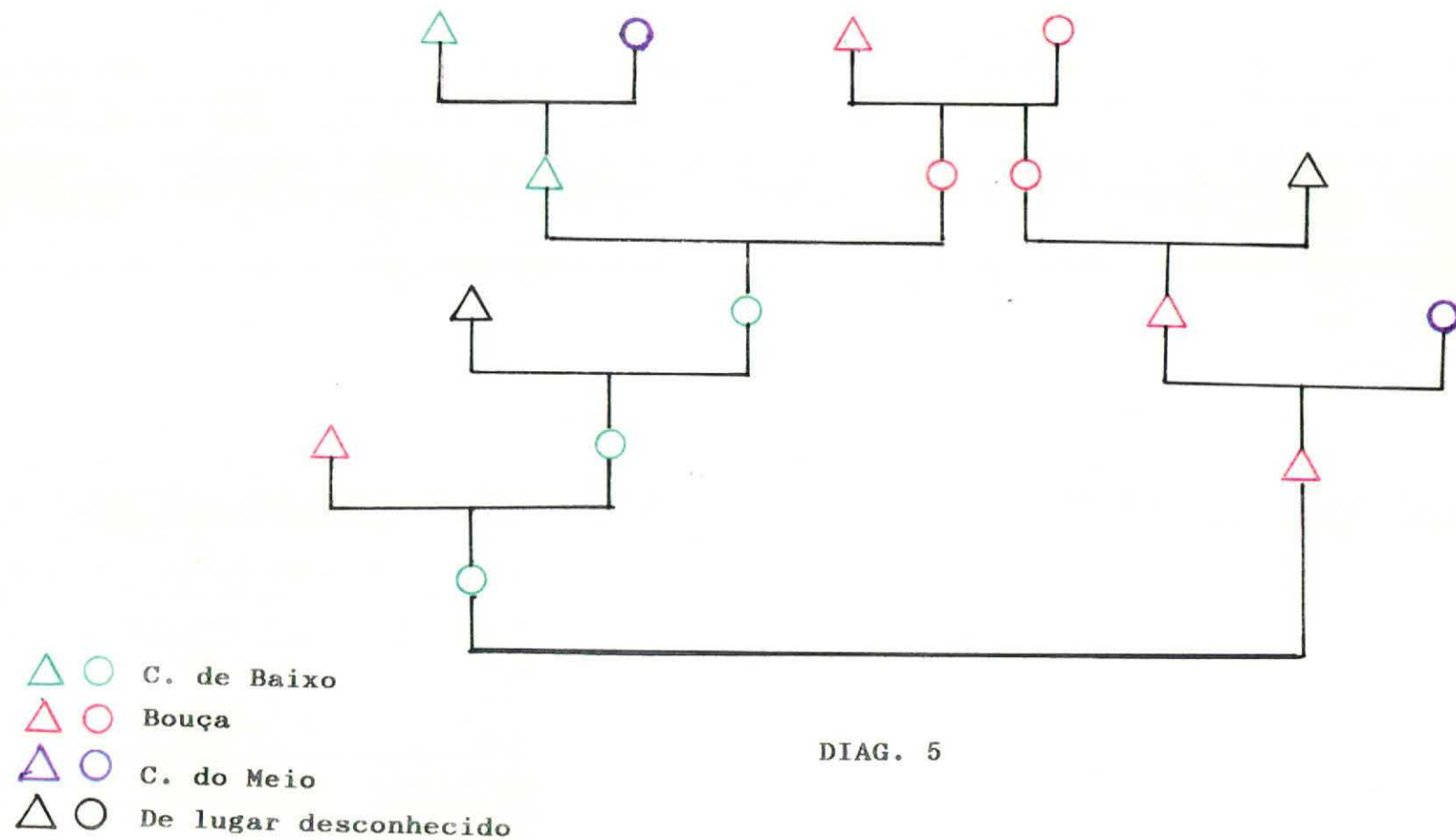
# EXEMPLO DE FECHAMENTOS CONSANGUINEOS



△ ○ C. de Baixo  
△ ○ Bouça  
△ ○ C. do Meio  
△ ○ De lugar desconhecido

DIAG. 4

# EXEMPLO DE FECHAMENTOS CONSANGUINEOS



DIAG. 5

germanos surge algumas vezes como um segundo matrimónio, para um dos cônjuges ou mesmo para ambos.

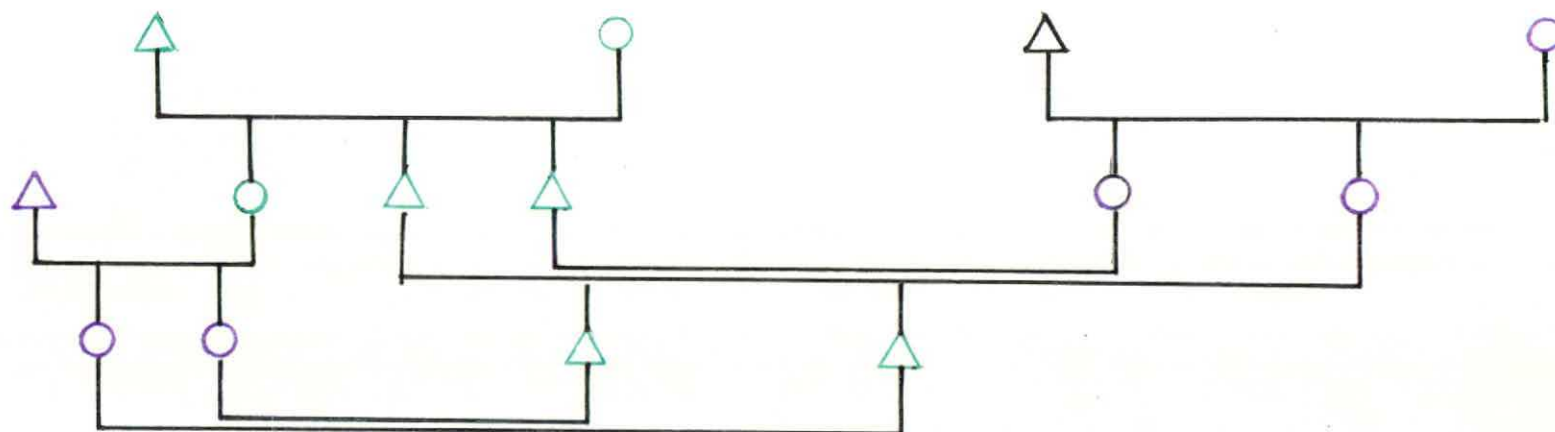
### 3.2. Reencadeamentos dos casamentos na afinidade

Os fechamentos consanguíneos dos casamentos, descritos no ponto anterior, imbricam-se geralmente com reencadeamentos de alianças que acontecem não dentro da consanguinidade, mas dentro do campo parental por afinidade. Como constatou M. Segalen em relação à Bretanha: "a consanguinidade não é mais do que uma das formas particulares de um fenómeno muito mais geral e mais característico dos comportamentos matrimoniais da região "bigouden Sud", que é o reencadeamento da aliança, tanto mais que o número de casamentos consanguíneos se articulam com os casamentos que são objecto de reencadeamentos entre linhas precedentemente aliadas." (1985:148).

Desta forma, também a nossa investigação nos conduziu à observação de pares de casais cujos descendentes vão, ao longo das gerações, contraindo alianças de características variáveis, mas situadas numa zona de parentesco por afinidade tendendo e articular-se com alianças consanguíneas, ( ver diags. 5,6,7 e 8)

Obtivemos assim, redes genealógicas caracterizadas precisamente pela frequência com que surgem reencadeamentos de alianças, alternando na consanguinidade e na afinidade.

# EXEMPLO DE REENCADEAMENTOS DE ALIANÇAS

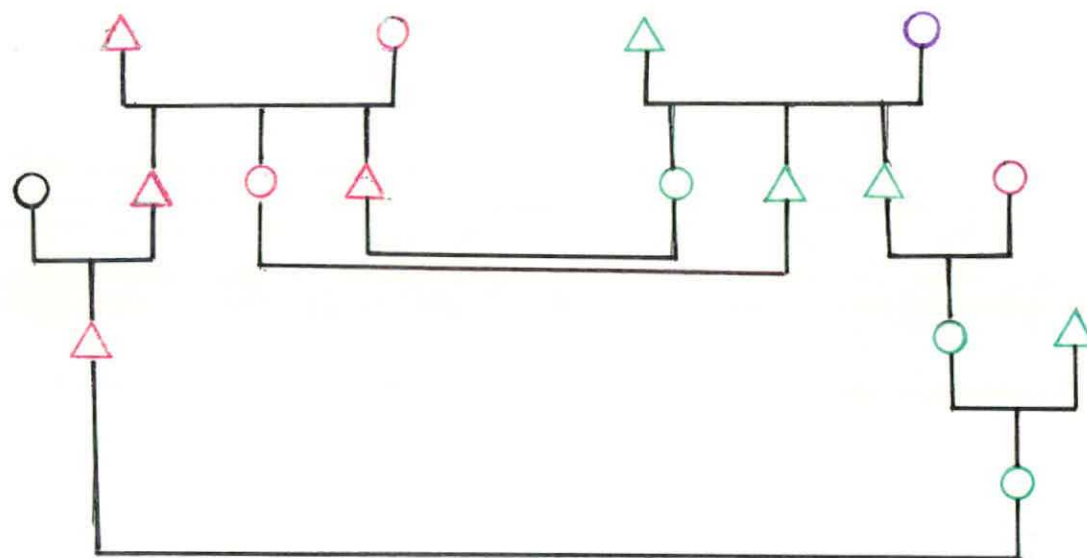


DIAG. 6

- △ ○ C. de Baixo
- △ ○ C. do Meio
- △ ○ De lugar desconhecido



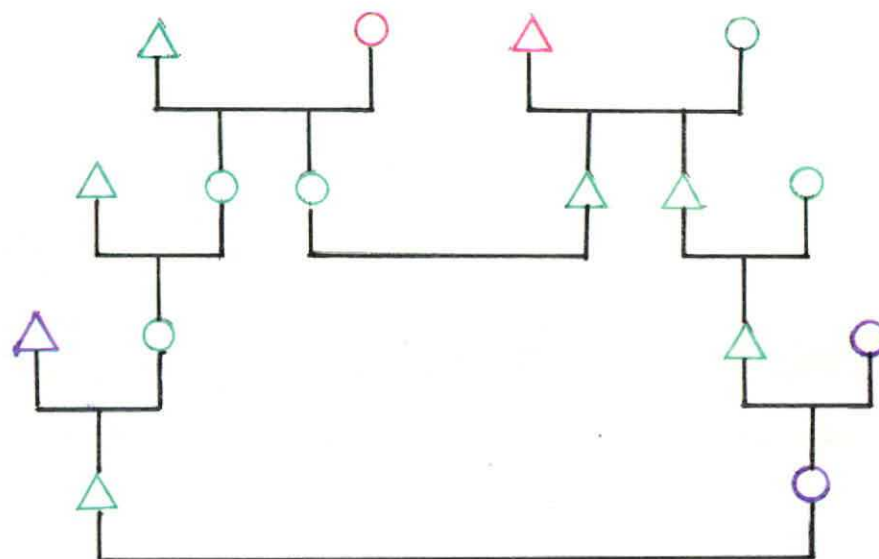
# EXEMPLO DE REENCADEAMENTOS DE ALIANÇAS



DIAG. 7

- |   |   |                       |
|---|---|-----------------------|
| △ | ○ | C. de Baixo           |
| △ | ○ | Bouça                 |
| △ | ○ | C. do Meio            |
| △ | ○ | De lugar desconhecido |

# EXEMPLO DE REENCADEAMENTOS DE ALIANÇAS



DIAG. 8

- △ ○ C. de Baixo
- △ ○ C. do Meio
- △ ○ Bouça
- △ ○ De fora da Freguesia

Encontrámos diferentes parentelas - entendendo estas como o "parentesco consanguíneo e aliado, assim como os consanguíneos de aliados e aliados de consanguíneos, dos quais Ego possui igualmente um bom conhecimento" (Segalen, 1985:119) - que se caracterizam pela regularidade das trocas matrimoniais realizadas entre si. Designámo-las parentelas, conscientes das variações de amplitude que estas poderão ter consoante as sociedades. No nosso contacto com a comunidade em questão, pareceu-nos o reconhecimento do parentesco se fazer na generalidade até ao oitavo grau civil ou quarto canónico, zona em que se inserem a maior parte das alianças detectadas.

Perante a informação obtida, somos levados a concluir que o parentesco afastado, mas reconhecido, parece ser o campo preferencial para a escolha de cônjuge. A necessidade das parentelas se reforçarem, através de repetidas trocas matrimoniais entre si, parece uma evidência. Realizando-se estas, tanto entre consanguíneos não proibidos, como entre aliados de consanguíneos, consanguíneos de aliados ou mesmo aliados de aliados de consanguíneos

#### 4. Inserção espacial dos reencadeamentos dos casamentos

Ao representar a área preferencial de escolha do cônjuge, aquela que encontrando-se para além dos graus de consanguinidade proibidos se insere numa zona de parentesco

afastada mas reconhecida, podemos dizer estar perante uma situação onde o cônjuge desconhecido surge raramente, assim como o consanguíneo demasiado próximo. Como escreveu Françoise Héritier, também neste nosso caso os indivíduos "hesitam entre o que se pode chamar os dois pólos de recusa: o incesto e o estrangeiro, o demasiado próximo e o demasiado longínquo, e decidem através de regras culturais o que pertence a outra categoria." (1989b:74)

Pretendemos então, reflectir sobre a possível interferência da distância espacial sobre a escolha do cônjuge. Mais concretamente, procurámos avaliar o peso do local de nascimento - que considerámos ser o de residência até ao momento do casamento - tem no desenvolvimento das trocas matrimoniais dentro do campo parental, consanguíneo ou aliado.

Nas trocas matrimoniais regulares entre parentelas, obedecendo por excelência à endogamia de lugar, a tendência é para não encontrarmos nestes casos, trocas dentro de uma zona de parentesco próximo não proibida, como por exemplo casamentos entre primos germanos. Os casamentos nestes graus de parentesco mais próximos, assim como os casamentos entre pares de germanos, são contraídos, segundo os nossos documentos, preferencialmente inter-lugares (ver diags.6 e 7).

Ao continuarmos a analisar as nossas genealogias, tendo em consideração o lugar de nascimento de cada indivíduo, verificámos a existência de parentelas a realizaram

preferencialmente as suas trocas com um dos outros dois lugares da freguesia.

O resultado é a formação de grupos relativamente endogâmicos dentro do campo parental, mas praticando quase sistematicamente uma exogamia de lugar.

Um exemplo claro desta situação, é a reconstituição genealógica já apresentada (diag.1). Nesta, partindo de um casal que tendo contraído uma aliança entre o lugar de Cortes de Baixo e o lugar da Bouça, detectámos mais sete alianças do mesmo tipo da do casal de referência, prefazendo um total de oito alianças. Trata-se de um número muito significativo, na medida em que contabilizámos um total de dez alianças entre os dois lugares em questão, os quais relembremos, à parte estes casamentos significativos, se aliam pouco entre si.

A situação de reprodução de alianças inter-lugar de um mesmo tipo, verificada nas trocas matrimoniais entre os lugares da Bouça e de Cortes de Baixo, repete-se identicamente em relação às trocas entre Cortes de Baixo e o lugar de Cortes do Meio. Apresenta-se menos frequente, nas trocas entre o lugar da Bouça e o de Cortes do Meio, como já tivemos ocasião de explicitar.

Construímos assim, corpos largos de ligações genealógicas onde emergem, regularmente, alianças envolvendo indivíduos nascidos em dois dos lugares da freguesia. Por vezes a quantidade de alianças entre dois dos lugares só se aproxima em número, das alianças que obedecem à endogamia de lugar,

não surgindo na maior parte dos casos alianças significativas com indivíduos de um terceiro lugar da freguesia.

A preferência expressa, pelo casamento intra-lugar ou então pela troca matrimonial regular entre dois lugares surge nas genealogias realizadas quase paralelamente com frequentes fechamentos consanguíneos, articulando-se com alianças regulares no campo da afinidade.

A observação destas teias genealógicas, levou-nos a questionar sobre o papel desempenhado, na efectivação de uma aliança matrimonial, pela distância geográfica entre os locais de nascimento dos cônjuges. Com efeito, a distância espacial parece poder apresentar-se como um factor importante de interferência no processo das alianças matrimoniais. Os fechamentos consanguíneos dos casamentos assim como as alianças na afinidade, parecem ser facilitadas quando existe alguma distância geográfica entre os seus intervenientes.

Apesar de constatararmos ser reduzido o espaço geográfico onde a maioria dos casamentos da freguesia de Cortes do Meio tem possibilidade de acontecer, parece-nos que embora relativa, a distância espacial desempenha um papel, a ter em consideração, nas alianças matrimoniais realizadas dentro do campo parental.

Esta distância poderá ter a função de atenuar o noção de pertença a um mesmo grupo e assim afastar qualquer sentimento de culpabilidade incestuosa, em alianças

realizadas dentro de uma zona de parentesco reconhecida.

A nossa constatação coincide com o que este propósito, num dos estudos sobre Minot, F. Zonabend e Y. Verdier consideram ser as condições ideais do casamento dentro da consanguinidade. Ou seja, quando existe "um afastamento genealógico suficiente para que toda a relação e apelação tenham desaparecido entre as famílias e um afastamento geográfico suficiente para que os jovens se sintam estranhos" (1970:16).

Sem elementos concretos em nossa posse, pensamos no entanto, que muitos dos casamentos realizados entre residentes na freguesia de Cortes do Meio e indivíduos de freguesias limítrofes se englobarão também dentro do campo parental. Para fazermos esta observação baseamo-nos no facto de acontecer correntemente, o patronímico do indivíduo proveniente do exterior não ser novo dentro da parentela que vem integrar.

Ainda em relação ao papel desempenhado pela distância geográfica, nas alianças dentro do campo parental, somos tentados referir um caso por nós observado directamente e que não integra as reconstituições genealógicas observadas. Este diz respeito a um fechamento consanguíneo do tipo 3-3 concretizado há relativamente pouco tempo.

Trata-se, concretamente, de um casal cuja avó materna do seu cônjuge feminino era irmã do avô materno do cônjuge masculino. Estes, primos do 6º grau (contagem civil romana), contraem casamento depois de se terem encontrado em Lisboa,

onde o membro masculino nasceu e sempre viveu e para onde o a futura esposa veio estudar por iniciativa da sua família. Alojando-se, a rapariga, em casa de uma prima da mãe com a qual pouco tinha contactado até esse momento, o casamento com o filho desta foi bem aceite e parece que incentivado por ambas as partes.

Perguntamo-nos, perante este exemplo em que o grande afastamento, não constituiu obstáculo a um casamento consanguíneo, se não terá sido precisamente esta distância o factor facilitador desta união.

Seria que os dois primos referidos no nosso exemplo, caso tivessem sido criados num espaço geográfico muito próximo, acabariam da mesma forma por contrair matrimónio?

Sem podermos adiantar uma resposta para a questão, os resultados a que chegámos fazem-nos acreditar na força do parentesco tentando, através do casamento, evitar a dispersão. Apesar de pensarmos que o aumento da distância geográfica que separa os indivíduos, diminui as probabilidades de estes contraírem matrimónio, verificámos em certos casos ser esta distância um factor de incentivo. Depois do que nos foi dado a observar, não resistimos a citar Pier Damiani, tal como o fez Françoise Héritier: "Quando a família fundada no parentesco desaparece, ao mesmo tempo que as palavras para designar este, a lei do casamento surge imediatamente e restabelece os direitos do antigo amor entre os homens novos...Lá, pois onde falta a mão do parentesco, que reunia aqueles de que se tinha apoderado, o



casamento lança imediatamente a sua garra para reconduzir aquele que se afasta"(1989 e):136).

Pareceu-nos encontrar, realmente a força do parentesco como um princípio activo na estruturação das relações entre os indivíduos dentro da formação social estudada.

Pensamos que dificilmente poderia ser de outra forma. Na realidade, os etnólogos cuja obra conhecemos e que realizaram investigações sobre sociedades camponesas do tipo aqui observado, depararam-se sempre com a força que as relações de parentesco têm nestas comunidades relativamente fechadas, de poucos habitantes e de forte interconhecimento.

A endogamia geográfica, a endogamia familiar, dentro dos parâmetros possíveis, mereceram a nossa atenção. Acreditamos que a articulação destas circunstâncias com a homogamia profissional e as formas de apropriação e transmissão de bens podem conduzir ao conhecimento de regras mais ou menos explícitas que regeram, durante o período em questão, a política familiar de alianças matrimoniais na freguesia de Cortes do Meio.

## CONCLUSÃO

Razões metodológicas levam-nos a redigir algumas considerações finais acerca da investigação aqui apresentada. Fazêmo-lo todavia, conscientes de estarmos perante uma investigação cujo tema apenas aflorámos.

Ao propormos como objectivo principal desta pesquisa uma abordagem, dentro dos limites possíveis, da forma como se processou a escolha de cônjuge, em determinado período de tempo, numa formação social, geográfica e administrativamente delimitada, encontrámo-nos perante um objecto de estudo de grande complexidade do qual apenas nos conseguimos aproximar.

Uma sumária caracterização geográfica, social e económica da freguesia escolhida para observação, constituiu o primeiro passo desta investigação. Esta foi desenvolvida numa comunidade rural, situada num dos vales da mais alta cadeia montanhosa portuguesa - a Serra da Estrela - e que

sobreviveu adaptando a sua vida económica e social às condições de relativo isolamento impostas pela situação geográfica.

Entre a agricultura e a pastorícia, a maioria dos habitantes da freguesia de Cortes do Meio obtiveram até ao início do século XX, sustento.

O desenvolvimento industrial, ressurgido entretanto, na sede de Concelho (Covilhã) e na aldeia vizinha de Unhais da Serra, irá provocar a passagem para segundo plano das actividades agro-pastoris. Estas são em muitos casos trocadas pelo trabalho na indústria têxtil.

A abertura ao exterior, não se fará sómente em favor de um posto de trabalho nos lugares vizinhos. São muitos os que irão procurar melhores condições de vida nas cidades do litoral do país ou no estrangeiro.

Estas transformações fazem-se sentir na vida social e económica da freguesia num período que procede o por nós escolhido para análise das alianças matrimoniais, o que não impediu naturalmente que as constatássemos e nos apercebessemos das suas consequências.

De facto, na elaboração desta investigação, optámos pela análise de documentos - os registos paroquiais - referentes a um período em que as condições de vida se mantinham essencialmente rurais e em que as transformações que iriam levar a uma abertura ao exterior da freguesia ainda não tinham tido lugar.

Todavia o conhecimento da evolução da freguesia e da sua

situação actual foi-nos dado durante a nossa permanência ali, durante os últimos quatro anos. Com efeito, contactámos com pessoas na sua maioria nascidas entre os anos vinte e quarenta, por consequência descendentes de uniões conjugais por nós analisadas, que se prestaram a transmitir-nos o que, para cada um deles, fora a sua experiência de vida naquela comunidade.

Para além de um relativo conhecimento social e económico do espaço em que nos pretendíamos movimentar procurámos reter, numa primeira fase do nosso trabalho, as representações mentais acerca desse mesmo espaço, por parte daqueles que permanentemente o ocupam.

Apercebemo-nos, através das conversas com os nossos informantes, que o relacionamento entre os três lugares da freguesia se faz segundo certos determinantes sociológicos e estratégias de grupo que variam consoante os lugares em questão.

A percepção das representações mentais que os indivíduos tem do espaço ocupado, tornou-se, para nós, de relativa importância, pois ao termos como objectivo o estudo das alianças matrimoniais entre os três núcleos aldeãos que constituem a freguesia de Cortes do Meio, ser de esperar que as alianças matrimoniais verificadas se correlacionem com a construção da identidade colectiva do espaço.

Esta importância é acrescida pelo facto de considerarmos que as representações referentes ao espaço, assim como todos os aspectos relacionados com as transformações de

mentalidade, só repercutem as alterações económicas e sociais de forma diferida. Pelo que as considerações acerca do espaço envolvente, dadas pelos nossos informantes não se devem afastar muito, provavelmente, das que teriam proferido os seus avós há cem anos, portanto daqueles cujos casamentos contabilizámos nesta investigação.

Constitui a segunda parte desta investigação, precisamente, a exposição dos dados recolhidos nos registos paroquiais de baptismo referentes aos anos de 1820 a 1930, relativos ao número de casais que se reproduziram neste período.

Explorámos estes dados com diferentes objectivos:

1º - procurámos obter taxas de endogamia e exogamia geográfica, a nível de lugar e da freguesia;

2º - debruçámo-nos sobre as direcções preferenciais tomadas no espaço geográfico pelas alianças matrimoniais em relação aos três lugares em questão, fazendo a distinção entre os dois sexos;

3º - procurámos entre os casos em que para tal tínhamos informação, contabilizar a entrada e a saída de indivíduos em cada um dos lugares através do local de residência escolhido após o casamento;

4º - finalmente, retivemos o número de pessoas provenientes do exterior da freguesia e que ali se estabeleceram através do matrimónio.

Pudemos concluir, perante os dados reunidos, estarmos

perante uma formação social que se caracteriza por uma percentagem elevada de endogamia geográfica não só a nível de freguesia mas também de lugar.

As taxas de exogamia geográfica obtidas são: em relação à globalidade da freguesia na ordem dos 14%; em relação aos casamentos fora do lugar mas dentro da freguesia, ou seja os realizados entre os lugares da freguesia, a taxa é de 16%.

Sobre o que acabámos de afirmar, devemos, porém, ter em consideração que dos casamentos realizados com pessoas de fora da freguesia, só tivemos conhecimento daqueles cuja residência ali foi estabelecida. Enquanto que em relação às alianças realizadas entre os três lugares, foi possível termos contabilizado a maioria dos casamentos realizados no período em estudo. Daí ser possível concluir que o número de casamentos efectuados entre os lugares da freguesia de Cortes do Meio não deverá diferir significativamente dos realizados no exterior da freguesia.

Assinalámos também neste trabalho, que cada um dos lugares mostra um comportamento relativamente diferente em relação à escolha das alianças matrimoniais no exterior.

Assim, o lugar mais aberto a trocas matrimoniais fora, não só a nível de lugar mas também de freguesia, é o de Cortes de Baixo, apresentando taxas de exogamia geográfica em ambas as situações (61% e 24%), bastante superiores aos outros dois lugares.

Os lugares da Bouça e de Cortes do Meio surgem com taxas muito próximas em relação às alianças dentro da freguesia

(89% e 88%). Contudo, em relação às percentagens dos casamentos verificados dentro do lugar, os dados mostram-nos que os indivíduos de Cortes do Meio encontram mais facilmente cônjuge no lugar de nascimento que os da Bouça. Assim a percentagem de endogamia de lugar de Cortes do Meio é superior à da Bouça (77% e 68%).

Em relação à quantificação elaborada sobre as direcções espaciais seguidas pelas alianças matrimoniais entre os três lugares, os resultados evidenciados levam-nos a concluir que o núcleo de Cortes do Meio realizou trocas matrimoniais significativas com os lugares da Bouça e com o de Cortes de Baixo. Nota-se, no entanto, uma maior propensão para se realizarem maior número deste tipo de trocas entre os lugares Cortes do Meio e Cortes de Baixo que entre o lugar de Cortes do Meio e o da Bouça. Inversamente, os lugares da Bouça e de Cortes de Baixo apresentaram um número muito reduzido de trocas matrimoniais entre si.

Ao continuarmos a analisar o nível de trocas matrimoniais entre os três lugares, mas considerando o sexo dos indivíduos, o lugar da Bouça evidencia uma maior retração em relação às alianças das mulheres ali nascidas com os homens de outros lugares. Em contrapartida, passa-se o inverso com os seus homens, os que mais casam com gente dos dois outros lugares.

Quanto ao lugar de Cortes do Meio, este mantém um equilíbrio entre o número de mulheres e de homens que casam com pessoas dos outros lugares da freguesia.

Por sua vez, Cortes de Baixo apresenta um desequilíbrio entre os homens e mulheres que casam em outros lugares. tal situação representa o inverso da apresentada pelo lugar da Bouça. Ou seja, no caso do lugar da Cortes de Baixo são as mulheres que casam mais facilmente com pessoas dos outros lugares que os homens.

A quantificação feita, levou-nos também a constatar que o recrutamento de cônjuge dentro da freguesia de Cortes do Meio, visto na perspectiva de uma acção desencadeada pelo lado masculino, terá tendência - do ponto de vista da localização topográfica - a ser feita no sentido descendente: do lugar mais a montante para o mais a jusante.

Explicitando melhor, ocupando o lugar da Bouça o território de maior altitude do vale da ribeira de Cortes, os seus homens procuram preferencialmente cônjuge no lugar imediatamente a seguir em altitude, Cortes do Meio. Esta situação é perfeitamente compreensível, já que não existe, neste vale, outro lugar acima da Bouça. No entanto, o recrutamento de mulheres feito pelos homens da Bouça em Cortes do Meio não corresponde a idêntico recrutamento feito no sentido inverso, pois os homens de Cortes do Meio dão, por sua vez, preferência ao cônjuge de Cortes de Baixo. Assim, os homens de Cortes do Meio optam por recrutar cônjuge num lugar que se situa, em termos de altitude, abaixo do seu. Desta forma, têm comportamento idêntico aos homens da Bouça, apesar de no seu caso terem a possibilidade de se deslocarem para cima, o que não acontece



significativamente.

Esta tendência descendente é verificável em todos os casos, já que tanto no caso da Bouça como no de Cortes do Meio é sempre mais fácil serem os homens destes lugares a recrutarem cônjuge em Cortes de Baixo e não o inverso.

Em consequência deste tipo de movimentos, a Bouça consegue manter mais as suas mulheres afastadas de casamentos com homens de lugares vizinhos, enquanto Cortes de Baixo sente de forma mais relevante o casamento das suas mulheres com os outros dois lugares da freguesia. O lugar de Cortes do Meio deve o seu equilíbrio, neste tipo de trocas, ao facto de compensar o recrutamento de mulheres que naquele lugar é feito pelos homens da Bouça, pelo recrutamento de mulheres que, por sua vez, vai fazer no lugar de Cortes de Baixo.

A mobilidade residencial foi também um dos aspectos que procurámos caracterizar neste trabalho. A sua importância, para a nossa investigação, deve-se principalmente ao facto do lugar de residência escolhido pelo casal após o casamento determinar o lugar que perde ou ganha, em termos de habitantes.

No nosso caso, constatámos ter sido o lugar de Cortes do Meio, que mais indivíduos atraiu através de alianças matrimoniais. Enquanto o lugar mais abandonado, por aqueles que casaram com gente dos outros lugares, foi o da Bouça. O lugar de Cortes de Baixo manteve-se equilibrado, sendo idêntico o número dos saídos em relação aos ali

estabelecidos.

Os nossos dados informativos apontam ainda para uma movimentação residencial maior por parte das mulheres que dos homens.

Quanto aos casamentos com pessoas nascidas no exterior da freguesia, tivemos conhecimento daqueles em que o lugar de residência escolhido foi na freguesia de Cortes do Meio. Neste tipo de alianças exogâmicas, o lugar que se mostrou mais receptivo, tal como já acontecera nas alianças inter-lugares, foi o de Cortes de Baixo (24%). A Bouça e Cortes do Meio apresentam sensivelmente metade da percentagem de exogamia manifestada por aquele lugar(11% e 12%).

A área geográfica exogâmica, dentro da qual detectámos alianças matrimoniais numericamente significativas, não ultrapassa distâncias superiores a 20 Km em relação à freguesia.

Após a análise quantitativa da informação recolhida, pretendemos passar a uma observação desta mais de ordem qualitativa. Isto é tentar apreender as razões, possivelmente estruturais, das tendências quantificadas.

Assim, na última parte deste trabalho, com base em genealogias por nós parcialmente reconstituídas, tentámos identificar os mecanismos que dentro do campo do parentesco, poderão eventualmente determinar ou não alianças matrimoniais específicas.

Procurámos, primeiramente, a partir de uma aliança

matrimonial inter-lugar significativa, observar as demais alianças que precedem ou procedem a aliança de referência.

Em seguida e, identicamente com base nas genealogias reconstituídas, procurámos observar mecanismos de troca matrimonial dentro da área de parentesco consanguíneo ou afim.

Finalmente, questionámo-nos sobre o possível papel que, nestas trocas matrimoniais, desempenha a distância entre os lugares de residência dos indivíduos antes do casamento.

Os resultados da nossa observação, nesta parte final da investigação, levam-nos a concluir que uma aliança matrimonial se insere, com certa constância, numa teia complexa de outras alianças do mesmo género das quais não se pode isolar. Chega a esta mesma conclusão A. dos Santos quando refere que " as alianças futuras são determinadas por alianças passadas, o que conduz a estruturar o campo matrimonial em função de estratégias múltiplas (...) que se inscrevem no interior de um espaço de acção social de referência identitária." (1983:212).

De facto, detectámos alianças inter-lugares, visivelmente determinadas e determinantes de outras alianças idênticas. O caso mais exemplificativo é o das alianças matrimoniais entre indivíduos do lugar da Bouça e de Cortes de Baixo, as quais sendo em reduzido número, se reproduzem quase totalmente dentro de um grupo, não muito largo, de aparentados.

As genealogias observadas foram quase sempre peremptórias

em mostrar a propensão para a repetição de alianças inter-lugares, de características idênticas, em determinados grupos parentais. Apenas nas alianças onde um dos intervenientes é da Bouça e o local de residência escolhido é esse mesmo lugar, houve tendência para esta aliança se manter isolada de outras do mesmo género.

Ao passarmos à observação dos laços de parentesco induzidos pelas alianças matrimoniais e filiação, verificámos serem relativamente correntes os casamentos entre primos do 6º, 7º e 8º grau de consanguinidade (contagem civil romana), ou seja fechamentos consanguíneos obtidos na quarta e quinta geração.

Os casamentos que conduzem a fechamentos consanguíneos, imbrincam-se muitas vezes com outras alianças, situadas fora da consanguinidade mas dentro do campo de parentesco por afinidade. Foi frequente encontrarmos nas nossas genealogias linhadas que, ao longo das gerações, se aliaram sistematicamente, através de casamentos dentro do campo parental ou do campo da afinidade.

Por fim, concluimos ser possível haver relação entre as alianças realizadas dentro do campo parental e o local de residência dos seus intervenientes antes das alianças se terem realizado. Pensamos que o cônjuge preferido será aquele que não sendo desconhecido, se encontra a uma relativa distância parental, nem muito próxima nem muito distante. Neste sentido, a distância geográfica poderá ter um papel que interfere na visão que eventualmente se tem do

outro e relativiza a noção de proximidade consanguínea, quando esta existe.

Desta forma, surgiram-nos com mais frequência alianças matrimoniais dentro do campo parental reconhecido e relativamente próximo, quando os nubentes eram provenientes de lugares diferentes.

O factor distância geográfica intervém assim, na formação da imagem do outro, proporcionando que um homem e uma mulher com uma relação parental reconhecida, mas nascidos em lugares diferentes, se possam tornar os cônjuges ideais. Enquanto esses mesmos indivíduos nascidos e criados no mesmo lugar se considerariam e seriam considerados demasiados próximos para protagonizarem uma aliança matrimonial.

Voltando à ideia inicial exposta nesta conclusão, ou seja que nos encontrámos perante um trabalho apenas aflorado, queremos insistir no facto de acreditármos ser possível, a partir da informação recolhida e analisada, fazer uma profunda reflexão conducente a uma possível compreensão dos fenómenos com que deparámos.

A reflexão a ser feita irá, inevitavelmente, defrontar-se com campos de estudo diversos.

Sabemos que as trocas matrimoniais, da forma como aqui foram analisadas, se interaccionam, simultaneamente como consequência e causa, numa série complexa de outros campos do social aldeão. É, aliás nesta perspectiva que A. dos Santos chama a atenção para este tipo de relações

recorrentes quando escreve: "Com efeito, como as áreas de trocas económicas (...), as áreas de trocas matrimoniais não são unifuncionais, no sentido em que elas cristalizam outras acções sociais. O campo matrimonial parece determinado não sómente pelo campo do parentesco, mas também pela existência de bens a transmitir e pelas diferentes condições jurídicas da sua devolução. O espaço das trocas matrimoniais encontra-se ligado de forma concomitante a uma área de circulação de bens e a uma área de dispersão de patronímicos familiares." (1983:212).

Assim, pensamos que a nossa investigação encontrará prossecução na determinação das estratégias de ordem económica ou social que influenciaram a estruturação do campo matrimonial. Este é, porém, um objectivo que faz parte dos nossos projectos do futuro.

## BIBLIOGRAFIA

AMORIM, M. Norberta

- 1982        *Explorações dos livros de registos paroquiais e reconstituição de famílias*, Guimarães, ed. da autora.
- 1987        *Guimarães, 1580-1819. Estudo Demográfico*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

AUGE, Marc (dir. de)

- 1978        *Os domínios do parentesco (filiação, aliança residência)*, Col. Perspectivas do Homem nº2, Lisboa, Edições 70.

BOURDIEU, Pierre

- 1972        "Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction", *Annales ESC* (4-5), juillet -octobre, Paris, pp.1105-1125.

BRETTELL, Caroline B.

- 1991        *Homens que partem, Mulheres que Esperam. Consequências da emigração numa freguesia minhota*, (Col. Portugal de Perto), Lisboa, Publicações Dom Quixote.

CABRAL, J. Pina

- 1984 "As mulheres, a maternidade e a posse da terra no alto Minho.", *análise social*, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, terceira série, vol. XX, pp. 97-112.
- 1989 *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A visão do mundo camponesa no Alto Minho.* (Col. Portugal de Perto), Lisboa, Publicações Dom Quixote.

CALLIER-BOISVERT, Colette

- 1968 "Remarques sur le Système de parenté et sur la Famille au Portugal", *L'Homme*, Tome VIII, nº2, av-juin, pp. 87-103.

CARDOSO, Padre Luis

- 1751 *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica*  
Tomo I e II

CARVALHO, J. Ramos

- 1989 *Técnicas de Inteligência Artificial aplicadas à Reconstituição de Comunidades Históricas*, Arquivo da Universidade de Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias.

CAVACO, E., MARQUES, I.

- 1966 "Os Vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela. Estudo de Geografia Humana", *Finisterra*, Vol.I, nº2, pp. 188-238.

CHONCHOL, Maria Edy

- 1985 "Logique paysanne dans la maîtrise de l'espace: le village de São João do Monte au Portugal", *Meridies. Revista de antropologia e sociologia rural da Europa do Sul*, nº 2, Junho de 1985, pp. 197-249.



CLAVERIE, Elisabeth

- 1981 "L'Ousta et le notaire, le système de dévolution des biens en Margeride Lozérienne au XXème siècle", *Ethnologie française*, nouvelle série, tome 11, n° 4, Oct-Dec., pp. 329-338.

COSTA, Américo

- 1948 *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*, Porto, Liv. Civilização.

CRESSWELL, Robert

- 1975 *Éléments d'ethnologie*, (Col. U), Paris, Armand Colin, 2 vol.

CRESSWELL, R., GODELIER, M.

- 1976 *Outils d'enquête et d'analyse anthropologiques*, (Bibliothèque D'Anthropologie), Paris, François Maspero.

CUTILEIRO, José

- 1977 *Ricos e Pobres no Alentejo*, (Col. Descobrir Portugal), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

DESCAMPS, Paul

- 1935 *Le Portugal: La Vie Sociale Actuelle* Paris, Firmin-Didot.  
1939 *Histoire Sociale du Portugal*, Paris, Firmin-Didot.

DIAS, Jorge

- 1981 *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, (Col. métodos), 2ª edição, Lisboa, Editorial Presença.  
1986 *Antropologia Cultural*, (Separata de "Estudos Políticos e Sociais"), Maia, Castoliva editora, Lda

DUARTE, Isabel

- 1988 "Relações Socio-Económicas numa Região Industrial em Transformação - o caso da Covilhã", *Sociologia. Problemas e Práticas*, nº 5, ISCTE, Publicações Europa - América, pp.125-146.

ECO, Umberto

- 1988 *Como se faz uma tese*, Lisboa, Editorial Presença.

ESPIRITO SANTO, Moisés

- 1980 *Freguesia Rural ao Norte do Tejo*, Lisboa, Instituto de Estudos para o desenvolvimento.
- 1983 "Langages religieux et spatialités" in AAVV, *Espaces et culture*, (Ed. Pierre Pellegrino), Berna/Saint-Saphorin, Éditions Georgi.Saint-Saphorin, pp. 201-210.
- 1988 *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa. Seguido de: Ensaio sobre Toponímia Antiga*, (Col. Peninsulares/Especial), Lisboa, assírio e alvim.
- 1989 *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, (Col. Peninsulares/Especial), Lisboa, Assírio e Alvim.

EVANS-PRITCHARD, E.E.

- 1969 *Anthropologie Sociale*, (Petit Bibliothèque Payot) Paris, Payot.

FLEURY, M., HENRY, L.

- 1976 *Nouveau Manuel de Dépouillement et D'Exploitation de L'État civil Ancien*, 2ª edição, Paris, L'Institut National D'Études Démographiques.

FINE, Agnés

- 1987 "L'Héritage du Nom de Baptême", *Annales ESC*, juillet-aout, nº4, pp. 853-877.

FOX, Robin

- 1986 *Parentesco e Casamento. Uma perspectiva antropológica*, Col. Vega Universidade, Lisboa, Ed. Vega.

GASPAR, Jorge

- 1981 *Portugal em mapas e números*, (Col. Espaço e Sociedade), 2ª edição, Lisboa, Livros Horizonte.

GOODE, William J.

- 1970 *A Família*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora.

GOODY, Jack

- 1985 *L'Évolution de la Famille et du Mariage en Europe*, Paris, Armand Colin.

GUERREIRO, M. Viegas, ABREU, D., FERREIRA, F.

- 1982 *Unhais da Serra. Notas Geográficas, Históricas e Etnográficas*, (Col. Parques Naturais, nº13), Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.

HENRY, Louis

- 1988 *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, Lisboa, Publ. Gradiva.

HERITIER, Françoise

- 1981 *L'Exercice de la Parenté*, Paris, Galllimard/Le Seuil
- 1989a "Masculino/feminino" in AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, nº20, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 11-26.
- 1989b "Parentesco" in AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, nº20, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 27-80.
- 1989c "Família" in AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, nº20, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 81-94.

- 1989d "Incesto" in AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, nº20  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 95-124.
- 1989e "Endogamia/Exogamia" in AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, nº20, Imprensa Nacional-Casa da Moeda,  
pp. 125-139.
- 1989f "Casamento" in AAVV, *Enciclopédia Einaudi*, nº 20,  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 140-146.

ITURRA, Raul

- 1991 *A Religião como Teoria da Reprodução Social*, Col.  
O Saber da Antropologia, Lisboa, Ed. Escher.

JOLLAS, T., VERDIER, Y., ZONABEND, F.

- 1970 "Parler Famille", *L'Homme. Revue française d'anthropologie*, XX (3), Jul-Sept., pp. 5-27.

LAMAISSON, Pierre

- 1979 "Les stratégies matrimoniales dans un système complexe de parenté: Ribennes en Gévaudan (1650-1830)", *Annales ESC*, XXXIV (4), pp. 721-743.
- 1987 "Filiation et Alliance", in AAVV, *Ethnologies en miroir*, (Essais réunis par Isac Chiva et Utz Jeggle), Col. Ethnologie de la France, Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

LEAL, Augusto Pinho

- 1882 *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa.

LE GOFF, Jacques

- 1985 *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70

LÉVI-STRAUSS, Claude

- 1958 *Anthropologie structurale*, Paris, Plon.
- 1973 *Anthropologie Structurale Deux*, Paris, Plon.

1976 *As Estruturas Elementares do Parentesco*,  
(Col. Antropologia), Petrópolis, Editora Vozes.  
Trad. portuguesa da 2ª ed. francesa de 1967.

1986 *O Olhar Distanciado*, Lisboa, Col. Perspectivas  
do Homem, edições 70.

LOURENÇO, Nelson

1991 *Família Rural e Indústria. Mudança social  
na região de Leiria*, Lisboa, Editorial  
Fragmentos.

MENDRAS, Henri

1975 *Eléments de Sociologie*, Paris, Armand Colin

1978 *Sociedades Camponesas*, Rio de Janeiro, Zahar  
Editores

MERCIER, Paul

1984 *Histoire de l'anthropologie*,  
(Col. le sociologue), 3ª edição, Paris, Puf.

MICHEL, Andrée

1983 *Sociologia da Família e do Casamento*, Porto,  
Rés-Editora Lda.

MOUTINHO, Mário

1980 *Introdução à Etnologia*, (Col. Imprensa  
Universitária), Lisboa, Ed. Estampa.

MURDOCK, G. P.

1972 *De la Structure Sociale*, (Col. Science  
de L'Homme), Paris, Payot.

NAZARÉ, João Ranita.

1984 *Prolégomènes à l'Ethnosociologie de la Musique*,  
Paris, Fond. Cal. Gulbenkian, Centre Culturel  
Portugais.

NAZARETH, Joaquim Manuel.

- 1988 *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, (Col. métodos), Lisboa, Editorial Presença.

O'NEILL, Brian Juan.

- 1981 "Proprietários, jornaleiros e Criados numa Aldeia Transmontana desde 1886", *Estudos Contemporâneos*, nº 2/3 (Número Especial: Perspectivas Sobre o Norte de Portugal), pp.31-73.
- 1984 *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras - Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978*, Lisboa, Col. Portugal de Perto nº7, Publ. D. Quixote.
- 1991 "Espaços Sociais e Grupos Sociais no Nordeste Transmontano" in AAVV, *Lugares de Aqui - Actas do Seminário "terrenos Portugueses"*, Lisboa, Col. Portugal de Perto nº22, Publ. D. Quixote, pp.141-166.

PANOFF, M., PERRIN, M.

- 1973 *Dictionnaire de L'Ethnologie*, (Petite Bibliothèque Payot), Paris, Payot.

PELLEGRINO, P., ALBERT, G., CASTELLA, C., LÉVY, A.

- 1983 "Représentations du territoire et identité" in AAVV, *Espaces et culture*, (ed. P. Pellegrino), Berne/Saint-Saphorin, Éditions Georgi.Saint-Saphorin, pp. 25-77.

PICÃO, José da Silva

- 1983 *Através dos Campos. Usos e costumes agrícola -alentejanos*, (Col. Portugal de Perto), texto segundo 2ª edição de 1947, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

RADCLIFF-BROWN, A. R.

- 1968 *Structure et fonction dans la société primitive*, Paris, Éditions de Minuit.

RIBEIRO, Orlando

- 1939 "Povoamento rural e regimes agrários no Sudeste da Beira", *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Tomo VI, pp.281-302.
- 1941 "Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela", *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo VII, pp. 213-303.
- 1987 *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, (Col. "Nova Universidade") 5ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

RIEU-GOUT, Anne-Marie e SAUZÉON-BROUEILH, Marie-Lise

- 1981 "Parenté et alliance dans la vallée de Barèges", *Ethnologie française*, nouvelle série, tome 11, n°4, oct-dec, pp.343-358.

ROWLAND, Robert

- 1984 "Sistemas Familiares e Padrões Demográficos em Portugal", *Ler História*, n°3, A Regra do Jogo Edições, pp. 13-32.

SALITOT, Michelle

- 1988 *Héritage, Parenté e Propriété - en Franche-Comté du XIIIe Siècle à Nos Jours*, Paris, A.R.F./l'Harmattan.

SANTOS, Armindo dos

- 1983 "Identité et parenté", in AAVV, *Espaces et culture*, (ed. Pierre Pellegrino), Berne/Saint-Saphorin, Éditions Georgi-Saint-Saphorin pp. 211-213.
- 1984 "Espace et Société: structure agraire de Chãos dans la région de Beira-Baixa au Portugal", *Meridies, revista de antropologia e sociologia rural da Europa do Sul*, n°1, Dez. pp. 35-71
- 1992 *Heranças - Estrutura Agrária e Sistema de Parentesco numa Aldeia da Beira Baixa*, (Col. Portugal de Perto) Lisboa, Publicações Dom Quixote.

SEGALEN, Martine

- 1972        *Nuptialité et alliance - Le choix du conjoint dans une commune de L'Eure*, Paris, G.P. Maisonneuve e Larose.
- 1980a       *Mari et Femme dans la Société Paysanne*, Paris, Flammarion.
- 1980b       "Le Nom caché", *L'Homme - Revue française d'anthropologie*, Tome XX, oct-dec., n°4, pp. 63-76.
- 1981        *Sociologie de la Famille*, Paris, A. Collin, coll."U".
- 1985        *Quinze Générations de Bas-Bretons. Parenté et société dans le pays bigouden Sud 1720-1980*, Paris, Puf.

SEVERI, Carlo

- 1980        "Le Nom de Lignée - Les sobriquets dans un village d'Émilie", *L'Homme - Revue française d'anthropologie*, Tomo XX, oct-dec., n°4, pp.105-118

SUTTER, Jean

- 1958        "Évolution de la distance séparant le domicile des futures époux. (Loire-et-Cher 1870-1954; Finistère 1911-1953)", *Population*, Institut Nacional d'Études Démographiques, (2), pp. 227-288.

SUTTER, J., TABAH, L.

- 1956        "Méthode mécanographique pour établir la généalogie d'une population. Application à l'étude des esquimaux polaires", *Population*, Institut Nacional d'Études Démographiques, XI (3), Jul.-Sept., pp. 507-522.

VASCONCELLOS, J. LEITE

- 1933/1956   *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 8 Vol.



WALL, Karin

- 1988 "Residência e Sucessão na Família Camponesa",  
*Sociologia. Problemas e Práticas*, nº5, ISCTE,  
Publicações Europa - América, pp. 39-60.

ZONABEND, Françoise

- 1980a *La Mémoire Longue. Temps et histoires  
au village*, Paris, Puf.
- 1980b "Le Nom de personne", *L'Homme - Revue française  
d'anthropologie*, Tome XX, oct-dec., nº 4  
pp. 9-23.
- 1981 "Le très proche et le pas trop loin. Réflexions  
sur l'organisation du champ matrimonial des  
sociétés à structures de parenté complexe",  
*Ethnologie française*, nouvelle série, tome 11,  
nº4, oct-dec, pp. 311-318.
- 1987 "Origines et méthodes de la recherche; usages  
sociaux de la parenté" in AAVV, *Ethnologies en  
miroir*, (Essais réunis par Isac Chiva et Utz  
Jeggle), Col. Ethnologie de la France, Paris,  
Éditions de la Maison des sciences de l'homme.
- 1991 "A memória familiar - Do individual ao colectivo"  
*Sociologia - Problemas e Práticas*, Centro de  
Investigação e Estudos de Sociologia ISCTE, nº 9  
pp.179-190

#### DOCUMENTOS ESTATÍSTICOS:

INE (Instituto Nacional de Estatística):

Recenseamentos Gerais da População dos anos de: 1864, 1878,  
1890, 1900, 1911, 1920, 1930, 1940, 1960, 1970 e 1981.

Arrolamentos Gerais do Gado dos anos de: 1934, 1940, 1955 e  
1972.

Recenseamento Agrícola de 1981.

## DOCUMENTOS MANUSCRITOS

Livros de Registos Paroquiais da Freguesia de Cortes do Meio: Baptismos de 1784 a 1930.

Dicionário Geográfico: Interrogatório enviado a todas as freguesias do Reino - 1758.

## DOCUMENTOS VÁRIOS:

Fotografias aéreas: Voo Cortes do Meio, fiada 63, rolo 82.24, escala 1/15000; voo Cortes do Meio, fiada única, rolo 83.41, escala 1/8000 e ampliação para 1/2000.

Cartas Corográficas de Portugal: Covilhã 20B, escala 1/50000 e Covilhã FL. 20, escala 1/100000.

## INFORMANTES PRINCIPAIS

Aida Carrola Fernandes

António Esteves (falecido em 1991)

António Viegas

Horácio Antunes

Laurinda Neves

Maria Alves Carrola

Maria de Jesus Esteves

Maria da Piedade Neves

# ÍNDICE DOS MAPAS

Páginas:

Mapa nº 1 - Divisão administrativa de Portugal continental.....	30
Mapa nº 2 - Posição geográfica de Cortes do Meio em relação à Covilhã.....	31
Mapa nº 3 - O relevo de Portugal.....	32
Mapa nº 4 - Freguesia de Cortes do Meio (da Carta Corográfica de Portugal. Escala: 1/50 000)....	33
Mapa nº 5 - Área exogâmica dos casamentos da freguesia de Cortes do Meio.....	105

# ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro I.1. - Freguesia de Cortes do Meio - População 1864 - 1981.....	60
Quadro I.2. - Freguesia de Cortes do Meio: gado ovino e caprino.....	65
Quadro I.3. - População residente activa a exercer uma profissão, segundo o sector de actividade económica.....	69
Quadro II.1. - Endogamia/exogamia de freguesia.....	87
Quadro II.2. - Endogamia/exogamia de lugar.....	88
Quadro II.3. - Casamentos inter-lugares.....	88
Quadro II.4. - Mobilidade residencial.....	97
Quadro II.5. - Indivíduos com cônjuge exterior à freguesia.....	103

## ÍNDICE DOS DIAGRAMAS

Páginas:

Diagrama nº 1 - Renovação de alianças matrimoniais inter-lugares: Bouça-Cortes de Baixo.....	115
Diagrama nº 2 - Renovação de alianças matrimoniais inter-lugares: Cortes de Baixo - - Cortes do Meio.....	119
Diagrama nº 3 - Renovação de alianças matrimoniais inter-lugares: Bouça - Cortes do Meio....	122
Diagrama nº 4 - Exemplo de fechamentos consanguíneos.....	129
Diagrama nº 5 - Exemplo de fechamentos consanguíneos.....	130
Diagrama nº 6 - Exemplo de reencadeamentos de alianças...	132
Diagrama nº 7 - Exemplo de reencadeamentos de alianças...	133
Diagrama nº 8 - Exemplo de reencadeamentos de alianças...	134

## ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

Fotografia aérea nº 1 - escala 1/8000 Panorama de Cortes do Meio e de Cortes de Baixo.....	34
Fotografia aérea nº 2 - escala 1/8000 Panorama de Bouça.....	35
Fotografia aérea nº 3 - escala 1/2000 Panorama de Cortes de Baixo.....	36
Fotografia aérea nº 4 - escala 1/2000 Panorama de Cortes do Meio.....	37
Fotografia aérea nº 5 - escala 1/2000 Panorama de Bouça.....	38
Foto nº 1 - Vista geral do lugar de Cortes do Meio.....	71
Foto nº 2 - Vista do lugar de Cortes do Meio, a partir de Cortes de Baixo.....	72

Foto nº 3 - Vista do lugar de Cortes do Meio, a partir da Bouça.....	72
Foto nº 4 - Pormenor da estrada de Cortes do Meio que liga à Bouça.....	73
Foto nº 5 - Pormenor da loja de Maria de Jesus no lugar de Cortes do Meio.....	73
Foto nº 6 - Vale da ribeira de Cortes, visto de montante para jusante.....	74
Foto nº 7 - Pormenor do vale da ribeira de Cortes visto de jusante para montante.....	74
Foto nº 8 - O lugar de Cortes de Baixo.....	75
Foto nº 9 - Cortes de Baixo e parte do seu território agrícola.....	75
Foto nº 10 - Entrada do lugar da Bouça.....	76
Foto nº 11 - Vista parcial do lugar da Bouça.....	76
Foto nº 12 - Socalcos em Cortes do Meio.....	77
Foto nº 13 - Lameiros em Cortes de Baixo.....	77
Foto nº 14 - Um dos poucos castanheiros ainda existentes..	78
Foto nº 15 - Algum milho que ainda hoje se vai cultivando.....	78
Foto nº 16 - Casal e filhos nos anos 50.....	79
Foto nº 17 - O mesmo casal e a única filha que ficou a viver em Portugal.....	79





Válida apenas para fins da alínea e) do artigo  
377 do código do registro civil

É cópia do assento n.º 33

do ano de 1888. Está conforme

o original e substitui Certidão de

Nascimento

Conservatória do Registo Civil e

Civil, 23 de outubro

de 1989.

N.º 4:

rt.º 25.º	\$
rt.º 5.º	\$
rt.º 36.º	\$
Total	\$

Conta registada em

12834

o ADJUDANTE PRINCIPAL

*Francisco*



N.º 15. Aos vinte e quatro dias do mez d'Abul de au-  
 ro de mil novecentos e quatro, nesta Egreja Pa-  
 rochial da freguezia de São Roque das Cortes, Concelho  
 de Corillã, Diocese da Guarda, por os Santos Oros  
 e suppr as demais cerimoniaes do baptismo sobre  
 ne a um individuo de sexo masculino, a quem  
 dei o nome de Jose, baptisado em casa por  
 perigo de vida, por mim, presbytero abenço, asse-  
 quado, e que nasceu nesta freguezia em nove ho-  
 res da manhã do dia tres d'Abul do corrente anno  
 filho legitimo de João Estevão Moraes, proprietario, e  
 de Patriceira Antunes, d'ocupação domestica, natu-  
 rai, nublados porochianos e moradores nesta freg-  
 zia, neto paterno de Manuel Estevão Moraes da Silva,  
 e materno de Antonio Luiz dos Reis e Car-  
 lina Antunes. Foram testemunhas, servindo de pro-  
 curadores, Manuel Estevão Moraes, proprietario, avô pater-  
 no do baptisado, e Anna Estevão Moraes, solteira, d'oc-  
 cupação domestica; naturais e moradores nesta freg-  
 zia, que se assinam a seguir. E para constar levei em duplicado  
 este assento, que depois de ser lido e conferido perante  
 as testemunhas, que por e não estar por ora habem  
 escrever. Declaro que este me respectivo assento um  
 selo da taxa de cem reis por mim devidamente inutili-  
 zado. Braut supra.

O Parroco Incommodado - Joaquim Dias Fante

O. JUDANTE - 2010.002

Francis Deane



Válida apenas para fins da alínea c) do artigo 377 do código do registro civil.

É fotocópia do asento n.º 15

do ano de 1888. Está conforme

o original e substitui a certidão de

Nascimento

Conservador do registro civil e

Civil, 23 de outubro

de 1989

QUOTA:

rt.º 26.º	8
rt.º 26.º n.º 7	8
rt.º 27.º	8
rt.º 38.º d)	8
cto	8
Total	40
do	

Conta registada sob n.º 19816

X AJUDANTE Principal

Francisco Freire

N.º 22

Sorora,

Atos de quondam dia da mez de abril do anno de mil  
 novecentas e dez, nesta igreja parochial de São Roque  
 dos Cabanos, concellia da Corte Real, diocese da Guarda,  
 baptizei solemnemente um individuo da sexo feminino  
 a quem dei o nome de Sorora e que nasceu no la-  
 gar da Bouça desta freguezia de Souza Noronha aocto  
 do dia dezoito de março do mesmo anno, filha le-  
 gitima de Luiz Thimoteo proprietario e cella-  
 ria, fôr de profissao domestica natural e mora-  
 dor no dito lugar da Bouça desta freguezia, onde  
 foram recibidos e são parochianos, neto paterno do  
 fôr Thimoteo e de Maria dos Reis e materno do  
 fôr Carlos e de Anna Elbarganda. Foram po-  
 sponhos fôr Thimoteo solteiro formoso e  
 Anna da Conceição, solteira de profissao domes-  
 tica natural e aheradores no dito lugar da Bou-  
 ça os quaes mi serem os proprios. E para con-  
 tar fôr em duplicação este assento, que depois de  
 ar lido e confôrdo perante os padraes e o novo  
 signaram por não sabermos escrever. Dada na  
 Collei neste assento um selo da taxa de cem reis  
 por mim devidamente visto e lido e lido e lido.  
 O Parocho P.º Joaquim da Silva Gonçalves

**ANEXO 3B**

Records	Organize	Go To	Exit
NOME	ANA MARGARIDA		
NOME_PAI	JOSE SILVA		
NOME_MAE	MARIA JOAQUINA		
NATURAL	BOUCA		
PROFISSAO	DOMESTICA		
DATA_BAPTI	/ /		
DATA_CASAM	/ /		
CONJUGE	JOSE GOMES CARROLA		
NAT_CONJUG	BOUCA		
NUM_CASAME	0		
OBSERVACOE	N.M.TB M.J.GREGORIA/1890		
DATA_FALEC	/ /		
NUMERO	0		
SEXO	F		
RESIDENCIA	BOUCA, R. FORNO/1896		
PADRINHO			
MADRINHA			

Edit      ||C:\...mestrado\INDIVIDU ||Rec 531/1714      ||File ||      ||

Records	Organize	Go To	Exit
NOME	JOSE GOMES CARROLA		
NOME_PAI	JOSE GOMES CARROLA		
NOME_MAE	MARIA JESUS		
NATURAL	BOUCA		
PROFISSAO	PROPRIETARIO		
DATA_BAPTI	/ /		
DATA_CASAM	/ /		
CONJUGE	ANA MARGARIDA		
NAT_CONJUG	BOUCA		
NUM_CASAME	0		
OBSERVACOE	RES.R.FORNO,BOUCA/1891		
DATA_FALEC	/ /		
NUMERO	0		
SEXO	M		
RESIDENCIA			
PADRINHO			
MADRINHA			

**ANEXO 3C**

Edit      ||C:\...mestrado\INDIVIDU ||Rec 530/1714      ||File ||      ||

Records	Organize	Go To	Exit
NOME	MARIA JOSE CARROLA		
NOME_PAI	JOSE GOMES CARROLA		
NOME_MAE	ANA MARGARIDA		
NATURAL	BOUCA		
PROFISSAO			
DATA_BAPTI	03/05/88		
DATA_CASAM	06/05/06		
CONJUGE	LUIS TIMOTEO		
NAT_CONJUG	BOUCA		
NUM_CASAME	0		
OBSERVACOE	FAL.CORTES		
DATA_FALEC	01/01/62		
NUMERO	0		
SEXO	F		
RESIDENCIA	BOUCA		
PADRINHO			
MADRINHA			

**ANEXO 3A**

Edit    ||C:\...\mestrado\INDIVIDU ||Rec 529/1714

||File ||

||

Records	Organize	Go To	Exit
NOME	AURORA		
NOME_PAI	LUIS TIMOTEO		
NOME_MAE	MARIA JOSE CARROLA		
NATURAL	BOUCA		
PROFISSAO			
DATA_BAPTI	03/18/10		
DATA_CASAM	/ /		
CONJUGE			
NAT_CONJUG			
NUM_CASAME			
OBSERVACOE			
DATA_FALEC	/ /		
NUMERO	0		
SEXO	F		
RESIDENCIA			
PADRINHO	JOSE TIMOTEO		
MADRINHA	ANA CONCEICAO		

**ANEXO 4A**

Edit    ||C:\...\mestrado\INDIVIDU ||Rec 1665/1714

||File ||

||

Catharina filha de Bonifacia Maria, de pay meo  
 meo neptta materna de Eternu' Bernardy natu-  
 ral das fortz de baixo frequencia, pdeu no meo tem-  
 po do lugar do Paul, do dho Maria. Nunez deste lugar  
 das fortz de mais frequencia, que esta no meo tempo  
 do lugar do Cordeiro do dho tubem de natural  
 a ditta Bonifacia Maria. Digo que a natural  
 deste ditto lugar das fortz do barto nasceu em  
 noventa e hum dias do meo de dezembro de  
 mil sette centos e oitenta e quatro, foi baptizada  
 sollemnmente por nome de Jura Joze Perez  
 de Matty em nove dias do meo de Janeiro de  
 mil sette centos e oitenta e cinco foras do dho  
 Antonio da Silva e Jura Maria Bernardes deste lugar das  
 fortz do meo e de seism e hum dias de Maio de  
 mil e setenta e hum e Manuel Luiz deste ditto lugar de que tudo  
 sej este assento da meo e a dho ut supra  
 Jura Joze Perez de Matty  
 Manuel + Luiz Manuel + Perez o meo



81  
 22  
 Antonio filho legitimo do primeiro Matrimonio a utraque  
 parte de Joao da Silva e de Maria Nunes ambos naturaes  
 desta freguesia; Nito Paterno de Joao da Silva desta freguesia  
 e de Maria da Silva do lugar da Bouca freguesia de Santo Maria  
 da Villa de Covilhã; e Materno de Manoel Affonso desta  
 freguesia, e de Brites Nunes do lugar da Bouca, naceo  
 aos vinte e tres dias do mez de Agosto da era de mil e cento e setenta  
 e tres annos, e foi solemnemente baptizado por mim  
 o cura abaixo assignado aos vinte e hum dias do dito mez  
 forao padrinhos Manoel e Louisa Solteiros filhos de Joao  
 Rodriguez Lobo forao testemunhas Domingos Baratto dos  
 Santos, Felgado do lugar do Pinheiro, e Manoel da Silva desta  
 freguesia de Sao Roque do lugar das Cortes do mao para  
 que conste fasso este termo que assigno dia mez e anno  
 ut supra  
 M. da S.  
 Domingos Baratto dos Santos Cura Ant. Baratto dos Santos